Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

DOMINGO, 28 DE NOVEMBRO DE 1971 - N.º17578 ANO 51.º - PREO 1$50

EDIÇÃO DE DOMINGO

HECATOMBE À VISTA

O Exército Indiano já está a lutar no Paquistão

O Exército indiano já está a combater ao lado do Bangla Desh? Os bengalis desmentem, Nova Delhi também. Mas o enviado especial de «Le Monde», Gerard Viratelle, viu com os seus próprios olhos a intervenção de forças indianas ao lado dos rebeldes bengalis, na grande ofensiva que visa a isolar a importante cidade de Jessore do Norte e do Sul do Paquistão Oriental. Certas partes do «território livre» já estão, também ocupadas por tropas indianas, que não se limitam a treinar e a fornecer armas aos rebeldes, mas lhes dão cobertura de artilharia cada vez mais eficaz e ampliam consideràvelmente o que em Nova Delhi se chama «posições defensivas». Hecatombe à vista? O próprio Bangla Desh não vê com bons olhos a afoiteza indiana e antecipa estar disposto a combater não só as forças do Paquistão Oriental, mas também «qualquer exército estrangeiro» que tente roubar-lhe uma vitória que considera «próxima». (NA PÁGINA 24)

HOJE 32 PÁGINAS
VISADO PELA CENSURA

CRISTO SUPER-ESTRELA

A Broadway delira. Londres já se prepara para ver. Depois de «Hair», é o maior acontecimento teatral dos últimos tempos. Opera? «Happening»? A crítica é unânime em considerar «Jesus Cristo, Super estrela» totalmente superior a «Hair». Os seus autores têm vinte e poucos anos: são Tim Rice (holandês) e Andrew Lloyd (inglês), que dividiram entre si a música e o texto. Os intérpretes principais são Ian Gillan (na foto acima), que faz um Cristo apresentado como o primeiro «hippie» da História, e Yvonne Elliman (à direita), Maria Madalena que chora o seu arrependimento acompanhando-se ao violão, em melodias que já se tornaram coqueluche.

A

VOLTA A PICAR
nas págs. 7 a 9

Mulher-polícia e heroína anónima

O nome não interessa: todas as mulheres-polícias da Patrulha Especial de Belfast são heroínas anónimas que enfrentam diàriamente o perigo nas zonas atingidas pela violência na Irlanda do Norte. Esta da foto é uma das 135 mulheres-polícias do Ulster, quando se preparava para levar ajuda a mulheres que residem perto do edifício do Serviço de Emprego para a Juventude, totalmente destruído por uma bomba.

A selecção doente

Domingo é dia de ver e discutir futebol. Propomos dois temas polémicos: a «Radiografia de uma selecção doente», em que Santiago Casal aborda alguns detalhes chocantes do último Portugal-Bélgica, e «O Campeonato sem papas na língua», em que Neves de Sousa analisa objectivamente o panorama do maior certame do futebol português, na hora do nono arranque. (PAGINA 16 e 17)

A arte Índia está a agonizar

As artes mais antigas da América, as incríveis peças de tapeçaria, a frágil cerâmica, os intrincados cestos dos Indíos americanos, estão a desaparecer, como se se tratasse do começo da seca de um grande rio, que se inicia pelo desaparecimento da fonte.

A admiração pela arte Índia, que cresceu últimamente com o entusiasmo das pessoas, manifestado, principalmente, nas últimas três décadas, não salvará as preciosas peças criadas pelos artistas índios, que estão, lentamente, a desaparecer. São aliás, cada vez menos os que estão, ainda, vivos.

Ida Redbird, a famosa mestra de cerâmica da tribo de Maricopa, morreu em Agosto, com 79 anos de idade, quando um raio destruiu a árvore debaixo da qual dormia.

Maria Martinez, virtualmente imortalizada por Alice Marriotts, na sua obra «Maria, a Ceramista de San Ildefonso» (1940), ainda é viva e executa, de vez em quando, uma peça ocasional da sua afamada cerâmica negra. Mas a sua última peça conhecida data de 1970, e Maria tem, já 86 anos.

No Pueblo de Cochiti, no Novo México, terra das figuras estilizadas de animais, dos contadores de histórias, a mais respeitada escultora nativa, Helen Cordero, já na casa dos sessenta, sofreu recentemente um ataque cardíaco e a sua produção diminuiu substancialmente.

Teresita Romero, outra das artistas, tem já 76 anos e trabalha muito pouco. Ainda uma outra, Dominguita Quintana tem 90 anos e já não trabalha.

OS TAPETES

Entre os Chemehuevi, os Yavapai, os Pima e os Jicarilla, apaches «mescaleros» do Oeste, que costumavam fazer os mais elaborados cestos da arte nativa, de pequenos entrançados, a arte está virtualmente morta.

Os famosos tapetes «navajos», agora em franca prosperidade, talvez ilustrem melhor o paradoxo, por confrontação com as peças da velha arte: A qualidade está melhor do que nunca, tal como as ofertas em dinheiro, enquanto a quantidade de trabalhos produzidos diminuiu a olhos vistos.

A causa, para os índios, é uma velha história: o choque entre o novo e o velho, significando, aqui, modernos métodos económicos aplicados a uma tradição que não os comporta.

Em simples termos de economia, isso não paga - e quase nunca pagou - para entrançar um tapete ou fazer um pote. Não interessa o quanto se paga, pois isso não beneficia em nada os artistas ou seja o seu ganho é muito reduzido, muito mais do que o de um empregado de uma estação de gasolina ou do que o que ganha um trabalhador rural.

A HISTÓRIA

São mulheres os fazedores desta arte, e muitas delas mostram relutância em passar a sua arte aos filhos, preferindo incitá-los a partir para longe.

Originalmente, as artes índias não eram artes no sentido exacto da palavra, simples construção de objectos de utilidade prática que, com o correr do tempo, foram adquirindo sinais específicos de gosto e de personalidade de expressão. Os desenhos em tapetes, mantas, cestos e cerâmica, começaram a ter características próprias da tribo a que os seus manufactores pertenciam e, ocasional e raramente, significado religioso.

Quase no final do século passado, duas coisas vieram alterar dràsticamente o futuro dos objectos de arte índia. Em primeiro lugar os tapetes, cestos e cerâmica comerciais passaram a estar fàcilmente ao alcance dos índios e estes pensaram, de pronto, em perder algum dinheiro para adquirir uma máquina barata que fizesse o mesmo trabalho em muito pouco tempo, quando eles gastavam, por vezes, trezentas e cinquenta horas para terminar uma peça. Hoje os «Navajos» não usam, pràticamente nenhum dos tradicionais processos.

Enquanto isto se passava, os índios foram «descobertos» pelos antropologistas. Foram então informados de que tudo o que haviam feito, mesmo com intuito utilitário, era, de facto, a verdadeira arte aborígene. Começaram, então, a fazer em série uma quantidade enorme de trabalhos. A artesã, colocada perante essa afirmação, e sabido agora que o desenho com que ela sonhara apenas, nessa mesma noite, era o clássico «Three clouds pattern», desatou a fazer **clássicos** «three clouds pattern» durante anos e anos. E o desenho tornou-se, de facto, clássico.

Os peritos pensam que todos estes desenhos, esta forma de trabalho mesmo, tudo isto desaparecerá, pelo menos no que respeita às características que manteve durante anos, numa década ou duas, quando muito. Os museus e os coleccionadores já se entregam a uma caça intensa aos trabalhos mais representativos, e os preços estão a subir consideràvelmente.

A ALTA

Por uma pequena peça de Maria Martinez, a especialista em cerâmica negra com brilho de estanho, trezentos dólares não são nada de exagerado, como preço inicial.. A peça conhecida por «Trigo Azul» era, no entanto, ligeiramente mais barata.

Setecentos ou oitocentos dólares por duas peças de tapeçaria são um bom preço apesar de corresponderem, sensìvelmente, ao dobro do preço inicial das peças mais pequenas.

Nenhuma das somas finais pode ser considerada exorbitante se tivermos em consideração o número de horas necessárias para confeccionar os vários produtos.

Para fabricar um pote, por exemplo, uma mulher tem de andar muitas milhas entre a sua aldeia e o depósito de barro mais próximo, transportando o máximo que a resistência lhe consente.

Há ainda as horas intermináveis da preparação do barro e da modelação da peça. A morosidade do trabalho é o resultado do facto de no artesanato nativo não ser utilizada a roda de cerâmica.

As peças secam ao sol, sendo a seguir decoradas com um líquido composto por barro de várias cores misturado com água. Numa fase posterior a peça é cozida ao lume.

O processo é rápido se o compararmos, por exemplo, ao tempo de trabalho dum tecelão Navajo. Aqui a família tem o trabalho todo a seu cargo: desde a tosquia das ovelhas até à tecelagem em teares verticais, não tendo os padrões sido alterados durante séculos.

O tecelão Navajo conserva minuciosamente na memória, durante semanas e mesmo meses, os seus desenhos, conseguindo obter formas duma inacreditável simetria.

No fim é vulgar uma mulher chegar a receber menos de um dólar por cada hora do seu exaustivo trabalho.

Por

DAVE SMITH

Exclusivo «The Los Angeles Times» /«DL»

SURDEZ

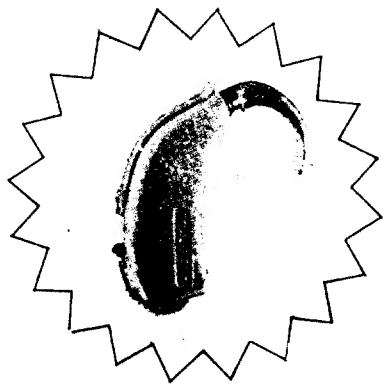
CENTRO AUDITIVO

— A Casa mais moderna em Aparelhos Auditivos —

LISBOA — Rua Aquiles Monteverde, 32-1.° • Telef. 5 95 97

(à Estefânia — frente ao Jardim Constantino)

SEMPRE OS ÚLTIMOS MODELOS em aparelhos para correcção da surdez



★ Audição frontal, produzindo som natural e nitidez inigualável
★ Tamanho discreto — forma anatómica
★ Graduação individual para cada caso
★ Audição indutiva para telefone e TV.
★ Custo mínimo de manutenção-pilha carregável

SERVIÇO ESPECIALIZADO onde os clientes encontram a melhor boa vontade para serem conscienciosamente orientados.

NO SEU PRÓPRIO INTERESSE PREFIRA:

QUALIDADE • TÉCNICA • GARANTIA

Direcção: Francisco Marcão

(23 anos de especialidade)

MARIA VITÓRIA

2 SESSÕES ÀS 20.45 e 23 H.

(GRUPO D 18 ANOS)

Produção de GIUSEPPE BASTOS E VASCO MORGADO

Ribeirinho

A REVISTA POPULAR

«Ó Zé aperta o cinto!»

com SALVADOR, IVONE SILVA, NICOLAU BREYNER, VITOR MENDES, ANGELA RIBEIRO, CARLOS QUEIROS e, ainda, MARIEMA e RIBEIRINHO e a atracção nacional ANTÓNIO MOURÃO

VASCO DA GAMA FERNANDES

ADVOGADO

Escritório: Rua Marquês de Fronteira, 113-4.°

Telefone 65 44 68 — LISBOA

LIVROS: PRESENTE DE QUEM É ALGUÉM

EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO

Por Marcel Proust

A Fugitiva é o título do 6.° e penúltimo volume da monumental obra de Proust que foi agora editada

Preço: 70$

OS VALORES BURGUESES

Um tema aliciante de grande actualidade

Colecção Pró-Contra vol. 7

Pró: George Hourdin — Contra: Gilbert Ganne

Preço: 25$

AS VIÚVAS ANDAM DE LUTO

Por A. A. Fair

Uma obra plena de interesse e de desfecho espectacular

Col. «Vampiro» — Preço: 15$

METAMORFOSE

Por FRANZ KAFKA

Nova edição deste sensacional livro, do autor de O PROCESSO ILUSTRADO

Preço: 30$

À venda nas Livrarias

Pedidos contra-reembolso:

LIVROS DO BRASIL

Rua dos Caetanos, 22 — Lisboa

COMUNICADO

AO COMPLETAR O SEU 1.° ANO DE TRABALHO E INICIAR UMA NOVA FASE DO SEU DESENVOLVIMENTO, A **EDITEC** — CONSÓRCIO TÉCNICO DE EXECUÇÃO DE PROJECTOS E OBRAS, PRODUTORA DAS CASAS PRÉ-FABRICADAS **STÓRIA**, CUMPRIMENTA OS SEUS EX.MOS CLIENTES E AGRADECE A CONFIANÇA QUE NELA TÊM DEPOSITADO.

Uma Europa sem conflitos?

Por ANDRÉ FONTAINE Exclusivo «Le Monde»/«DL»

O Presidente da República austríaca em visita oficial à Itália. A Albânia nomeia um embaixador em Atenas. Chegadas no mesmo dia, estas duas notícias passaram quase despercebidas, entre a multidão de notícias da actualidade. No entanto, ambas caracterizavam a evidente transformação do clima político europeu. Com efeito, significam que dois conflitos-Alto Adige e Império do Norte - durante muito tempo aparentemente insolúveis, foram resolvidos e ultrapassados.

O espantoso na conjuntura actual é que o mesmo se pode dizer, pràticamente, de todos os letígios territoriais que, ao longo dos tempos, dilaceraram a Europa. Os pomos de discórdia tradicionais desapareceram um a um. Há muito que o Sarre e Tristão não são problemas. Bonn reconheceu a linha Oder-Neisse. O acordo sobre Berlim necessita apenas de um pequeno retoque. As duas Alemanhas aceitam-se mútuamente e vão entrar juntas nas Nações Unidas. É talvez a primeira vez, na história do continente, que não há fronteiras contestadas nem litígios entre estados. A Europa, pelo menos, realizou a curiosa proposta formulada por Nikita Khruchtchev, em Dezembro de 1963 e logo esquecida, e que tendia a consagrar, definitivamente, as fronteiras existentes.

PROGRESSOS

Os especialistas vão contradizer esta afirmação. Vão salientar que o destino da zona B de Trieste ainda não está legalmente resolvido: o Marechal Tito apercebeu-se o ano passado que, em Itália, muita gente o recordava. O Par lamento de Bonn também ainda não ratificou o já antigo tratado que transfere para a França a floresta de Wissembourg. A RFA e a Checoslováquia ainda não resolveram a questão complexa da nulidade dos acordos de Munique de 1938. Encontrar-se-iam, sem grandes dificuldades, outros exemplares comparáveis. No entanto, esses casos, que fazem a alegria dos intriguistas, já não suscitam paixões. Impossível pensar em fazer correr sangue para resolver um traçado que se contesta.

É preciso ser muito jovem para encarar isto como normal. Naturalmente, quem tenha memória ou conheça a história, espanta-se, embora o espírito humano se incline mais a notar o que está mal do que, excepcionalmente, está certo. No entanto, é sempre de admitjr que, em comparação com a Africa e a Ásia, à Europa fez imensos progressos em direcção à paz.

AS DIVISÕES

Há, no entanto, duas observações susceptíveis de alterar o optimismo desta contestação:

1) Agora, que não são contestadas do exterior, não passarão as fronteiras a ser contestadas do interior? Dois casos ocorridos nas extremidades da Europa, um antigo e outro mais recente, levam a colocar a pergunta. Em Chipre, os acordos de 1960 e a tripla garantia da Grécia, Turquia e Grã-Bretanha não bastaram para estabelecer a paz entre as duas comunidades, grega e turca. Apenas a presença dos «capacetes azuis» das Nações Unidas, cuja missão é periódicamente renovada, impede que recomecem os tiros, Na Irlanda do Norte, o exército britânico ainda não logrou desempenhar o mesmo papel entre protestantes e católicos.

Um desses territórios é possessão inglesa, outro foi-o durante meio século e pertence ainda ao Commenwealth. Deveremos ver uma relação causa-efeito entre esta pertença e os conflitos surgidos? Os efeitos trágicos da velha regra «dividir para reinar» - *divise and rule* - na qual se inspirou, no decorrer da história, a política de Londres, e que são patentes no Próximo Oriente e subcontinente indiano, levam a não subestimar a responsabilidade inglesa.

O *divide ut imperes* dos romanos não foi, no entanto, traduzido apenas em inglês. Em todos os tempos o imperialismo a usou. Vemos os seus traços um pouco por toda a parte na Europa, sobretudo nas Balcãs, onde as diversas nacionalidades, sem poderem ou quererem federar-se, foram sempre submetidas ás rivalidades das hegemonias e às partilhas das influências. Por ter conseguido, pela primeira vez na região, escapar ao protectorado estrangeiro, a Jugoslávia conhece hoje, no interior das suas fronteiras, o eco enfraquecido da luta das grandes potências, o qual, uma vez morto Tito, pode tomar - todos o pressentem - proporções totalmente diferentes.

Na verdade, nenhum país escapa totalmente ao despertar das suas contradições internas e as simples desigualdades no desenvolvimento económico bastariam para explicar a tensão latente entre o Norte e o Sul em países de regimes tão diferentes como a já citada Jugoslávia, a Itália ou a Espanha. As últimas eleições belgas mostraram a fragilidade do compromisso linguístico, laboriosamente realizado pelo Governo Eyskens, e é preciso bastante optimismo para acreditar que as reformas encaradas pelo país vão pôr fim aos problemas da Lorena ou da Bretanha.

É sempre vão pretender explicar um conflito por uma só causa e mais ainda encontrar uma causa comum para conflitos que se desenrolam em regiões muito diferentes pela História, o clima, a religião e os costumes. Mas a coincidência entre a extinção progressiva das rivalidades externas e o despertar daquilo que teria sido antigamente encarado como uma simples questão doméstica não é sem dúvida fortuita. A consequência duma ameaça estrangeira, a vontade de recuperar uma província perdida, ou de estender as fronteiras para acrescentar o «espaço vital» da Pátria, apagam, na consciência colectiva, as outras frustrações. Mas estas estão condenadas a despertar logo que desaparecem as grandes ambições e os grandes medos em relação aos quais se mobilizavam periódicamente as nações nos tempos antigos.

2) Foi preciso terem-se perdido, na corrida aos armamentos, riquezas incomensuráveis, para chegar ao que se chamou o «equilíbrio do terror», e muitas situações «à beira do abismo» para que nos persuadíssemos de que se tornava impossível, não só a guerra, mas mesmo o pôr em questão o *statu quo* europeu. Hoje a grande maioria de opinião em todos os países interessados, raciocina como se a paz, na Europa, estivesse assegurada *ad vitam aeternam*. Não há senão os estados maiores, por um lado, e alguns grupos de pacifistas, por outro que levem a sério o problema de defesa e de armamentos.

PERSPECTIVAS

A história ensina no entanto que nunca houve estabilização durável, excepto sobre uma autoridade incontestada, uma hegemonia, uma única. A situação que hoje prevalece, a da dupla hegemonia, à sombra da qual se perpetua a dupla partilha do Mundo entre países socialistas e capitalistas e entre ricos e pobres, não pode durar. Com efeito quatro elementos podem afectá-la:

a) *um afastamento americano*, mesmo limitado. O equilíbrio actual da Europa repousa sobre dois pilares. Se a consistência de um destes pilares se modifica em relação ao outro, como pode o equilíbrio não se modificar? Seria errado, a este respeito, subestimar as consequências possíveis da conferência sobre segurança europeia e com mais razão, uma eventual negociação sobre a redução de forças na Europa Central. Sem dúvida, esta perspectiva não é estranha à determinação com que Heath dirige a Inglaterra para a Europa e ao encorajamento que recebe de Pompidou.

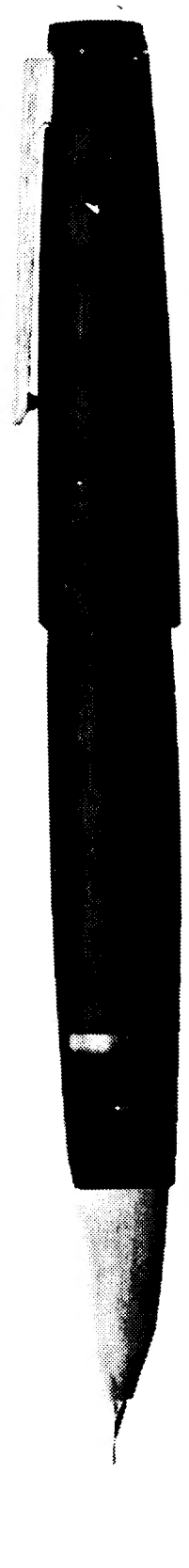
b) *um enfraquecimento da autoridade do Kremlin sobre o seu enclave*, na sequência de um período de relaxamento que fez desaparecer os pretextos — perigo de guerra militar alemão — muito tempo invocados para justificar a sua manutenção. Poder-se-á, pôr de parte, deste ponto de vista, a ideia de uma aproximação dos dois estados alemães entre os quais a paz se está a fazer a pouco e pouco?

c) *perturbações internas em qualquer país*, embora a crise de 68 em França e a invasão da Checoslováquia tenham feito notar claramente a dificuldade de pôr em causa, do interior, a partilha da Europa.

d) *a entrada dos delegados de Pequim nas Nações Unidas*, que amplifica, desde já, a contestação pelo terceiro mundo duma «dupla hegemonia» que o reduz à pobreza.

De facto, a contestação desta dupla hegemonia é do interesse da própria Europa, que 25 anos depois da libertação continua dividida em duas, normalmente impotente para pesar nas grandes decisões planetárias e profundamente dependente, para a sua segurança, da boa vontade das grandes potências, de que o desinteresse não é qualidade principal. Dispõe de pouco tempo para mostrar se é capaz de se unir o suficiente para ultrapassar a sua desvantagem ou se, depois de ter dominado a história durante três milénios, abandona definitivamente a outros o cuidado de escrever a continuação.

Uma continuação que apenas uma avestruz poderia julgar não a afectar.



LAMY

uma oferta pessoal, original no formato e na cor

Uma oferta pode tornar-se inesquecível. Basta ser LAMY. É um presente sempre presente: na requintada aparência da LAMY 2000 ou nas cores jovens da LAMY design 20 ... é um pouco do Natal que fica.

LAMY 2000 — verdadeira caneta para homem. Linhas modernas e funcionais, aparo de ouro 18 quilates coberto a platina, depósito de grande capacidade permitindo 3500 assinaturas. Várias vezes premiada internacionalmente, LAMY 2000 apresenta-se em negro fosco e aço despolido: pormenor de bom gosto.

LAMY design 20 — jovem e elegante. Caneta, esferográfica e marcador, dentro da arrojada linha de concepção LAMY, nas cores rosa velho, negro fosco ou ocre. Clip invulgar, aparo coberto a platina. Fabricada em aço e "makralon" inquebrável.

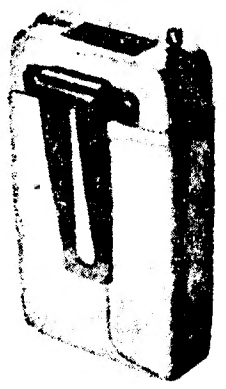
LAMY

caneta alemã o seu brinde neste Natal

À VENDA NAS BOAS CASAS

Com exposição nas:
PAPELARIAS SILVA — Av. Guerra Junqueiro, 13 Lisboa
PAPELARIA FERROS — R. de S. Julião, 64 Lisboa

Representante: ARTUR WESTHEIMER Lda., R. Maria Andrade 42-2.° D, Lisboa-1



MODELO 707

SURDOS

CASA SONOTONE

Há muitas casas da especialidade... mas... SONOTONE há só uma. NÃO CONFUNDAM! Trocas, facilidades de pagamento, tudo encontrareis inclusivé os aparelhos populares que continuamos vendendo por 2.500$00, com garantia.

As nossas CASAS esperam-vos:

Em Lisboa, Poço do Borratém, 33 s/l. — Telef. 86 83 52
No Porto, Praça da Batalha, 92-1.° — Telef. 3 56 02
Em Angola, R. António Enes, 42-2.° Apart.° 26 — Luanda

Carlos Paredes.. as palavras e a música

Carlos Paredes depõe, Dórdio Guimarães regista

Vai surgir no mercado do disco, precisamente no dia 10 de Dezembro, mais um LP de Carlos Paredes, em edição dos Estúdios Valentim de Carvalho. Carlos Paredes, o mestre da guitarra portuguesa, é constante e permanente motivo de conversa. A sua imaginação e os seus projectos no sentido da valoração do instrumento que tão apaixonadamente cultiva, são inesgotáveis motivações para o repórter.

— Este LP que vai sair — começou por nos dizer — interessa sobretudo à geração seguinte aos grandes guitarristas de Coimbra. Nele incluí as primeiras composições que fiz para guitarra, já sob influências que não cabiam no fado de Coimbra. Reportam-se estes arranjos a uma fase de renovação que se verificava na evolução do fado de Coimbra, equivalente às actuais baladas e ao mesmo tempo ao fecho do período áureo que coincidiu com a saída do firmamento coimbrão de um Artur Paredes, de um Edmundo Bettencourt ou de um Paradela de Oliveira. O meu pai e Bettencourt (que sempre estiveram muito ligados), tinham conseguido revolucionar esse tipo de actividades musicais, voltando-se para a música popular, procurando outras expressões na guitarra e na canção, mas sem quebrar aquilo que é fundamental no fado de Coimbra, êsse estilo comum à balada de Coimbra dos últimos 40 anos, que foi o seu período mais definido. Este fenómeno de ir ao encontro do povo em geral com a balada criada pelo Adriano Correia de Oliveira e pelo Luís Goes, tinha sido já conseguido pelo Bettencourt num contexto embora diferente. O Bettencourt foi o primeiro a saber aproveitar, dentro de um estilo pessoal, algo do manancial de canções trazidas por estudantes provindos de vários pontos do país. Ele adaptou-as ao estilo coimbrão. Daí resultou a primeira recolha importante do cancioneiro popular que resultou um livro coligido por Joyce recolha essa que decisivamente impulsionou Lopes Graça a interessar-se pelo nosso folclore.

Carlos Paredes, torrencial, evocou em seguida a origem sistemática da verdadeira canção nacional:

— O clima criado por tal movimento, sugeriu ao Bettencourt a ideia de gravar essas toadas e de as divulgar (ele próprio contribuindo para esse cancioneiro com as suas trovas madeirenses) em discos que exprimiam êsse novo tom nascente. Nem dos grandes êxitos dessa recolha, «Quando eu era pequenino», o próprio Bettencourt acrescentou uma quadra sua que o povo de pronto adoptou. A associação do poeta, do cantor e da guitarra, que está implícita numa amizade e afinidade artística que sempre uniu meu pai a Bettencourt, repete-se mais tarde com António Portugal, Manuel Alegre e Adriano Correia de Oliveira. Nas primeiras composições que fiz e que vagamente se enquadram nestas premissas, há já um afastamento inevitável que me permitiu uma série de alterações em que difusamente se vislumbra a presença do fado de Coimbra. Depois a colaboração com o teatro e o cinema, definiram-me outros caminhos. As duas faces dêste disco, são o referendo dos dois aspectos distintos da minha música. De qualquer modo, o disco reporta-se a um período que já foi ultrapassado, pois no campo da técnica, da associação da guitarra com outros instrumentos, na harmonia, já fiz outras experiências que representam a aspiração de criar uma linguagem para a guitarra mais actualizada e que pretendem, pelo menos, cumprir essa aspiração no «sentido» da guitarra portuguesa.

A GUITARRA

— A que ponto já chegaram as suas investigações sobre a guitarra portuguesa?

— Para já suponho poder concluir que, ao contrário do que eu pensava, a guitarra portuguesa, no aspecto de construção, atingiu a sua forma definitiva. Ensaiei todas as modificações de estrutura possíveis e verifiquei que, para além dos limites de extensão das notas graves, surgiu um novo instrumento. O mesmo sucedia quando se diminuia o número de cordas para 4, embora isso facilitasse o jogo da vibração das cordas com a mão direita. Com 5 cordas ficaria um instrumento instável, indefinido. E com um número maior que o das 6 cordas duplas que contém, havia um desiquilibrio que prejudicava a unidade do instrumento. Portanto, a partir daqui, o único caminho possível para desenvolver a guitarra, é fazer evoluir a técnica de execução, sem perder tempo a modificar o que é fundamental na estrutura do instrumento e que no fim o define desde o século XVI.

— Mas tem-se verificado que o Carlos Paredes sobrestima o fenómeno inspiração em relação à especulação virtuosística. Isso leva a avaliar que o criador sobrepuja em si o executante. Está de acordo?

— Sem dúvida. A criação está antes de tudo e para além do mais. O virtuosismo acaba por enredar o próprio guitarrista. Torna-se um obstáculo e pode anular certas capacidades. Vencer as dificuldades virtuosísticas, torna-se um jogo fácil, desde que se tenham capacidades naturais adequadas. Sem essas possibilidades virtuosísticas não quer dizer que se não possam revelar outras qualidades mais musicais do que pròpriamente virtuosísticas.

O DILEMA

A finalizar, uma questão em que Carlos Paredes ainda não manifestara uma posição pública. A esta pergunta que se segue, fica um depoimento, dos mais seguros e profundos que nos foi dado escutar sobre o dilema. Damos na íntegra o seu esclarecimento, pois consideramos uma análise adulta e fecundíssima para a compreensão do que tanto se tem dito e redito, sem nunca acertar.

Que importância podem assumir as palavras dentro da música?

— Uma canção ligeira, uma canção do quotidiano, como também lhe chamam, nunca deverá, em minha opinião, fazer deliberadamente da música o centro principal das atenções. As palavras seriam então pràticamente inúteis. E tanto assim é, que normalmente quando isso acontece, as letras não querem dizer nada, falam de bagatelas, baralham a realidade, brigam com a música ou são afogadas pela má dicção e indiferençado intérprete. Teremos talvez, então uma excelente música instrumental, e um bom exercício para a voz, uma forma divertida de iludir a verdadeira razão de cantar, mas nunca uma autêntica canção. Quer sejam a música ou a letra criados primeiro, o resultado final deverá dar sempre uma ideia perfeita de subordinação da música às palavras e das palavras à observação inteligente e original da realidade. Isto não quer dizer, de maneira nenhuma, que se não procure dar a ambas o mesmo grau de significação e de beleza. Admito, no entanto, que é mais aceitável uma canção ligeira com uma boa letra e uma música menos significativa do que o contrário. É claro que tudo isto foi já compreendido e realizado nos exemplos mais felizes da nova canção portuguesa, com evidentes reflexos na canção ligeira tradicional. Mas, sem menosprezar o talento de melodista e a comunicabilidade da inspiração dos nossos melhores autores de música ligeira, alguma coisa de muito importante ainda está por conseguir no campo estritamente musical. E o que fàcilmente se compreende quando confrontamos a nossa música ligeira com a mais representativa música popular portuguesa, por exemplo. Evidentemente que poderemos, muito còmodamente, ignorar a música popular portuguesa, da mesma forma que poderemos ignorar a chamada música erudita, o *jazz* e tantas outras manifestações musicais que, por estarem libertas das peias que acorrentam a música ligeira, nos poderiam abrir novas perspectivas, quando cuidadosamente consideradas. Mas a verdade é que, já pelo facto de pretendermos uma nova música ligeira portuguesa, estamos a colocá-la no âmago das manifestações culturais do nosso tempo. Embora alguns, talvez, não se apercebam, essas manifestações estão, no seu conjunto, a produzir uma verdadeira revolução no gosto dos nossos compatriotas, sobretudo devido ao acesso aos grandes meios de comunicação. A música ligeira portuguesa, apesar de todos os seus êxitos, não poderá ficar eternamente isolada e indiferente. Ora, o que é que se está passando de novo, entre nós? Até ainda há pouco tempo, nas escolas, nos liceus, nas universidades, aprendia-se a conhecer e a entender a obra das grandes personalidades literárias, mas, ao lado delas, nem uma só vez, figurava o nome de um grande músico português ou de outro país qualquer. E, diga-se de passagem, uma Nona Sinfonia de Beethoven não é menos importante que os Lusíadas e a obra de Carlos Seixas não é, com certeza, inferior à de alguns poetas e escritores do século XVIII que figuram nas antologias escolares. O que de mais original e representativo na música do nosso povo foi possível recolher e conservar, só agora começa a chegar ao conhecimento das grandes massas. A importância do *jazz* também só agora começa a ser geralmente compreendida, através da sua influência na Bossa Nova e na Música Pop. A música tradicional africana e dos países orientais encontra-se actualmente, como em nenhuma outra época, mais próximo de nós, uma vez que, tanto na Asia como na África, se desenrolam acontecimentos dos quais têm participado os nossos sentimentos políticos e humanos. Não vou sugerir que se dê à música ligeira, assim de um dia para o outro, um carácter verdadeiramente folclórico. No que me diz respeito, eu próprio me esforcei nesse sentido, para chegar à conclusão de que é muito mais fácil inventar e expôr teorias cheias de lógica que realizá-las na prática, de forma conveniente. Também não considero aceitável que se copiem, pura e simplesmente, só porque isso não levanta problemas difíceis, as realizações estrangeiras no âmbito da nova música popular. Da mesma forma, não será a música africana ou oriental que nos poderá servir de modelo. E, quanto à música erudita, não devemos esquecer que um dos principais obstáculos que dificultam a plena utilização da capacidade criadora do músico ligeiro (músico ligeiro popular, se quiserem) advém precisamente do facto de ele se servir de fórmulas simplificadas (digamos: falseadas) que se têm vindo a extrair, subsidiàriamente, das técnicas melódico-harmónicas da música erudita de várias épocas. O que eu alvitro é que, sem perder o contacto com todas as actividades de recolha, selecção e divulgação, dos especialistas respectivos, nós, os músicos ligeiros, procuremos, pelo nosso lado e à nossa maneira, outras formas de comunicação, espontâneas e vivas, com os criadores da autêntica música popular (portuguesa e não portuguesa), da música de *jazz*, da música erudita e, apelando sempre para toda a nossa capacidade de descoberta e de crítica, vamos reunindo, com o que aprendemos, o material para construir aquilo a que poderemos chamar, em sentido figurado, um verdadeiro «tratado colectivo», isto é, feito com a colaboração de todos. Não pretendo que a música ligeira portuguesa venha alguma vez a confundir-se com o folclore tradicional, com o *jazz*, com a música erudita, mas, muito simplesmente, que se integre no que, comum a todos os géneros de verdadeira música, pode ser considerado autêntica criação musical. Só a partir duma consciência colectiva da criação musical conseguiremos afirmar a nossa personalidade e o direito a uma justa projecção universal.

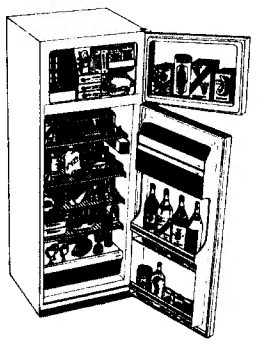
Para uma recepção mais calorosa, para um convívio mais íntimo

COINTREAU
nas suas festas de Natal e fim de ano

COINTREAU
SIMPLES OU COM GELO, É BOM

Representante e distribuidor
ANTÓNIO A. TEIXEIRA, LDA.
LISBOA - PORTO

ATRIUM
PARA VOS SERVIR
SELF SERVICE
SNACK BAR
Rua de S. Julião

APROVEITE O NOSSO SENSACIONAL
PLANO DE TROCAS
A PREÇOS "FORA DA ESTAÇÃO"
Troque o seu frigorífico normal por um frigo-congelador de 2 portas
ARISTON

Aproveite esta oportunidade. ARISTON — uma das marcas mais vendidas no mundo — dá-lhe todas as vantagens. Peça informações nos revendedores ARISTON.
ARISTON
FOGÕES · FRIGORÍFICOS · MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA E LOUÇA · MÓVEIS DE COZINHA
FRINEVE - Rua Conde Redondo, 62-A Lisboa

ARDINA
UMA OBRA DE EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS POBRES
Colabore nesta Obra, enviando trabalhos às Oficinas tipográficas da casa do Ardina.
Rua Dr. Oliveira Ramos, 7 Lisboa - 1

ROUPEIROS ESTANTES
e quaisquer outros MÓVEIS modernos ou de estilo, por desenhos, executa o fabricante
ARTIS
Rua Maria Andrade, 64
(perto da Igreja dos Anjos)
Telef. 84 87 19

Estreias de

CINEMA

Lauro António

Cinema novo Alemão: camponeses de Kombach e da Baixa Baviera

Para além de «Macunaíma», do brasileiro Joaquim Pedro de Andrade, entre as obras mais importantes exibidas no «I Festival do Filme Agrícola e de Temática Rural».2 que se efectuou em Santarém, contam-se «Cenas de Caça na Baixa Baviera», de Peter Fleischam e «A Repentina Riqueza dos Pobres Camponeses de Kombach», de Volker Schlondorff, ambos oriundos da Alemanha Federal, ambos pertencentes ao cinema novo daquele país.

OS CAMPONESES

Volker Schlondorff é o realizador de **Michael Koolhaas, o Rebelde** e de **O Jovem Toerless,** duas películas admiráveis, a primeira das quais já estreada no nosso País (uma meteórica semana no Eden, em 1970). **Toerless,** extraído de uma novela de Mussil, anuncia-se para breve. Pequenos microcosmos e as relações que neles se estabelecem, esse parece ser o fulcro da carreira de Schlondorff. Em **Toerless,** um colégio de rapazes, onde se estabelecem relações que prefiguram o nazismo; em **Koolhaas** o advento de uma revolta popular, conduzida ingènuamente por um camponês, politicamente impreparado, que acaba por sossobrar frente ao poder estabelecido.

Pois Schlondorff regressa com um filme de uma beleza inigualável, que é também uma análise extremamente lúcida dos mecanismos sociais que suscitam a violência e a reprimem. O argumento baseia-se em factos reais, ocorridos numa pequena aldeia do Hesse, no ano de 1820 e descritos numa crónica de 1825 recentemente descoberta no arquivo municipal de Kombach: vivendo pobremente, carregados de impostos e expoliados dos bens que eles próprios criavam, os camponeses de Kombach procuram mudar o curso da sua vida, assaltando a malaposta que transportava o dinheiro dos impostos e que atravessava mensalmente a região. As tentativas sucedem-se. Primeiramente é a neve que os impede; depois a falta de organização e o medo que os leva a não dar «a palavra de ordem» para que o assalto se cumprisse; no mês seguinte, a malaposta viaja sem dinheiro e no outro vem escoltada por grande número de recrutas; pela quinta vez é o nevoeiro que os faz perder a carruagem, mas à sexta é de vez e o produto é repartido por todos os assaltantes. Declarado o roubo, é nomeado um juíz de instrução para investigar o ocorrido e prender os seus autores. O que acontece ràpidamente, dado que, como o próprio filme acentua, «o dinheiro na posse dos pobres resulta suspeito».

O filme vai estruturar-se com base num comentário oral que continuadamente cita as mais variadas fontes, desde a já referida crónica de Kombach, até cartas originais escritas pelos emigrantes da região, canções populares do tempo, poesias de Gellert, Keller, novelas de Averbach ou Gotthlt, largos excertos do romance **A Terra,** de Zola, etc.. Estes textos são utilizados não só no comentário, como ainda na própria ficção, integrados no desenrolar da acção. Temos assim uma reconstituição do tempo, não por processos naturalistas, mas sim por um didactismo épico que vai buscar inspiração directamente ao teatro de Brecht.

Schlondorf volta a fazer incidir a sua atenção sobre um caso veridico da história alemã, onde se demonstra que a impreparação cultural e política dos seus protagonistas está na base do malôgro do empreendimento. Tal como em **Michael Koolhaas, o Rebelde.** Para demonstrar os falhanços dos camponeses de Kombach e dos companheiros de Koolhaas, Schlondorff não se reduz à análise fria dos factos em si, antes os integra num contexto muito mais vasto. Donde não se deixar de referir toda a engrenagem política, social e económica que os envolve, condicionando-lhes o aparecimento e provocando-lhes o desfecho. Nos **camponeses de Kombach,** Schlondorff mostra-nos, em epílogo, o trágico destino dos comparsas de uma comédia que pôs em causa a autoridade estabelecida e que, portanto, haviam de ser exemplarmente justiçados. O que efectivamente sucede. O juíz de instrução leva os intervenientes no assalto a confessarem o seu crime e a arrepender-em-se, tendo, em ambas as mãos, a Bíblia e as leis do eleitorado. Após o que são publicamente justiçados para bom conselho da assistência.

Excelente é a fotografia de Franz Rath que se aproxima muito, sobretudo nos exteriores, da bela paisagem do cinema nórdico. **A Repentina Riqueza dos Pobres Camponeses de Kombach,** merece ainda referência pela sua construção narrativa, entroncando longos planos e lentas panorâmicas, indo ao ponto de repetir algumas situações (o assalto, por exemplo) até à exaustão.

CENAS DE CAÇA

Ainda cinema alemão. Novo. Peter Fleischman: totalmente desconhecido do público português. A Baixa Baviera. Actualidade. Camponeses, mas não os pobres camponeses de Kombach. Por aqui passou já o **boom** económico da Alemanha. **Et pourtant...**

O filme de Peter Fleischman vai encontrar o agregado que pretende analisar reunido na missa dominical. São rostos ao acaso, aparentemente anónimos. À saída da missa, os rapazes ficam pelos cantos do adro da igreja, esperando as raparigas; as mulheres comentam jocosamente o casamento de uma delas (recém viúva) com um coxo. E chega a camioneta da carreira. Nela vem Abraham. Da cidade. Onde esteve a trabalhar. Onde se pressupõe que esteve preso, acusado de homossexualismo. Abraham começa a trabalhar na quinta, os «ditos» chovem, estabelece-se o cerco. Abraham (não esquecer o nome de origem hebraica) representa ali uma minoria. Que a normalidade persegue. A princípio como brincadeira. Depois com raiva. Finalmente em fúria.

Nos primeiros tempos Abraham irá conseguir a solidariedade da viúva, do marido e do filho, um anormal. Terá também a solidariedade de Hannabela. A mãe de Abraham quer que ele se vá embora. O próprio casal que o albergava (viúva-coxo) despede-o, quando o encontra a passear com o filho. Abraham é agora um homem a abater. E Hannabela, grávida do burgo, lembra-se de denunciar Abraham como causa da sua desgraça. Abraham, em pânico, pretende fugir da aldeia, mas os seus habitantes cortam-lhe o caminho, obrigando-o a ficar. Hannabela acabará por sucumbir, vítima do punhal de Abraham, e ele próprio será preso, depois de movimentadas cenas de caça na Baixa Baviera. Extripadas as minorias, a aldeia festeja. Todos cantam, dançam, banqueteiam-se... «Somos o povo eleito», poderiam dizer. Com orgulho... o orgulho que fez da Alemanha a Pátria de Hitler... Mas, estas cenas de caça não são só características da Baixa Baviera...

Quase todo filmado em exteriores, **Cenas de Caça na Baixa Baviera,** mistura, com grande felicidade, cenas rodadas em directo, com sequências de ficção. Tão depressa Fleischman documenta rigorosamente os trabalhos do campo, como, súbito, nos encontramos no seio da **estoria.** Como consequência do que atrás dissemos, os actores são na sua grande maioria não profissionais, impenetráveis no seu dialecto, no meio dos quais Fleischman coloca Martin Sperr (o autor da peça donde o filme é tirado e que interpreta hàbilmente a figura de Abraham). Daqui resulta com muito maior vigor a animalidade dos gestos, o primarismo dos jogos de uma sexualidade primitiva, a agressividade do conjunto. Notável é, neste aspecto, a sequência do abate de um porco, durante a qual os circunstantes se entregam às mais dispares brincadeiras, que vão desde jogos com as tripas e a cabeça do animal, até à perseguição de Hannabela, tudo isto interrompido para a pausa de uma reconfortante bebida. A sequência possui qualquer coisa de «fantástico» e irá ecoar aquando da morte de Hannabela, cujos gritos se confundem com os grunhidos do porco, ao sentir a faca trespassar-lhe a carne.

Excelente é também aqui a fotografia, a preto e branco, de Alain Berrobe, restituindo toda a monstruosidade da vida pacata, moral e normal de uma comunidade rúral alemã. Um microcosmo funcionando como símbolo de uma sociedade.

E foi assim que o novo cinema alemão foi a grande presença no **I Festival do Filme Agrícola e de Temática Rural.** Cinema que, tendo embora os seus filmes ambientados em zonas rurais, ultrapassa esta delimitação meramente circunstâncial, transferindo-se para ambições mais vastas e alcance bem mais lato. Por isso nos choca a designação atribuída ao festival Creiam-nos que não será pedir muito, se formularmos o desejo de, para o ano, termos em Santarém um verdadeiro Festival Internacional de Cinema, assim, sem mais, simplesmente... Festival esse que poderá ser acompanhado por um II Festival do Filme Agrícola.

STELLA STARR

vedeta da Rádio e da TV alemã

THE ELWARDO'S originais acrobatas

LENITA GENTIL "Os Beatnick's"

Jirina's Combo Ferrer Trindade e sua Orquestra

rita reaumur SÓ NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE AS 23,30 H.
Grupo C/Maiores de 14 anos
NO WONDER BAR A 1,0H maiores de 21 anos

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

ORQUESTRA FILARMÓNICA DE LISBOA

TEMPORADA DE CONCERTOS 1971-1972

4.º CONCERTO	5.º CONCERTO
Pastoral, de Ivo Cruz	3.º Concerto Brandeburguês, de Bach
1.º Concerto para Piano, de Liszt	Concerto para Piano e Orquestra, de Armando José Fernandes
Burlesca para Piano, de Strauss	7.ª Sinfonia, de Beethoven
Pássaro de Fogo, de Strawinsky	MAESTRO: Manuel Ivo Cruz
MAESTRO: Silva Pereira	PIANISTA: Nela Maissa
PIANISTA: Sérgio Varela Cid	16 de Dezembro de 1971 — 21.45 h - (Grupo B/10 anos)
2 de Dezembro de 1971 — 21.45 h. - (Grupo B/10 anos)	19 de Dezembro de 1971 — 16 h - (Grupo A/6 anos)
5 de Dezembro de 1971 — 16 h. - (Grupo A/6 anos)	

BILHETES A VENDA NO TEATRO

COMPANHIA DO TEATRO MUNICIPAL

«A SALVAÇÃO DO MUNDO»,

de José Régio

Encenação de COSTA FERREIRA

A ESTREAR NA ÚLTIMA SEMANA DE NOVEMBRO

Grupo C — 14 anos

VISITE A EXPOSIÇÃO

Do Parque Nacional da Peneda - Gerês, aberta ao público na Galeria de Arte Moderna, até 5 de Dezembro próximo.

(2.ª a 6.ª das 15 às 20 h., sábados, domingos e feriados das 15 às 24 horas)

e assista ao filme documentário.

Entrada livre

EM CORUCHE O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO CAFÉ-RESTAURANTE LUSITANO.

D. Jacinto Benavente foi empresário de circo na Rússia

Don Jacinto Benavente, o grande dramaturgo espanhol, foi empresário de circo na Rússia! Galardoado com o Prémio Nobel de Literatura, que lhe foi atribuído em 1922 «pelo conjunto da sua obra», esteve na Rússia durante dois anos (1889 e 1890), vivendo uma vida nómada e independente.

Desde muito novo apaixonado pelo Teatro, conseguiu juntar, enquanto permaneceu na Rússia, um grupo de artistas internacionais, organizando uma pequena companhia de circo que esteve na base de uma vida inteira dedicada ao Teatro.

A DÍVIDA

O seu primeiro êxito foi «El Nido Ajeno», que mereceu elogiosas referências da crítica. Depois foi uma sucessão ininterrupta de êxitos, entre os quais a célebre peça «La ciudad alegre y confiada». Conta-se que Afonso III lhe perguntou, no final da representação, por que punha ele a claro apenas os males do país e não dizia qual o remédio para os contrariar. Don Jacinto respondeu: «O remédio está em fazer tudo ao invés do que fazem as personagens das minhas farsas».

Jacinto Benavente era conhecidíssimo pelo seu espírito irónico e mordaz. Conta-se que, estando numa tertúlia a tecer elogios sobre as qualidades de escritor de Valle-Inclan, um dos presentes afirmou que a opinião do escritor sobre Don Jacinto não era favorável, ao que Benavente respondeu, de sorriso nos lábios: Sim, de facto é muito possível que tanto ele como eu estejamos equivocados!»

Em 1924, o governo entregou a Benavente a Gran Cruz de Afonso XII. Este facto deu origem a uma homenagem prestada ao escritor pelo Ayuntamiento de Madrid, que ofereceu a Don Jacinto uma placa ornada com brilhantes, e na qual se dizia ser êle «hijo predilecto de Madrid». Passado algum tempo, e como Don Jacinto estivesse em atraso com o pagamento de renda do Teatro Espanhol, propriedade do Ayuntamiento, exigiram-lhe a liquidação imediata da dívida, pois caso contrário teriam de tomar medidas enérgicas, . Sem hesitar, Don Jacinto devolveu a placa de «filho predilecto» da cidade, dizendo que o seu valor pagaria, certamente, a dívida. E foi um caso sério para convencer o dramaturgo a aceitar, de novo, a condecoração!

Durante a sua vida, Benavente recebeu as máximas honras que até então haviam sido tributadas a um escritor espanhol. Desde o Prémio Nobel da Literatura, até às Gran Cruzes de Afonso XII e de Afonso X, o Sábio, expoentes máximos de uma vasta galeria de condecorações com que foi agraciado, pode dizer-se que não houve distinção que não lhe tivesse cabido em sorte. Mas nada disto conseguiu fazer mudar Don Jacinto. A propósito, ele disse, certa vez:

«Empenham-se em glorificar-me agora, acabarão por ficar sem nada para quando eu morrer!»

VASCO MORGADO COLABORA CONVOSCO

10% de redução DE PREÇOS SOBRE A TABELA

TEATRO • tel 327493 "CAPITOLIO"

QUERIDA MAMA

Famosa comédia de ANDRÉ ROUSSIN com CARLOS DUARTE, ALDA PINTO, ANTÓNIO MACHADO, LUÍS ALBERTO, ANTÓNIO RAMA, ANA LE MATTRE, CLÁUDIA MARTINS, OCTÁVIO BORGES

LAURA ALVES

Todas as noites, 21.45 h. Domingos, e feriados 16 e 2.as-feiras repouso da C.ª

11.º MÊS

maiores 17 anos

TEATRO • tel 538586 "VILLARET"

O aniversário da Tartaruga

de Garinei e Giovaninni

com FLORBELA QUEIRÓS e RUI DE CARVALHO

UM GRANDE BALLET INGLES dirigido por ANTONIO BARDIS

2.as feiras Descanso da Comp

Todas as noites

2-SESSÕES-2

20.45 e 23 h.

Domingos e Feriados à tarde, às 16 h.

à noite, às 21.45 h.

GRUPO C (M/ 14 anos)

TEATRO • tel 326037 "VARIEDADES"

HENRIQUE SANTANA

MARIA DULCE

PAULO RENATO

EMPRESTA-ME O TEU APARTAMENTO

de Ray Cooney e John Chapman

A COMÉDIA «SUCESSO» DE GARGALHADA

3.as 4.as e 5.as Feiras às 21,45 H.

6.as e sábados 2 sessões 20,45 e 23 h.

Descanso da C.ª 4.as-feiras

Domingos e Feriados às 16 horas e 21,45 horas

13.a SEMANA

TEATRO • tel 555133 "MONUMENTAL"

HOJE ÀS 21.45 H.

Domingos e Feriados Matinées às 16 horas

Grupo D (M.) 18 anos

A OBRA-PRIMA DE

EDWARD ALBEE

QUEM TEM MEDO DE VIRGÍNIA WOOLF?

DESEMPENHO DE

JACINTO RAMOS

GLÓRIA DE MATTOS

MÁRIO PEREIRA

ELISA LISBOA

ENCENAÇÃO DE

JOÃO VIEIRA

CENÁRIO DE

PAULO GUILHERME

TRADUÇÃO DE

JOÃO VIEIRA e JACINTO RAMOS

BOM APETITE

a furna

almoços jantares e ceias até às 3 da madrugada fechado aos domingos

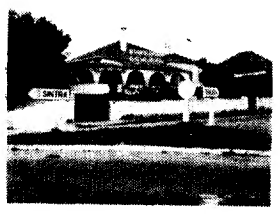
r. ferreira lapa, 38 D (à duque de loulé) tel. 53 44 66-56 19 49

Estalagem "A GRUTA DO RIO"

RIO DE MOURO

Telef. 2960535

(Auto-Estrada para Sintra)



ESPECIALIDADES DIARIAS

BACALHAU À LAGAREIRA

E

CABRITO NO CHURRASCO

SALÃO PRÓPRIO PARA BANQUETES

RESTAURANTE

QUINTA DE S. VICENTE

Telheiras de Cima, 144

Telef 790211

JANTARES DANÇANTES AOS SÁBADOS E DOMINGOS c/ conjunto privativo

AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR

Premiado pelo S. N. I.

(Maiores de 15 anos)

Caminhos de Ferro Portugueses

Informação

Serviço especial para Estremoz por ocasião da Feira de Santo André nos dias 29 e 30 de Novembro de 1971

Bilhetes especiais de ida e volta a preços reduzidos.

Período de venda, de 28 a 30 de Novembro.

Validade para regresso, de 29 de Novembro a 1 de Dezembro.

A C. P. vende, em todas as estações e apeadeiros desde Casa Branca até Vila Viçosa e até Portalegre, e nas estações de Lisboa (Terreiro do Paço), Barreiro, Montijo, Pinhal Novo, Vendas Novas, Montemor-o-Novo, Mora, Reguengos de Monsaraz, Viana, Vila Nova da Baronia, Beja e Setúbal, bilhetes especiais, de ida e volta, a preços reduzidos, para a estação de Estremoz.

DL show

O ABC Cine-Clube apresenta amanhã às 21 e 30, na Sociedade Nacional de Belas Artes, mais um filme em 16 mm da série «Quatro Cineastas Franceses». Depois de Henri-Georges Clouzot e Christian-Jacque, chega a vez de Roger Vadim, com o filme «Sait-On-Jamais?», interpretado por Nicole Courcel, O. E. Hasse e Robert Hossein. A série será completada no dia 2 de Dezembro, quinta-feira, no mesmo horário, com o filme «Douce», de Claude Autant-Lara.

*

Maria Jô-Jô, 18 anos, fadista: o seu primeiro disco, que acaba de ser posto à venda, inclui «Fiz Mal, Fiz Bem», de Jorge Fontes e Pinto Ribeiro; «A Benção dos Fadistas», de Jorge Fontes e Artur Ribeiro; «Bairros da Minha Lisboa», dos mesmos autores; e «Ciúmes, Para Quê?», de Carlos Conde, num arranjo de Jorge Fontes.

*

A peça de José Régio, «A Salvação do Mundo», com que o Municipal de São Luis inicia a sua temporada de teatro, teve um episódico contacto com o palco em 1956, através de dois espectáculos realizados pelo Grupo Cénico da Faculdade de Direito de Lisboa. Na época, a crítica pôs em dúvida a potencialidade teatral do texto. As polémicas vão recomeçar agora, em torno da encenação de Costa Ferreira.

*

Nuno da Nazareth Fernandes, três vezes vencedor do Festival da Canção, voltará a concorrer este ano. Seu habitual parceiro, Ary dos Santos, está a trabalhar, porém, com Fernando Tordo. O novo parceiro de Nazareth ainda não é conhecido.

*

Nos dias 3 e 4 do próximo mês, Carlos Paredes estará na Figueira da Foz, acompanhando o Grupo Cénico do Campolide Atlético Clube . Autor da música da peça «O Avançado-Centro Morreu ao Amanhecer», Paredes actuará nos mesmos espectáculos em que será representado aquele importante texto de Cuzzani.

*

O grupo vocal «Efe-5», que esteve recentemente no Festival de Torremolinos, assinou contrato por mais um ano com a editora «Zip-Zip».

*

O novo disco de José Afonso, que será lançado na Convenção Anual da casa Arnaldo Trindade, é, na opinião do seu autor, o melhor trabalho que fez até hoje. A gravação foi feita em Paris e a orquestração é de José Mário Branco.

*

Sinde Filipe e Guida Maria serão os protagonistas do novo filme de António Macedo, «A Promessa», baseado na peça honónima de Bernardo Santareno.

Filipe de Brito passou a ser o responsável musical dos discos «Zip», aprestando-se já para trabalhar activamente na campanha do Festival da Canção.

*

António da Cunha Teles começará a rodar em Janeiro o seu novo filme, «Aqui ao Pé da Porta», inspirado num crime passional ocorrido há pouco tempo em Lisboa. Argumento e diálogo terão a colaboração de Gisele da Conceição, que já em «O Cerco» colaborara com o cineasta. Miguel Franco interpretará um dos principais papéis.

*

O Capitão Mário Fialho Lopes, antigo director da Tobis Portuguesa, propôs ao Fundo do Cinema Nacional a realização de um documentário sobre o IV Centenário da primeira edição de «Os Lusíadas», a comemorar no próximo ano.

*

Manuel de Oliveira, de quem veremos em breve, no Apolo 70, «O Passado e o Presente», prepara a adaptação ao cinema do ciclo romanesco de José Régio, «A Velha Casa». Neste trabalho conta com a colaboração do cineasta amador Ernesto de Oliveira, que foi secretário de José Régio e é o autor de um curta-metragem sobre a colecção de Cristos do grande poeta.

Maria Jô-Jô

O escritor Tomás Ribas concluíu uma peça de teatro a que deu o título de «O Grito de Medeia» (Uma Medeia Negra). A peça, que deverá ser publicada em breve e provàvelmente subirá à cena ainda esta temporada, tem três actos e decorre algures numa terra africana.

*

O actor Benjamim Falcão ingressou no elenco do Vasco Santana e será um dos intérpretes da peça «O Sonho», de Strindberg, com que Luzia Maria Martins e Helena Félix inaugurarão a temporada.

ATRIVM

PARA VOS SERVIR

RESTAURANTE DE LUXO

Serviço de Bar

das 15h e 30m às 24h

Rua de S. Julião

a mosca pica...

nota de abertura

A semana foi animada, a julgar pelos jornais: revoluções, discursações, declarações, conversações, preocupações e processações. Ao dizer «processações» referimo-nos, evidentemente, ao caso de Mário Castrim que não podemos comentar dado que o processo está em curso, mas que vai dar que falar a esta e outras moscas, já que do seu resultado depende a televisão continuar como está sem que ninguém o diga ou continuar como está com alguém a chamar a nossa atenção para o facto. Como é do conhecimento geral, a grande revolução desta semana foi a que teve lugar na vila de Coentros de Cima, no Baixo Alentejo, onde um senhor de vastas posses mandou colocar na sua casa de banho um novo autoclismo que, a julgar por informações recebidas na redacção da Mosca, funciona com a necessária eficiência. Sabido como é, que o Alentejo luta com problemas gravíssimos e que está a despovoar-se lentamente, sobretudo na raia de Espanha, a notícia da inauguração deste novo autoclismo na herdade do tal senhor é sinal evidente de que se estão a tomar as medidas necessárias para impedir o alastramento da crise. Mal fala quem duvida dos esforços que se têm vindo a desenvolver para nos colocar ao nível dos restantes países da EFTA e a prova é que o proprietário a que nos vimos referindo já tem um autoclismo funcional na sua casa de banho. No campo da luta contra a inflação podemos informar que as notícias da semana são de molde a permitir que encaremos o futuro com toda a confiança: desceu o preço da pimenta em grão numa aldeia nortenha cujo nome não conseguimos fixar. Os cépticos não atribuirão, certamente, a esta notícia todo o seu valor e haverá, mesmo, quem continue a duvidar dos esforços desenvolvidos últimamente neste sector. A verdade, porém, é que a pimenta é um dos condimentos básicos duma especialidade francesa que dá pelo nome de «steack poivrée» e tudo leva a crer que a diminuição do seu preço vai melhorar consideràvelmente o nível de vida dos apreciadores deste prato. Um telegrama duma agência ainda por identificar informanos de que foi aberta, na nossa belíssima província do Algarve, uma nova oficina artesabal capaz de produzir nada mais nada menos do que 10 cataplanas por dia e vinte e duas estatuetas de barro do tipo Rosa Ramalho, o que é mais um sinal de que, mais tarde ou mais cedo, vamos competir neste campo com os grandes países industriais da Europa. Ainda dessa nossa belíssima província nos chega a notícia de que se formou mais uma empresa para explorar mais dois hotéis de luxo situados junto ao mar numa zona particularmente aprazível da costa. Trata-se duma notícia que não poderá deixar de agradar aos vinte e dois portugueses que têm possibilidade financeira de frequentar estabelecimentos desta natureza e por isso a registamos com natural alegria. O facto de estar para surgir uma cidade na outra banda provocou grande entusiasmo na outra banda, sobretudo entre os vendedores de terreno dessa próspera zona do país que afirmam poder começar imediatamente a vender pequenos lotes de terreno, com um metro quadrado de superfície, por um preço verdadeiramente económico, já que estão a jogar na desvalorização da moeda: vendem esses lotes a 10 000$00

No mundo das artes e letras, como é sabido, estreou-se no Nacional uma peça dirigida por um notável encenador francês que veio até nós contribuir para o aumento do nível dos conhecimentos teatrais dos nossos encenadores. Oxalá eles saibam aproveitar esta valiosa lição porque se aprenderem o que este notável encenador francês ensina e somarem os ensinamentos dele obtidos aos recolhidos do António do Cabo, fica definitivamente resolvida a crise do teatro português.

A semana, resumindo, foi magnífica e permite-nos enfrentar o futuro cada vez com mais confiança. A fim de permitir aos seus leitores uma melhor compreensão do que se passa no país, sobretudo no campo económico, a redacção da MOSCA resolveu dedicar este número aos grandes problemas económicos

Se o espaço der para tanto, ainda sairá nesta MOSCA um interessante estudo do dr. Coelho, professor catedrático de ficção científica, acerca das perspectivas da economia portuguesa no mundo de amanhã.

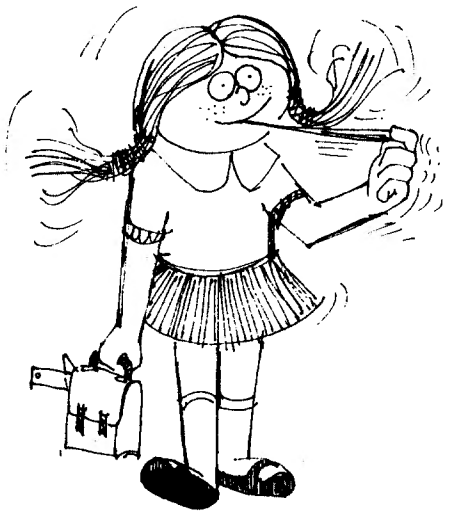
CARTA DA GUIDINHA

. Com pedido de publicação recebemos da menina Guidinha a seguinte carta:

Exm.º Snr. Director do Jornal «O Diário de Lisboa»

Sou a Guidinha das redacções e sei que nesse jornal o Castrim que é um azedo e um mau vai dizer mal de mim quando eu for à televisão chatear o próximo sem respeito pelos meus pruridos e pelos meus direitos que se eles podem chatear o próximo eu também posso e como toda a gente sabe que esse Castrim não pode ver um televisor lavado a uma pessoa sem ficar cheio de raivas e de invejas fica já sabendo que vou metê-lo em tribunal e que cada vez que ele disser que eu não sei o que estou a fazer quando for à televisão atiro-lhe com as cartinhas das minhas amiguinhas à cara e meto-o outra vez no tribunal e como V. Exa. o vai deixar escrever azedices no jornal também o meto no tribunal que é uma limpeza outra coisa que eu quero dizer a V. Exa é que V. Exa. tem de publicar esta carta e dar-lhe o mesmo espaço que dá ao Castrim quando ele disser coisas a meu respeito.

Guidinha



A MELGA NO PRATO

Cada restaurante tem a sua clientela própria, tão inconfundível como o ar que nele se respira e tão intransmissível como um bilhete de eléctrico ou de avião.

O cavalheiro engravatado «à chefe de serviço», ou desengravatado «à artista», que frequenta os balcões corridos dos «snacks», raras vezes tem ocasião de provar os pastelinhos de bacalhau dos Jerónimos e dos Farta-Brutos do Bairro Alto e, por outro lado, os apreciadores dos carapaus à espanhola do «13» quase nunca ferram o dente nos petiscos sofisticados do Tavares ou do Ritz. Entre uns e outros há como que um abismo intransponível, o que nos leva a crer existirem três mundos mais ou menos distintos no pequeno universo dos que, em Lisboa, comem fora de casa: o mundo dos snacks; o mundo dos castiços e o mundo dos sofisticados.

O mundo dos snacks é, dos três, o mais nobre já que é frequentado por quem encontra nos balcões corridos e cromados dos «pronto a comer» da cidade e nas decorações estandartisadamente pseudo luxuosas desses estabelecimentos, compensações para deficiências que não sabemos ao certo como classificar mas que não podem deixar de cair na alçada dos psicanalistas. Será que andam à procura de compensações para o facto de não terem tido mamãs cromadas? Será que, tendo tido dores de dentes em crianças continuam, pela vida fora, à procura de cadeiras e de mesas inspiradas nas dos dentistas? Será que, por terem nascido em maternidades mais ou menos assépticas, procuram nos snacks alcatifados algo que os compense desse mundo forrado de azulejos brancos? Será que gostam tanto, tanto, tanto, dos escritórios em que trabalham que até na sua vida privada procuram ambientes semelhantes aos das salas de espera das grandes empresas?

Não pretendemos resolver este problema que reputamos grave e que não pode deixar de interessar os especialistas, se é que os há, deste campo. O que podemos afirmar é que se não há especialistas neste campo da actividade humana devia havê-los, motivo por que chamamos a atenção dos criadores e professores dos estabelecimentos de ensino dedicados às novas profissões para a necessidade de se criarem cadeiras dedicadas ao estudo das motivações restaurantais. Ainda há bem pouco tempo ouvimos um jovem afirmar que acabava de se **formar** em relações públicas num desses institutos e como esta afirmação foi proferida num snack bar, achamos que ninguém melhor do que um licenciado num snack curso se poderá dedicar a ela. (Para que não haja dúvidas a respeito do sentido desta expressão, apressamo-nos a explicar que ao fazê-lo não pretendemos, de forma nenhuma, achincalhar a velha Universidade de Lisboa, isto porque nos afirmou o referido jovem licenciado em **relações públicas** que o seu curso tinha **categoria Universitária).**

Outra razão que nos leva a defender esta tese assenta no facto de ninguém poder acreditar que a comida servida nos snacks é confeccionada por cozinheiros (ainda há bem pouco tempo nos ofereceram num snack «barriga-de-freira com semi-frio»...). Ora sendo evidente que nenhum cozinheiro teria o desplante de apresentar o que se apresenta nos snacks cromados de Lisboa, não será legítimo perguntar se os autores de tais petiscos não serão, na realidade, licenciados em relações públicas por um desses institutos de **categoria universitária?**

O segundo dos mundos a que nos referimos — o mundo dos castiços — é formado por indivíduos que bem podemos classificar de integralistas alimentares. Solidamente alicerçados nas velhas tradições culinárias do país (só não defendem os foros pagos em bacalhau assado no forno porque o bacalhau está caríssimo) nutrem a mais viva desconfiança por todas as invasões, chegando alguns a levar para os restaurantes as suas garrafinhas privadas de azeite para terem a certeza de que «ninguém os leva» substituindo o puríssimo extracto de azeitona pelo impuríssimo extracto de amendoim. Sólidos, puritanos tanto em matéria alimentar como em tudo o mais, são inimigos naturais da mayonnaise, das «sauces» (ninguém os leva...), de tudo o que os franceses inventaram em matéria de culinária e, sobretudo, de tudo quanto não seja imediatamente identificável a olho nú. Identificável a olho nu, é, evidentemente, o bife com batatas fritas, esse forte e poderoso alicerce da burguesa alimentação de quantos se não deixam levar por «sauces» e «pomadas»...

Dos dois mundos acima referidos o que melhor come é incontestavelmente este - e dizemos isto apesar do bife - porque sempre frequenta os locais onde se poderia manter a tradição da velha cozinha portuguesa se as Tias Matildes, Marias e Teresas que presidem aos destinos do refogado a conhecessem.

Infelizmente, porém, não a conhecem. Ou porque a clientela prefere o bife e o carapau frito (do linguado nem falamos porque o «à manier» não tem nada a ver com isto) todos os dias, ou porque o molhinho à espanhola já está no limite do aceitável por este povo que deu novos mundos ao mundo, o certo é que nada há de mais corriqueiro, de mais insípido, de mais burguesinho, de menos apetecível, de menos variado, de mais incolor e de mais inodoro do que as listas dos pequenos restaurantes despretensiosos de Lisboa.

Ao afirmar que o Lisboeta chegou ao ponto de comer chouriço de lata (que todos sabemos colorido mas inodoro e insípido) «ó flambo» na profunda convicção de estar a comer um petisco típico, estamos apenas a constatar o que todos podem constatar se tiverem o mau gosto de ir comer a uma casa de fados um destes dias.

E chegamos ao Terceiro Mundo que engana muita gente por muitos motivos. Antes de mais - temos de reconhecê-lo - os bons cozinheiros de Lisboa estão nos restaurantes caros onde, como é evidente, ganham muito mais do que ganhariam a cozinhar coelho manso à caçadora numa tasca pseudotípica. Ainda dentro deste campo, temos de reconhecer que a característica principal do bom cozinheiro é o facto de ele saber cozinhar e de tanto saber cozinhar carapaus como salmão. Sei que esta afirmação contraria quantos castiços andam por este mundo fóra profundamente convictos de que só o Manel Padeiro é que sabe assar cabrito e que só a Maria Varina é que sabe fritar carapaus de acordo com as normas da boa cozinha dos nossos avós, mas se esses castiços amantes do verbo (do verbo, porque tudo isto é poesia...) provarem carapaus fritos pelas cozinheiras do Tavares sofrerão um profundo abalo porque serão obrigados a constatar que as tias Marias, Matildes, Teresas e Franciscas de boas cozinheiras apenas têm o ar e que mesmo esse ar é produto da imaginação duma Lisboa que toma por bife a fatiazita de carne mal temperada e mal frita que lhe servem e por boa cozinha o que, bem vistas as coisas, tem as mesmas raízes do fado e de quantos castiços patriotismos para aí andam a ser cultivados...

G. S. A.

diário de um volkswagen

NOVEMBRO 28 DOMINGO

24136 kms

Estou de regresso a Lisboa após um rico fim de semana. A Cidade Invicta tem cada vez maiores motivos de interesse! Fomos de visita aos pais do Sr. Silva, fartei-me de papar quilómetros e todos voltámos satisfeitos: eles pelo passeio, eu pela média que fiz! Com 5 pessoas a bordo - 8,9 litros aos 100 kms.!

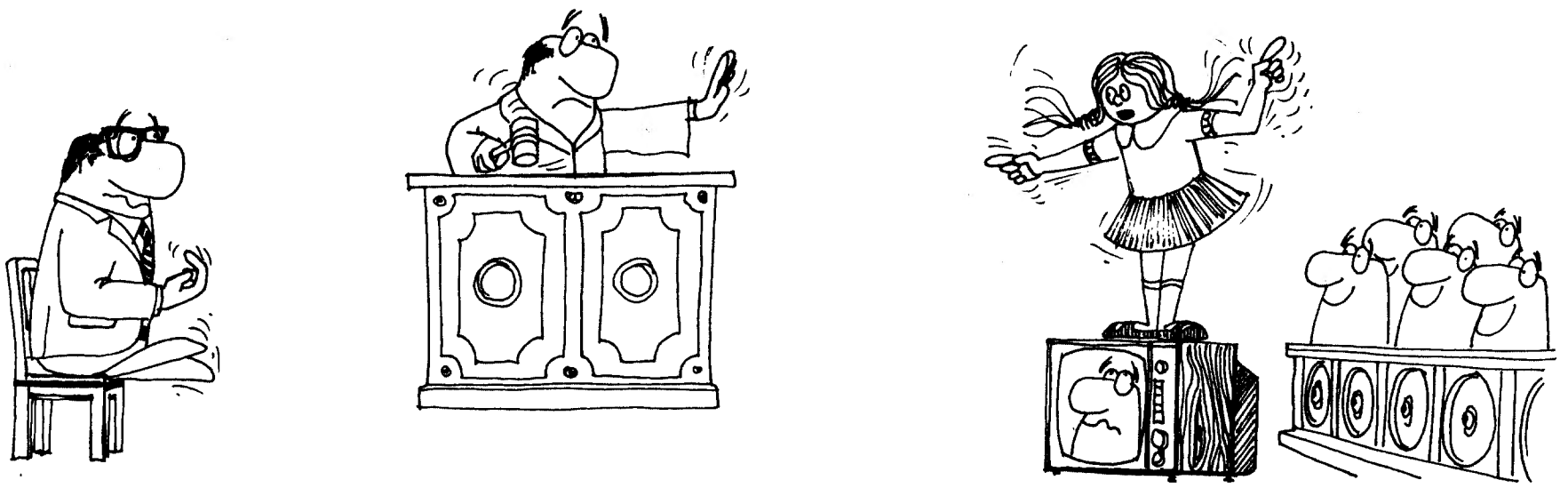
SOCIEDADE COMERCIAL GUÊRIN, S. A. R. L.
avenida da liberdade, 12 – tels. 366751/7 - 370171/5 — lisboa
FILIAIS E AGENTES EM TODO O PAÍS

PARA A SUA CLASSE...
A EXCELÊNCIA DA
OLIVA
PRODUTOS DE ALTA CATEGORIA
TÉCNICA FABRICADOS EM PORTUGAL

MÁQUINAS DE COSTURA
TELEVISORES
FOGÕES A GÁS
MÁQUINAS DE ESCREVER
(PORTÁTEIS)
AQUECEDORES CATALÍTICOS
ESQUENTADORES A GÁS
FRITADEIRAS MERGULHANTES
(SEMI-INDUSTRIAIS)

CONFIE NO TRABALHO PORTUGUÊS
PREFIRA
OLIVA

VOU METER ESSE CASTRIM NO TRIBUNAL



Então mas que pagode é este anda para aí toda a gente à moda menos eu sim que da única vez que puz uma mini saia que nem sequer era minha o meu pai desatou aos berros e só não levei bumba no toutiço porque me puz a mexer antes que o ar aquecesse mas vamos ao que interessa que é isso de andar toda a gente à moda menos eu sem haver nenhuma razão para isso porque tenho tanto direito de andar à moda como os outros e o resto é treta de maneira que o melhor que eu tenho a fazer é tratar de me pôr à moda para começar vou pôr um processo ao Castrim que é o que está mais na moda então não querem lá saber que esse crítico se eu for à televisão vai dizer mal de mim tão certo como dois e dois serem quatro? e querem saber porquê querem mesmo saber porquê? pois eu digo-lhes esse azedo do Castrim vai dizer mal de mim por eu não ir dizer nada na televisão e por não saber fazer nada de especial quando toda a gente sabe que se não fossem as pessoas sem jeitos especiais para nada não havia televisão que era uma limpeza olá se era para já o melhor é eu explicar que ainda não fui à televisão e que vou pôr o Castrim no tribunal por uma questão de cautela porque a gente tem de pensar no futuro e eu tenho a certeza de que mais tarde ou mais cedo vou parar `a televisão que é uma limpeza querem saber porquê? querem mesmo saber porquê então eu digo vou parar à televisão porque tenho tanto direito a ter um emprego como os outros e porque sou bestialmente do lado de quem manda e porque sou uma escritora bestial e quem não acreditar que venha ver a correspondência que eu recebo sim porque eu recebo todos os dias cartas da juventude a gabarem a minha literatura amarela e a dizerem que não podiam viver sem ela ainda no outro dia recebi uma carta de Freixo de Espada no Bolso dum senhor a oferecer a casa a minha família e a dizer que quando a gente fosse a Freixo de Espada no Bolso tinha de ir para casa dele porque ele queria conhecer-nos ora se isto não é uma prova de que sou uma escritora bestial o que é que é? sim o que é que é? e só queria que lessem as cartas que eu recebo aquilo é «minha querida Guidinha» para a esquerda «minha querida pequerrucha» para a direita o que prova como eu sou querida e como sou uma grande escritora porque se eu não fosse uma grande escritora para é que as pessoas me haviam de escrever sim para quê? O que eu quero é que aquele que há lá e que é muito baixinho me ponha naquele programa em que ele se senta numa cadeira e os grandes escritores se sentam noutra e vai conversam conversam conversam sobre isto e sobre aquilo e dizem que são bestiais e que toda a gente os lê e mais isto e mais aquilo e que o que é preciso é a gente ser mais brasileiro e os brasileiros serem mais portugueses e mais isto e mais aquilo e vai espreme-se e não sai nada porque desses programinhos é que a gente precisa para o público ficar a saber quem é que tem valor e quem é que não tem sim porque se as pessoas só lessem o Castrim não compravam aqueles livrinhos que há agora para ler na praia depois de se andar aos pulos e no jardim depois de se encher os copos e na sala depois de se brincar com o cão eu só não leio esses livrinhos porque não tenho praia nem jardim mas se tivesse lia mesmo para ficar culta e para não ser como esse Castrim que não deixa as pessoas fazerem o que lhes apetece na televisão sim porque se a televisão é assim havendo um Castrim o que é que não seria se não houvesse nenhum Castrim? aposto que era bestial cheia de meninas escolhidas por serem bonitas e de filminhos do tempo da Maria Cachucha e aposto que em lugar de haver cinco meninas para casar havia pelo menos dez e a gente tinha de gramar aquilo até as dez casarem todas olá se tinha como aposto que uma delas tinha para aí seis anos tínhamos folhetim até 1990 e tínhamos de ver aquele laguinho com azulejos pelo menos dez vezes por noite e aqueles senhores tão tão tão chatos que a gente às vezes está a vê-los a representar e pensa que o programa foi interrompido por motivos alheios à vontade dos da televisão porque de vontade nossa era interrompido muito mais vezes para mudar de programa olá se era mas para continuar a gente julga que o programa foi interrompido e depois vê que não foi não senhor e que eles continuam a representar aquelas coisinhas dos casamentos lá das meninas mas voltando às coisas importantes ninguém imagina a raiva que eu tenho a esse Castrim que não deixa as pessoas ganharem a vidita coitadas a não ser que saibam fazer alguma coisa e que se apanha lá alguém só com boa vontade ou a dizer umas coisitas dessas que toda a gente diz arreia no dia seguinte que é uma limpeza sem respeito n e n h u m pelos pruridos das pessoas para q u e m não saiba o que são os pruridos eu e x p l i c o quê é uma coisa que é uma coisa que as pessoas têm a respeito do que diz esse Castrim mas que não tem a respeito do que dizem aos telespectadores quem me disse isto foi um senhor que eu conheço aqui na Graça que nunca vê televisão mas que lê o Castrim todos os dias porque acha que esse Castrim é muito mais importante do que a televisão ora é a pensar nestas e noutras que eu vou já metê-lo no tribunal para ver se o prendem antes de eu ir à televisão senão levo bumba moral no toutiço que é uma limpeza e já ando com ele em tal estado que se levo mais bumba vou parar ao hospital e então é que é morte certa pelo sim e pelo não até vou já escrever uma carta ao director do Diário de Lisboa a avisá-lo do que vou fazer.

Guidinha

AFRICANOS EM LISBOA

Professores, técnicos e sobretudo operários são cada vez mais numerosos na cidade

Todos os domingos, de manhã, por volta das dez horas, na Praça do Camões, em torno das pombas e do poeta perpetuado em pedra, os africanos de Lisboa se reúnem, um pouco tímidos, esquivos ao contacto estranho, mas entre si alegres, infantis, raramente ruidosos. São, no geral, como os que abundam no bairro de Alcântara, cabo-verdianos, trabalhadores braçais, muitos deles com as primeiras letras.

Aliás, não é só nestas zonas que se nota, à vista desarmada, o afluxo de africanos a Lisboa. Vemo-los, com seus capacetes metálicos, cobertos de pó, às vezes de tronco nú, músculos delgados e fortes, faces ora submissas ora impenetráveis, trabalhando duramente nas obras do metropolitano, nas da Linha do Estoril, em desaterros, em reparações de colectores, de esgotos, na construção civil, empoleirados em andaimes, carregando baldes com argamassa, empurrando carrinhos, locomovendo vagonetas. Há-os, em grande número, como já foi tornado público, laborando na Lisnave. O jornal britânico *Daily Telegraph*, em artigo firmado por Bruce Loundon, avaliava em cerca de 15000 o número de operários vindos de África para acudir, em Portugal, às carências de mão-de-obra. É óbvio que quando maior se for tornando entre nós a sangria da emigração económica mais volumosa será a corrente migratória de gente de cor. As consequências não são ainda fàcilmente apercebíveis à lupa da análise sociológica. Nem é esse, de momento e aqui, o nosso propósito, senão o de fixar, em notas de reportagem, algumas rápidas impressões resultantes da observação e do contacto directo com africanos de Lisboa. Para já, diga-se que nem sempre tal relação se estabelece com facilidade. Muitos furtam-se - e há que respeitar essa atitude - não pròpriamente à conversa, mas ao interrogatório, logo que ele começa a definir-se.

Foi assim que, numa manhã de domingo pobre, mas azul, frente ao Tejo, vi uma ranchada de negros junto a um muro, de onde se avistavam ondas, velas, nuvens leves, à distância, e onde, como se uma cortina invisível os separasse, outros homens e mulheres e crianças passeavam, paravam, riam, barafustavam.

Avancei para o grupo e, confesso que pouco à vontade, arrisquei umas palavras de abordagem. Triste foi o efeito. Quase todos debandaram. Todos, não. Ficaram, mas inteiriçados, na defensiva, uns cinco ou seis.

- Os senhores importam-se de responder a umas perguntas, para um jornal, para o «Diário de Lisboa»?

Silêncio.

Insisto:

- Trata-se apenas de saber quem vocês são?, o que estão fazendo em Lisboa?, por que razão é que vieram?... Não queremos prejudicá-los, de maneira nenhuma. Só umas perguntas muito simples, que não têm maldade nem política nenhuma. Está bem?

- Pois sim...

— Então vamos lá a saber, como é que vocês se chamam?

Os nomes chovem: Pedro Ferreira, José Tavares, António, Lourenço Silva, José Tibúrcio... Todos cabo-verdeanos da Praia.

— Viemos só trabalhar. Nada mais. Trabalhamos de pá e picareta.

Dois são analfabetos, embora de espírito vivo, como não tardaríamos a verificar; os restantes têm luzes de aritmética e sabem assinar, como aliás sucede, amiúde, desta banda, com a maioria dos chamados alfabetizados.

- Onde é que vocês trabalham?

- Em Alcântara.

- E onde moram?

- Também lá, em Alcântara.

- Onde é que se juntam?

- Às vezes numa cervejaria, em Alcântara. E, aos domingos no Camões?

- Porquê?

— Está-se bem. Encontramo-nos uns aos outros...

- E como é que vivem? quero eu dizer: cómida, renda de casa?

Sem resposta: uns encolhem os ombros; outros, conformadamente, baixam a cabeça, num assentimento a uma pergunta que nem sequer foi formulada.

Deixemos agora os cabo-verdianos de Alcântara, para narrar o episódio - elucidativo?, enigmático?, - que ocorreu quando vínhamos, sempre à beira-rio, guiando devagar. Duas mocinhas crioulas, airosas, altas, muito torneadas, pediram boleia. Excelente ocasião para encetar novo inquérito. Mas, qual quê! Os sorrisos já a desabrocharem murcham à nascença. E uma das meninas, terminante, declara: «Eu não respondo a interrogatórios. Pare aí o carro, faça favor, nós queremos sair».

À outra, mais hesitante, cala-se.

- Mas...

— Desculpe. Já disse!

E lá as despejámos no passeio, onde parecem aguardar outra «carona», com condutor porventura mais afável e menos inquiridor.

Contradições que, longe de nos ofenderem (ainda que, sejam, em certo sentido, mutuamente vexatórias), antes despertam em nós um sentimento de simpatia atrasada, já inexprimível.

Passamos agora a outro bairro, onde fomos mais felizes na nossa tentativa de colher elementos e sondar atmosferas. Em Campo de Ourique, pululam africanos, sobretudo no café-restaurante «Gigante», e noutros estabelecimentos congéneres, à hora das refeições ou da «bica» consagrada pelo hábito lisboeta. Pertencem, na maioria, a outros estratos sociais: estudantes, empregados, técnicos, uns aparentemente muito atarefados, mas com aquela típica descontracção tropical, outros, mais jovens, de andar elástico, já afeitos, pelo menos à superfície, ao estilo da vida do «café» alfacinha.

Interrogamos Maria Natália Cardoso da Silva Antunes, natural de Nova Lisboa (Angola) e agora professora do ensino liceal em Proença-a-Nova, passando o fim-de-semana em Lisboa.

- Porque veio para Portugal?

- Já cá estou faz anos. Nessa época havia apenas dois liceus em Angola e nem se sonhava ainda com a Universidade. Foi por isso que vim. Depois fiquei num exílio voluntário, que já está a durar demasiado.

- Porquê?

- Por muitas razões: saudade, frustrações. O dinheiro para mim não é tudo. Temos de ganhá-lo, sim, para vivermos, mas o essencial é o trabalho em que nos realizamos, no ambiente que nos torna felizes e onde nos sentimos mais úteis, não acha?

- Então pretende regressar a Angola?

- Claro que pretendo. De toda a forma, na minha profissão há lá mais hipóteses. Aqui toda a gente quer ficar na cidade e os atropelos são, por consequência, sem conta...

Outro rosto bonito de africana, esta muito clara, ondulosa, de alta estatura.

- Nome?

- Maria do Céu Bento Marques.

- Local de nascimento?

- Livra!, até parece que estou a preencher uma ficha. Sou da Praia. Cabo Verde, como sabe.

- Ocupação?

- Enfermeira.

- O que a levou a vir para cá?

- O meu desejo de estudar.

- E porque escolheu para residir o bairro de Campo de Ourique?

- Talvez porque já nessa altura (cheguei em Outubro de 1955) aqui viviam muitas pessoas da minha terra.

- Faz tenção de regressar?

- De momento, não. Mais tarde, sim!

- Encontrou em Lisboa boas oportunidades de trabalho?

- Muitas, na medida em que a minha profissão é sempre muito requisitada.

E eis o balanço de uma primeira diligência no sentido de nos aproximarmos, por fases, dos diversos estamentos sociais da população africana que tão impressionantemente aumenta nesta cidade de Lisboa, outrora capital da descoberta, da conquista, das especiarias e fastos do Oriente e dos Brasis.

Prosseguiremos, desde as Universidades aos cabarés, desde as fábricas às ruas da madrugada, desde os escritórios aos bancos de jardim, com um único propósito: o de conhecer uma realidade.

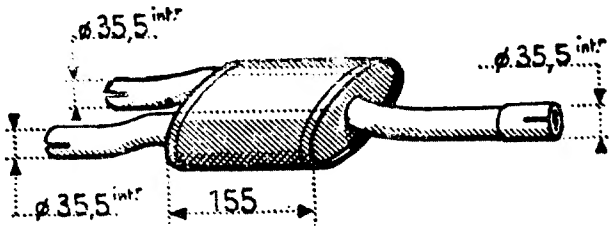
II T.R.

Por toda a capital se vêem estes ranchos ainda exóticos, silhuetas mal adaptadas a um estilo de vida novo, a um ambiente bem diverso daquele em que abriram os olhos para o mundo e para a esperança. O soldado, que aprendeu as suas letras gordas, ajuda os companheiros na sempre maravilhosa tarefa da leitura, segredo de liberdade.

Contradições bem patentes desta hora e deste tempo

Rostos pobres, camisolas e camisas coloridas, bonés proletários. Um cigarro, um sorriso, as calças enrodilhadas, o cãozinho por companhia. A presença de um branco trabalhador no grupo dos africanos é bem significativa de que o racismo é anti-natural e só se manifesta sob a pressão de factores económicos.

SILENCIOSOS E TUBOS DE ESCAPE
BORTEX



O nosso fabrico está garantido, por processos modernos todos mecanizados assim como a montagem rápido a preços excepcionais
Consulte-nos e verá
SEDE: Rua Marquês de Fronteira, 110 4.º P. P C. 651945-650763-680788
FABRICA: Rua Vitor Carlos, 10-12—PONTINHA—Telef. 990051
SECÇÃO DE MONTAGEM DE ESCAPES: Rua do Arco de Carvalhão, 75-A — LISBOA

VOCÊ, QUE É PAI, TAMBÉM BRINCA AO PRINCIPE FILIPE?

Brincar ao Príncipe Filipe» — eis como os ingleses classificam a atitude dos pais que deixam ao cuidado das mães a educação, e, porventura, o correctivo, a aplicar aos filhos. Qual a opinião deles (dos pais, evidentemente)?

«Para mim, ser pai é, ainda e sempre, uma fantástica experiência continuamente nova», diz Brian Cooker, co-autor, com John Mortimer, do programa de Televisão «Dear Father». «Quando tenho que corrigir os meus filhos (Joanne, de cinco anos e Brian, de três), tento sempre utilizar a razão. Muitas vezes acontece que a razão, afinal, estava do lado deles, donde não havia necessidade de correctivo. Creio que não sou eu que estou a ensinar-lhes as coisas mais importantes, mas sim eles que me ensinam coisas maravilhosas. Por isso adoro cada minuto que passo com os meus filhos».

Jackie Charlton, o conhecido futebolista, é pai de três filhos, dois rapazes e uma rapariga; Debbie, de dez anos, Peter, de cinco, e John, de doze. Ele acredita na disciplina.

«Creio que a disciplina é necessária, na medida em que serve, essencialmente, para proteger as crianças e, ainda, para proteger as outras pessoas que, eventualmente, possam ser prejudicadas pela sua falta de disciplina. Por isso deixo os meus filhos à vontade até que cheguem a um ponto limite. Aí obrigo-os a parar. Bater-lhes? Isso só acontece, mais ou menos, uma vez em cada dois meses. É geralmente o mais velho que necessita correcção. De qualquer modo, bater numa criança só se justifica na própria altura em que ela erra. Fazê-lo a sangue frio e premeditadamente é um erro».

A opinião de Erie Morecamb, comediante, não é essa. Ele acha que os seus filhos, Gil, de 16 anos e Gary, de catorze, já sabem mais do que ele e que, portanto, não há razão para lhes bater.

«Nunca bato nos meus filhos. Eles são maiores do que eu. Aliás, acho que eles sempre foram maiores do que eu. Nunca lhes perguntei, mas creio que eles também não sentem necessidade de uma sova...»

Mike Raven, «disc-jockey», intérprete de filmes de horror e, ainda, produtor, tem uma vasta experiência como pai. Tem seis filhos, com idades compreendidas entre os sete e os dezassete anos.

«Só devemos bater nas crianças quando estamos mesmo zangados. Nunca quando, de uma maneira calculista, se pensa premeditadamente em bater-lhes. Eu acredito que, por vezes, é necessário bater numa criança, em certas ocasiões. De qualquer modo só os pais têm esse direito».

MIKE RAVEN, «disc-jockey», pai de sete rebentos: «Acho que só os pais têm o direito de bater nos filhos. E em certas ocasiões é preciso».

JACKIE CHARLTON: «Deixo os meus filhos à vontade até que cheguem a um ponto limite. Aí obrigo-os a parar».

SOCIEDADE PORTUGUESA DE PETROQUÍMICA

S. A. R. L.

CAPITAL REALIZADO 300 000 CONTOS

AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, N.º 104-4.º — LISBOA

AUMENTO DE CAPITAL DE 300 000 PARA 450 000 CONTOS

Emissão de 150 000 acções do valor nominal de 1000$00 cada uma com reserva de preferência para os accionistas

Nos termos da Portaria publicada no Diário do Governo, III Série, n.º 247, de 20 de Outubro de 1971, vai a SOCIEDADE PORTUGUESA DE PETROQUÍMICA elevar o seu capital de 300 000 para 450 000 contos.

A subscrição é pública, gozando os Srs. Accionistas do direito de preferência, na proporção de 1 acção nova por cada 2 das antigas, contra a apresentação dos cupões n.ºs 9 dos títulos que possuem, na Secção de Tesouraria e Títulos da Empresa, na Av. António Augusto de Aguiar, 104-5.º, em Lisboa, nos dias úteis, de 25 a 30 de Novembro de 1971, das 10,30 h às 12,30 h e das 14,30 h às 17 h (excepto sábado, no período da tarde).

As acções serão postas à subscrição pelo preço de 1000$00 cada uma, acrescido do Imposto de Mais-Valias de 15$80 por acção, pagáveis nas seguintes condições:

67 %, acrescido do Imposto de Mais-Valias, no acto da subscrição
33 %, de 22 a 27 de Maio de 1972

e representar-se-ão em títulos ao portador de 1, 5, 10, 20, 50, 100, 500 e 1000 acções.

Lisboa, 20 de Novembro de 1971

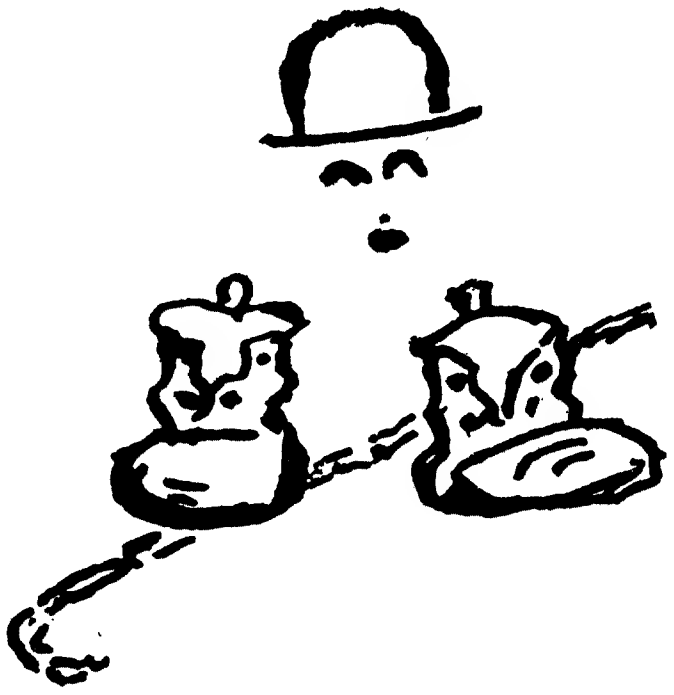
O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

ATRIVM
PARA VOS SERVIR

SALÃO DE CHÁ

LUNCHES

Rua de S. Julião



SAIBA TUDO SOBRE ESTES FILMES DE CHARLES CHAPLIN

O Mundo vai voltar a ver os principais filmes de Charlot. Em Paris, oito desses filmes já estão a ser exibidos nos cinemas Publicis-Elysées e Paramount-Odeon. A oportunidade é especialmente dedicada às novas gerações, que assim aprenderão a amar também um género específico da Sétima Arte. As notas que se seguem foram escritas por Jean de Baroncelli, crítico do jornal «Le Monde», a fim de relembrar as circunstâncias determinantes da realização de cada um daqueles filmes e o acolhimento que mereceram. Resta-nos aguardar a vinda imediata a Portugal desta autêntica e bem representativa antologia de Charles Chaplin.

«CHARLOT, SOLDADO»

1918: A guerra ainda não terminou. Chaplin acaba de participar numa campanha a favor do «Empréstimo da Liberdade». Foi aclamado por toda a parte. Entretanto, muitos dos seus inimigos (já os tinha nessa altura) acusam-no de se ter deixado ficar na «rectaguarda». Foi então que se decidiu a realizar «Charlot soldado», farsa herói-cómica, satírica, testemunho burlesco e lancinante sobre a tragédia que enluta o mundo.

Mais de 50 anos depois da sua realização, «Charlot soldado» continua a ser um dos filmes mais corrosivos de entre os inspirados pela guerra. Porque é através do riso que Charlot combate o horror dos massacres e dos falsos heroísmos. Com uma primeira parte que nos mostra Charlot sujeito à miséria física e à angústia moral dos soldados, deslizamos na sua fantasia. Camuflado de tronco de árvore, Charlot acumula façanhas, corteja uma jovem francesa e acaba por aprisionar o Kaiser, o Kronprinz e Hindenburg! (Trata-se, claro está, de um sonho).

O filme, cuja saída coincidiu com o armistício, teve grande repercussão em todo o mundo. Foi nessa altura que Elie Faure comparou Chaplin a Shakespeare. E Louis Delluc escreveu: «Este filme justifica tudo quanto se possa esperar do cinema. Encontramo-nos, na verdade, perante o domínio faustoso do ilimitado...»

«O PEREGRINO»

Escreveu-se muitas vezes que este filme de 1922 era o «Tarufo» de Chaplin. É verdade que, sob os traços de um forçado evadido que os habitantes de uma cidadezinha americana tomam pelo seu pastor, o autor zomba dos falsos devotos, dos puritanos hipócritas e dos moralizadores.

Mas, mais ainda do que a crítica social, é o extraordinário génio cómico de Charlot que neste filme nos toca. Génio do realizador-argumentista, cuja imaginação caminha a par de uma rigorosa lógica (sob os trajes do sacerdote Charlot continua a reagir como fora-da-lei assustadiço). Génio de comediante que atinge os píncaros da sua arte na cena da igreja, durante a qual o falso pastor mima o combate entre David e Golias.

«O Peregrino», por outro lado, confirma a evolução que se produziu nessa época na personagem de Charlot. Daqui em diante o vagabundo procurará integrar-se na sociedade que o rodeia. Claro, para escapar aos perigos que o ameaçam há ainda o recurso à violência e à astúcia. Mas as primeiras manifestações de um Charlot idealista aparecem em «O Peregrino». Porque confiam nele, ei-lo transformado, pronto a estender a mão aos inimigos de ontem (até mesmo ao polícia). Entusiasmos, aliás, depressa refreados quando se apercebe de que os seus inimigos, esses, não desarmam.

«O Peregrino» foi proibido no Estado da Pensilvânia por «ridicularizar os ministros da santa religião».

«QUIMERA DO OURO»

Trata-se, sem dúvida, do mais célebre dos filmes de Charlot, aquele em que o génio cómico e dramático do autor encontra a sua síntese mais perfeita, o que contém o maior número de «gags» e sequências que se tornaram lendárias: o saborear da bota cosida, a dança dos pães, o «pas de deux» de Charlot e Georgia, as oscilações da cabana no alto do precipício. «E a minha obra-prima», afirmou Charlot um dia a propósito deste filme.

Em «A Quimera do Ouro» o tema do vagabundo ganha uma nova dimensão. E que desta vez não é apenas os homens, mas a natureza inteira, que Charlot tem de enfrentar. Uma natureza cuja hostilidade nunca enfraquece e que sublinha, ao longo do filme, a admirável sinfonia em branco e negro das paisagens do Alaska. Unida à imensidade desértica, a solidão do personagem reveste-se de tragédia.

Quanto ao amor (se nos esquecermos do falso «happy-end»), só traz a Charlot tristezas e humilhações. Pela primeira vez na sua obra Charlot escreve a mulher, não como um objecto de sonho, mas como um ser caprichoso, inconsciente e irresponsável. (Na altura de «A Quimera do Ouro» Charlot acabara de se casar com Lita Grey, de 16 anos, e a união já dava mostras de fracassar).

O filme obteve um êxito triunfal e fez com que Charlot ganhasse milhões de dólares. Foi projectado pouco depois da guerra em versão sonorizada, com um comentário a substituir as legendas. Esta inovação foi considerada desastrosa: o ritmo acelerado das 24 imagens rouba ao filme muito da sua emoção e a supressão das legendas desequilibra a arquitectura do conjunto.

«LUZES DA CIDADE»

Depois de «O Circo», Chaplin pensou, por momentos, em fazer um filme sobre Napoleão; a seguir pensou num outro, sobre Cristo. Decidiu-se finalmente por um argumento cujos personagens principais eram uma jovem cega, um vagabundo e um milionário excêntrico. Nasceram assim as «Luzes da Cidade».

As filmagens começaram em 1928. Meses mais tarde o fulminante êxito conseguido pelo cinema falado levou Chaplin a parar o trabalho. Uma escolha capital se lhe impunha. Não tardou em dar a conhecer a sua decisão: «Não me servirei da palavra no meu novo filme. Nunca me servirei dela. Para mim seria fatal... Mas servir-me-ei do acompanhamento musical sincronizado.»

As filmagens de «Luzes da Cidade» levaram dois anos e custaram dois milhões de dólares. Demora e soma importante para a época. Chaplin tinha composto a música inscrita na banda sonora. Com este filme o autor de «A Quimera do Ouro» punha em jogo tanto a sua reputação artística como a fortuna. E ganhou nos dois campos. Estreado no dia 30 de Janeiro de 1931 em Los Angeles, «Luzes da Cidade» foi acolhido com entusiasmo.

Nesta história terna e cruel Charlot deixou de ser o vagabundo sonhador a quem uma pirueta libertava das preocupações. Trata-se, daqui em diante, de um ser próximo dos outros homens, que ama e sofre porque sabe que nunca conhecerá a ilusão da felicidade. A obra é pungente. Mas Chaplin superou a amargura. Descobre-se, sob a melancolia do tema, um hino à alegria de viver e à beleza da criação, em que já se anunciam «Luzes da Ribalta».

«TEMPOS MODERNOS»

Depois de «Luzes da Cidade» Chaplin empreendeu uma viagem de 15 meses à volta do mundo. Foi provàvelmente essa viagem, durante a qual pôde observar os efeitos da crise económica mundial, a fazer nascer nele a ideia dos «Tempos Modernos». Embora em 1935 a supremacia do cinema falado já não fosse discutida por ninguém, Chaplin realizou um filme mudo. As suas únicas concessões foram uma partitura musical, alguns efeitos sonoros e a canção, numa algaraviada «esperantista», que se ouve no fim do filme.

Para Charlot, «Tempos Modernos» não era um panfleto político mas uma advertência contra os perigos que uma certa forma de civilização faz correr à liberdade e à dignidade humanas. Tragado pela monstruosa máquina que a sociedade industrial pôs a funcionar, Charlot barafusta instintiva-

As suas jóias estão antiquadas? Pode vendê-las ou trocá-las pelos últimos modelos.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Secretariado Nacional da Emigração

FÉRIAS DO NATAL

O Secretariado Nacional da Emigração informa que, no sentido de facilitar aos emigrantes a passagem do Natal com as suas famílias, foram organizados voos especiais da Alemanha para Portugal, em aviões da TAP.

Com o mesmo objectivo, e tendo em consideração os emigrantes que não poderão deslocar-se ao nosso país, idênticos vôos foram organizados para os seus familiares, nos dias 17 e 18 de Dezembro, de Lisboa para Frankfurt, com regresso nos dias 2 e 15 de Janeiro.

Os familiares de emigrantes que desejem utilizar estes voos deverão dirigir-se ao Secretariado Nacional da Emigração, pelo telefone 56 39 21/24; à TAP, pelo telefone 71 60 73/74; ou, na Alemanha, à Missão Católica de Mainz (telefone: Mainz 27672).

te contra esta nova forma escravatura, à qual só conue escapar tornando-se deepregado.

filme provocou as mais diias reacções. Nos Estados dos, enquanto uma parte da rensa acusava Chaplin de um porta-voz do comunisa crítica lamentava a falta unidade da obra e a sua posição mal alinhavada. s grave ainda: a reacção jovens espectadores, que compreendiam a teimosia Chaplin em se encerrar no ismo.

a Europa, particularmente França e na Inglaterra, o foi mais nítido. Mas a Alehã nazi e a Itália fascista piram a exibição de «Tem- Modernos» no seu terri-

«O DITADOR»

ra uma geração inteira viveu ou conheceu a últiguerra mundial a personade Adenoide Hynkel, o dor», foi e continua a ser carnação de Adolfo Hitler, na primeira cena em que ece, já no paroxismo da ria e da demência, a caria é impressionente de ver-

em 1938 que o autor de pos Modernos» teve a de um filme que seria sátira do fascismo. A suo do homem pelo homem, o chefe nazi preparava, seria ainda mais temível ue a sujeição do homem máquina? A elaboração do argumento e a realização do filme decorreram nas condições mais penosas, tendo Chaplin de enfrentar as ameaças e os ataques das organizações americanas prò-hitlerianas e depois, em 1939, a Comissão das Actividades Anti-Americanas. No entanto terminou o filme e apresentou-se em Nova York, em Outubro de 1940. Apesar da hostilidade de uma parte da Imprensa, o filme obteve um grande êxito junto do público.

Há na obra dois momentos inesquecíveis: a cena em que Hynkel, brincando com um mapa-mundo, improvisa um «ballet-pantomima, e o apelo à fraternidade, que encerra o filme e é uma longa homília carregada de idealismo, tanto mais comovente quanto assinala a renúncia de Chaplin àquele silêncio de que fizera o símbolo da sua arte.

«MONSIEUR VERDOUX»

Aqui Charlot apaga-se perante Verdoux, um «dandy» grisalho e cínico, que só reencontra a silhueta, o andar de homenzinho solitário no momento em que vai morrer na guilhotina. Porque Verdoux, bom marido, bom pai e assassino de 12 mulheres, é Landru, «assassino das massas», num mundo de violências e de crimes. Mas talvez também se trate, segundo a expressão de André Bazin, de Charlot «disfarçado do seu contrário».

Charlot explicou um dia a «moralidade» de Verdoux citando von Clausewitz: «Para o general alemão a guerra era a continuação da diplomacia por outros meios. Para Monsieur Verdoux o assassínio era a extensão lógica dos negócios. Ele é um produto do nosso tempo». Trocando Charlot por Verdoux, Chaplin regressa de certo modo à personagem agressiva e cruel dos seus primeiros filmes. Regresso às fontes que, com o recuo do tempo e a experiência das provações, assume a forma de uma amarga meditação, de um certo filosófico cheio de ambiguidades.

«Monsieur Verdoux» (1947) foi um fracasso nos Estados Unidos. Dos 79 filmes realizados por Chaplin foi o único que deu prejuízo. Esta obra ambiciosa e singular continua por descobrir. Há muitos «chaplinistas» a considerá-la como uma das obras-primas do seu autor.

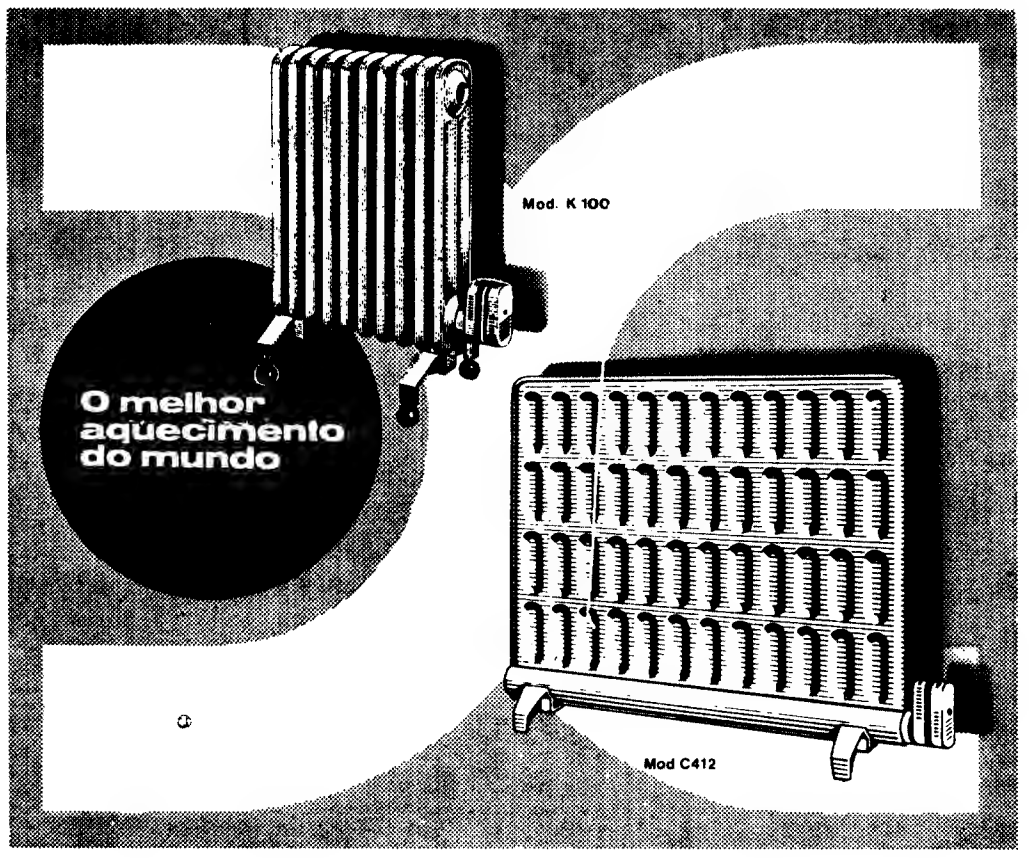
«UM REI EM NOVA YORK»

Num dia do mês de Abril de 1953, cansado dos insultos e das acusações de que era objecto, Chaplin abandonou para sempre os Estados Unidos. «Um Rei em Nova York» tem a marca dos rancores acumulados durante tantos anos. Trata-se de uma sátira do «American Way of Life», ao mesmo tempo que é uma denúncia de «maccarthysmo», então florescente.

Mas a sátira continua a ser sorridente e a denúncia mais alusiva do que feroz. Chaplin não se vinga. Simplesmente, uma vez mais, adverte-nos contra os venenos das sociedades modernas. «Um Rei em Nova York», declararia o seu autor, «não é um filme de propaganda política. Quer apenas mostrar a luta dos seres simples contra as suas próprias criaturas... Continua a ser um romântico incorrigível».

Após uma lenta preparação (dois anos) e umas rápidas filmagens em Londres (doze semanas). Chaplin recomeçou por várias vezes a montagem. Por fim o filme só veio a ser estreado no Outono de 1957. A Imprensa britânica foi bastante fria, agressiva por vezes. «Mais pesado do que o necessário», escreveu o «Times». «O **clown** sem igual trava uma batalha perdida com Chaplin, o panfletário palavroso» «Daily Mail»).

O filme teve melhor acolhimento em França, sobretudo por parte da jovem crítica. «Um Rei em Nova York» não é, por certo, uma pura obra-prima. Mas é um filme que contém ainda alguns pedaços de uma obra-prima.



Dimplex

Aprovados pelos institutos de qualidade em todo o mundo, os radiadores a óleo DIMPLEX são os únicos equipados de termostato de alta precisão, que reage à temperatura ambiente. O calor é saudável pois o DIMPLEX não seca, não suja, nem altera o ar. Há com certeza na vasta linha DIMPLEX um radiador para si.

DIMPLEX – A maior fábrica do Mundo de radiadores eléctricos a circulação a óleo.

À VENDA NOS AGENTES OFICIAIS

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
RAFAEL BURGUETE, LDA. Rua António Enes, 20, 1.º – LISBOA – Tel. 563416
Av. Dr. Alfredo de Magalhães, 99 – PORTO – Tel. 26902

Agradeço o envio GRÁTIS, pelo correio, de um catálogo ilustrado DIMPLEX
Nome .....
Morada .....

No ALGUEIRÃO o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pelo Agente António José Matos da Cruz, Vivenda Conceição-Baratã.

— AJUSTADORES
— CANALIZADORES
— CARPINTEIROS DA CONSTRUÇÃO CIVIL
— CARPINTEIROS DE MOLDES
— CARPINTEIROS DE COFRAGENS E ARMADURAS
— ELECTRICISTAS-AUTO
— ELECTRICISTAS DE BAIXA TENSÃO
— ESCRITURÁRIOS-DACTILÓGRAFOS
— FRESADORES
— FUNDIDORES-MOLDADORES MANUAIS
— MECÂNICOS-AUTO
— PINTORES METALÚRGICOS E DE AUTOMÓVEIS
— REPARADORES DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS
— SERRALHEIROS CIVIS
— TORNEIROS

— Se tem bons conhecimentos da sua profissão
— Se gosta de ensinar
— Se quer iniciar uma carreira atraente

O Serviço de Formação Profissional tem para si um lugar de **Monitor**.

Para um total esclarecimento das condições de admissão, natureza da actividade, programa de concurso, vencimentos, etc., contacte até ao próximo dia **30 de Novembro** qualquer dos Centros das Divisões Regionais do Serviço Nacional de Emprego espalhados pelo País.

DUAS
OBRAS INÉDITAS
DE
José Ortega

★

REBELIÃO
DAS MASSAS
(70$00)

★

QUE É
FILOSOFIA
(60$00)

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO

CENTRO DO LIVRO BRASILEIRO
LISBOA • PORTO

Mulher

DIÁRIO

Gaiola é um eufemismo. Dizemos gaiola para não nos sentirmos mal com a nossa consciência. É bonito ter um pássaro numa gaiola. É decorativo. É alegre. Uma gaiola luxuosa, de sala, ou modesta, de fora-da-janela. Os pássaros cantam, que é a sua maneira de existir. Mas sabemos lá se estão alegres ou se morrem de tristeza. Decidimos que cantam, pronto. Eis-nos de consciência tranquila.

Mas gaiola: pequena clausura para aves, diz-me este dicionário que tenho à mão. Clausura, sim. Chamemos-lhe, porém, gaiola e pintemo-la de doirado e demos à pequena ave de asas desnecessárias, comida com fartura e água fresca.

Quem, senão os mal intencionados, irão pensar que aquilo é uma terrível prisão perpétua?

Emília Bravo

CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA

RATO

Obturações; Extracções; Correcção de dentes; Dentaduras
Preços de Policlínica — Consultas das 9 às 20 horas
Calçada Bento da Rocha Cabral (ao Rato)
Telef.. 68 41 91

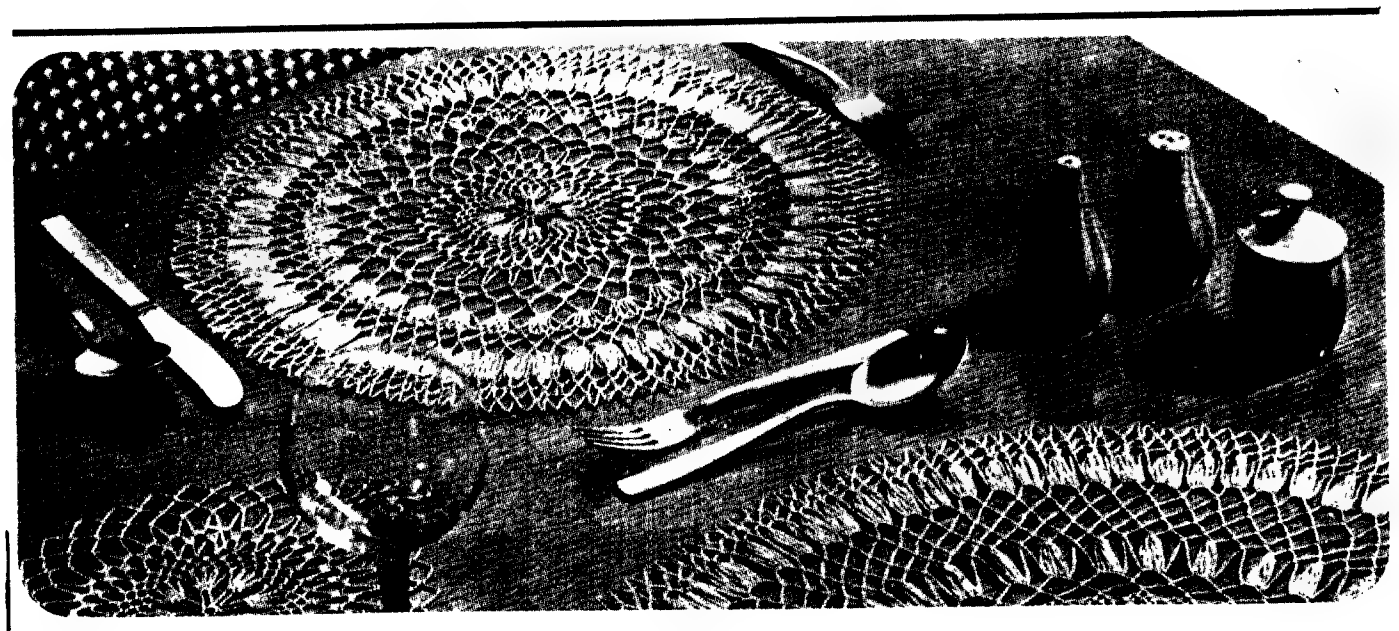
GANHE ATÉ DEZ MIL ESCUDOS MENSAIS

Trabalhando em sua própria casa, com actividades modernas, originais e agradáveis, sem diplomas nem conhecimentos especiais.

Escreva hoje mesmo a CONTINENTAL LABOR, Ref. 13, Calle Calvet, n.° 5 — Barcelona (Espanha).

Apresento-lhes o calorífero a gás **SUPER-SER...**
Possivelmente já conhecem as suas muitas qualidades. Porém, desejo salientar a sua rápida e perfeita distribuição de calor, a sua considerável economia de gás (graças às suas 3 intensidades de calor: mínimo, médio, máximo), a sua linda apresentação, que se enquadra com qualquer tipo de mobiliário e a sua facilidade de deslocação devido aos seus rodízios giratórios em qualquer sentido. Acreditem, amigos, e... antes que o frio aperte, adquiram um calorífero **SUPER-SER.**

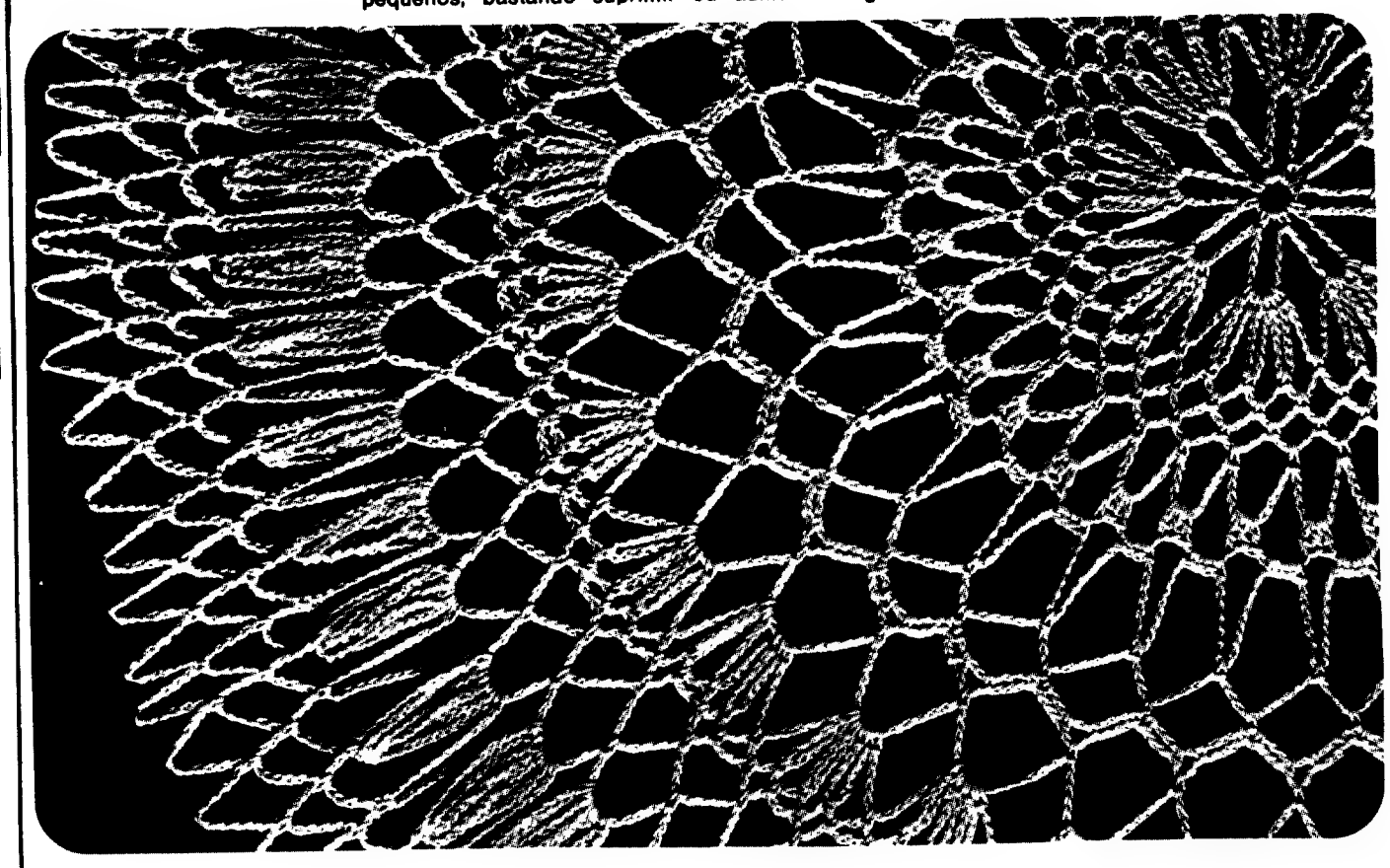
Distribuidores Exclusivos:
Soc. de Rep. **SIDA-SUECA, LDA.**
Rua de S. Nicolau, 44, Tel. 369331 · Lisboa



RENDA NA SUA MESA

Muito simples de fazer, mas não menos bonito este jogo de naperons para serviço de refeições.

Confeccionado com malhas de croché e linha branca número 20, tem uma técnica idêntica para os modelos maiores e mais pequenos, bastando suprimir ou aumentar algumas malhas.



O QUE HÁ NA COZINHA

Deitam-se numa caçarola, 8 colheres (as que restam) de açúcar e água q.b.. Vai ao lume até ficar em ponto pérola. Tira-se do lume e deixa-se arrefecer.

Vão-se-lhe adicionando, a pouco e pouco, as 8 gemas, mexendo sempre. Depois de tudo bem misturado, vai ao lume para cozer as gemas. Deixa-se ferver durante cerca de dois (2) minutos.

Enrola-se depois a torta com o recheio dos ovos moles e banana e cobre-se com o mesmo.

Conselhos e sugestoes

— Não terá mais traças no seu roupeiro se colocar no seu interior um saquinho cheio de cascas de limão. O cheiro é menos desagradável que o da naftalina e o efeito, compara-se aos dos melhores antitraças.

A carne dura fica consideràvelmente tenra quando barrada dos dois lados, com mostarda. Esta operação deve ser feita na noite anterior à cozedura.

Modelo de França para um dia cinzento

Conjunto de calças e casaco, estilo blazer, confeccionado em crepe de lã cor de laranja.

As calças têm uma original paleta, de lado enfeitada com um pequeno botão, em forma de bola.

Stig Blomqvist/Arne Hertz e o Saab, o trio que venceu tudo e todos, incluíndo a neve, no difícil 1.º «rallye» da Inglaterra

O "Rallye" do Rac

Sinfonia na neve para Blomqvist e um "Saab"

Ao longo de cinco dias, os melhores pilotos do Mundo especialistas em *rallyes* erraram pelas estradas inglesas em disputa do *Rallye do RAC* (Real Automóvel Club da Grã-Bretanha), prova que contava para o Campeonato da Europa de Construtores.

Este ano os factores atmosféricos resolveram aliar-se à Organização, tornando espantosamente difíceis as condições do terreno. A neve abateu-se sobre os principais pontos do percurso, chegando a atingir 40 centímetros de altura e quando o Sol conseguiu furar o emaranhado de nuvens a fusão da camada branca em nada beneficiou os concorrentes. Da neve pura e simples, os carros passaram a rodar sobre uma «papa deslizante», debaixo da qual havia ainda finas camadas de gelo. A Organização da prova não autorizou a utilização dos pneus de pregos, o que naturalmente complicou ainda as coisas, tanto no que diz respeito aos concorrentes como às próprias assistências.

Todavia, apesar das difíceis condições em que o rallye decorreu, não se verificaram desastres graves e muitos concorrentes puderam atingir Harrogate, términus da competição.

A explicação para este facto terá de se procurar na política desenvolvida pelas marcas, altamente interessadas em terminarem a prova, já que esta contava como se disse, para o Europeu de Construtores.

Outro aspecto no qual se deverá atentar é o relativo às nacionalidades dos pilotos que terminaram nas primeiras posições. Entre os 10 primeiros, nada mais nada menos que nove finlandeses e suecos. O único não escandinavo foi Sandro Munari, nosso bem conhecido piloto italiano, com duas presenças no Rallye TAP. No rallye português, aliás, já participaram também os três primeiros classificados: Blomqvist, Orrenius e Waldegaard, tendo este último obtido um 3.º lugar em 1970. Lampinen, vencedor do TAP desse ano, foi agora 6.º classificado.

Esta supremacia dos escandinavos não causa sequer espanto, sabida que é a sua natural facilidade em pisar terrenos como os que se lhes depararam agora em Inglaterra.

No fim, Blomqvist confirmou aquilo que dele se sabia: é um dos mais rápidos pilotos da actualidade e pena foi que em Portugal um azar mecânico não lhe tivesse permitido fazer demonstração completa das suas qualidades.

Quanto à prova pròpriamente dita, o RAC-71 mostrou-se uma das mais válidas competições do seu género, mesmo levando em linha de conta o precioso auxílio constituído pela neve.

Sobre a presença portuguesa, será de desejar que outros pilotos sigam o exemplo de Jorge Nascimento, deslocando-se ali para um confronto «fora de casa» com os maiores especialistas mundiais. Embora Nascimento não tenha chegado ao fim, esta primeira experiência séria na neve deve ter-lhe uma ideia da dimensão dos rallyes disputados em tais condições e um razoável traquejo para a resolução de problemas que surjam em idênticas circunstâncias.

Adriano Cerqueira

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA
MATERNIDADE DR. ALFREDO DA COSTA
LISBOA

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA A ARREMATAÇÃO DOS DESPERDÍCIOS E SOBRAS DE ALIMENTAÇÃO DO ANO DE 1972

Torna-se público que até às 16 horas do dia 14 de Dezembro próximo aceitam-se propostas para o concurso em epígrafe.

Das propostas, elaboradas em papel selado, deverá constar o compromisso de não utilizar os referidos desperdícios e sobras na alimentação de animais, nos termos do Edital da Intendência de Pecuária de Lisboa, datado de 25-11-60.

Os concorrentes deverão efectuar na Tesouraria da Maternidade um depósito prévio de 2.500$00.

A abertura das propostas realizar-se-á no dia 15 do mesmo mês, pelas 15 horas.

Lisboa, 23 de Novembro de 1971.

O DIRECTOR
(Doutor Jorge Braz)

Um Mecenas ajuda a fundar uma sociedade de artistas

A Sociedade Portuguesa de Arte Contemporânea, com sede na Praça Oiegário Mariano, 5-2.º Dt.º em Lisboa, considera-se fundada (em tantos de tal) de 1971, data em que ficou acordado pelos seus fundadores a sua definitiva constituição, e tem como principal objectivo o progresso da Arte em Portugal, em qualquer das suas manifestações, com principal incidência sobre as actividades das artes plásticas; cooperar com o Estado e com outras entidades em tudo quanto possa interessar à Arte nacional e igualmente no que se refere à cultura geral e educação. Isto rezam os estatutos.

Procurámos um dos seus fundadores mais activos, o pintor Carlos Lança que desenvolveu as linhas mestras deste singular empreendimento:

— A SPAC é fundamentalmente uma sociedade de assistência no aspecto cultural e de educação plástica, mas não só, pois está disposta a assistir o que lhe for solicitado neste âmbito, gratuitamente. Além da sede em Lisboa, vamos abrir uma dependência no Porto, que será dirigida pelo pintor António Leite. Esta iniciativa despertou o maior interesse por parte tanto dos alunos das Belas-Artes de Lisboa, como do Porto, que estão dispostos a colaborar intensivamente. De Lisboa será dimanado pelo país fora o que formos estruturando e impulsionando e contamos, em todos os planos com a preciosa colaboração do pintor Àlvaro Perdigão, que está intimamente ligado ao professorado, especialmente infantil. Os corpos directivos são assim distribuídos: uma direcção responsável globalmente por toda a actividade da sociedade e outra pela administração da colectividade; o Conselho Técnico e de administração é composto por mim e pelo sr. Ribeiro de Sá um dos elementos da direcção encarrega-se das relações públicas com os órgãos de informação, mantendo-os ao corrente de todas as nossas actividades. Em princípio, esse cargo será exercido pelo pintor Adão Rodrigues.

— Qual a proveniência dos capitais que dispõem para a acção do vosso trabalho?

— Parte dos capitais que nos permitiu dar este impulso inicial foi oferecido por um mecenas, o coleccionador Manuel Costa. É ele a base financeira da sociedade. Já inúmeros artistas plásticos aderiram à SPAC, quer profissionais ou não, coleccionadores de arte e outras pessoas simplesmente entusiastas das coisas artísticas. Uns mais, outros menos, consoante as suas possibilidades, todos contribuem financeiramente para a sociedade. Pretendemos apoiar os centros de educação pré-escolar, além dos que já existem e que nós vamos contactar nomeadamente o Centro de Educação Pré-Escolar de Vizeu (casa-museu Almeida Moreira) dirigida pelo dr. Russel Cortez. Em princípio, nós próprios vamos criar dois centros destes, um em Lisboa e outro no Porto.

PLANOS

Carlos Lança deu-nos depois uma resenha do plano a encetar em força:

— Uma sociedade de arte, implica, para já exposições. Está prevista a primeira exposição colectiva SPAC, no Porto, em Dezembro. Essa exposição deverá ser repetida em Lisboa. Contamos com diversos artistas convidados, pertencentes ou não à SPAC, de vários pontos do país, inclusive do Ultramar. Alguns quadros destinam-se à venda, outros pertencem já a uma colecção que estamos a formar para um futuro museu de arte moderna. O produto das vendas está estabelecido do seguinte modo: a maior percentagem do que estipula o catálogo, como é lógico, destina-se aos autores. Outra mais pequena parte, ao fundo da SPAC e outra ainda, a apoiar artistas sem possibilidades económicas. A sociedade pretende manter uma galeria de arte permanente em Lisboa e no Porto. Faremos publicar trimestralmente um boletim informativo respeitante às actividades internas da sociedade, bem como de informação da actividade constante dos artistas em geral. Além dessa publicação bianual, editaremos uma outra de maior volume e proporções com artigos gerais sobre cultura, artes plásticas e informação. Essa revista deverá conter à volta de 100 páginas, com ilustrações a cores, reproduções de telas e textos em 4 idiomas. Prepara-se um volume sobre a jovem pintura portuguesa. E catálogos muito completos, com todos os dados biográficos e artísticos dos pintores insertos. Há ainda o problema do mercado da arte em Portugal. Editar boletins com cotações do valor dos quadros e dos autores em actividade, é um bem que pode orientar o público interessado nessa matéria. Isto, decerto, vai criar conflitos com as galerias, pois os preços que indicamos são os autênticos e não aqueles que as galerias utilizam para as suas «transferências». Queremos contribuir para o progresso da arte em Portugal e tudo faremos para concretizar a nossa meta.

ANALISTAS DE SISTEMAS

Pretende grande organização bancária para ingresso nos seus quadros.

São condições de admissão:

1 — Licenciatura Ciências Económicas ou frequência de últimos anos do Curso.

2 — Prática de programação e de desenho de sistemas.

Resposta com «Curriculum vitae» detalhado, indicando n.º de anos de experiência, idade, situação militar.

Guarda-se sigilo absoluto.

RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.º 940

À EX.ma CLASSE MÉDICA

Informamos que o mercado se encontra devidamente abastecido com o produto.

ESÕBACTULIN

a conhecida e eficaz VACINA CONTRA AS GRIPES E CONSTIPAÇÕES

RADIOGRAFIA DE UMA SELECÇÃO DOENTE

Recém-chegado do estrangeiro, depois de longos anos de ausência, um espectador de domingo passado no Estado da Luz saiu com a impressão de ter assistido ao pior jogo da sua vida. Na segunda-feira procurou ler tudo o que se escreveu sobre aquele decepcionante Portugal-Bélgica e a sua surpresa foi ainda maior. Alguns cronistas, em longos requisitórios, exaltavam os belgas e criticavam a táctica adoptada pelos portugueses. Outros mergulhavam na negação pura e simples, ou na reiteração da ideia de que as façanhas cometidas pelos «Magriços» na Inglaterra não correspondiam à verdadeira face do nosso futebol.

Nem um só cronista, porém, atentou para alguns detalhes chocantes e que afinal explicam muita coisa ou, pelo menos, alguns resultados mais dolorosos. Citaremos alguns, ao acaso, baseando-nos nas observações daquele espectador que teve, entre outros, o privilégio de ver pràticamente todos os jogos do último Mundial.

A cúpula da selecção explicou aos jogadores que a tarefa era difícil. Mas esqueceu-se de explicar o resto. Afinal, todos tinham confiança era um milagre de São Eusébio...

DAMAS

1) A transposição do jogo da defesa para o ataque começa no guarda-redes sempre que este se apossa da bola. Ora essa transposição, ou recomeço do jogo, não deve ser operada com um chutão para as núvens, como Damas fez uma boa dúzia de vezes. Quando a bola, chutada às cegas, cai no meio do campo, pode ser apanhada por um adversário e voltar ràpidamente à zona de onde foi despachada.

O Brasil, no México, ensinou como se deve fazer: Félix defendia e imediatamente dava **com a mão** para Brito, Carlos Alberto, Piazza, Everaldo ou Gerson. Estes, por sua vez, iniciavam a acção de ataque preocupados com a entrega macia, a bola sempre a beijar a relva, enquanto na frente os companheiros procuravam situar-se para dar continuidade eficaz à jogada. Simples e óbvio. Mas é de presumir que nunca ninguém explicou isto a Damas. Nem Fernando Vaz nem Pedroto.

2) Não são só os defesas laterais que podem participar da tarefa ofensiva. O brasileiro Brito jogou no México como os antigos médios-centros. Frequentemente aparecia de posse da bola na linha de meio campo, para aí proceder à abertura mais conveniente. Domingo passado, Humberto limitou-se a uma actividade meramente destrutiva, o que, havemos de convir, é muito pouco para um defesa, actualmente.

O MEIO CAMPO

3) Nem Jaime Graça, nem Peres, nem Simões, consideraram de sua obrigação ir à **dobra** na defesa, em caso de pressão adversária. No moderno futebol de sanfona, o homem do meio campo tem de ir a todas, deslocar-se velozmente da sua grande área até à área do inimigo e vice-versa. Ora não foi uma nem duas vezes que os nossos defesas se viram literalmente desamparados diante dos súbitos ataques belgas e forçados a ir à **queima** em condições mais do que desesperadas. Sem dúvida, aqui pesou também a veterania de Jaime Graça e Simões, bem como o deficiente preparo físico de Fernando Peres, que a meio da segunda parte já não tinha pernas. E que dizer de Octávio? Esperemos que algum dia os responsáveis se convençam de que um jogador de metro e meio pode ser útil ao nível de clube, não ao de selecção nacional. Mas a culpa aqui não é só dos responsáveis. Até alguns cronistas concorreram para a formação de um folclore em torno do diminuto jogador, comparando-o ao rato atómico dos desenhos animados. Posto à prova, o folclore derreteu-se como bola de sabão: o «Speedy Gonzalez» era um «coreano» que corria muito, mas sem jamais encontrar o sítio adequado.

4) Viram-se defesas, com frequência, controlar a bola com a barriga (?), o que já só é admissível num jogo de solteiros e casados. Pior: até um jogador com sólida reputação de tecnicista, Rui Rodrigues, parou três ou quatro vezes a bola com o joelho. «Matar no peito», como dizem os brasileiros, baixar na terra e passar de primeira, é uma jogada que define um verdadeiro craque. Agora entrar de canela, não. A bola espirra, naturalmente, ganhando efeito imprevisível e oferecendo-se, na maior parte dos casos, ao adversário mais próximo.

VELOCIDADE

5) «Passar de primeira». Os belgas fizeram isso algumas vezes. Mas jogavam no contra-ataque e tinham pela frente, a todo o momento, **gritantes** espaços vazios para penetrações rápidas. Do lado português, o lance mais frequente era o de Simões correndo com a bola para entregá-la a domicílio. Apenas uma ou duas vezes a bola correu solta de pé em pé, e em ambas o golo esteve iminente. Simões tem o seu estilo, evidentemente, e a um jogador do seu talento e da sua capacidade tudo deve ser permitido, porque de repente ele pode decidir uma partida. Mas, quando o individualismo vai longe demais, num dia colectivamente ruim, até Simões deve ser admoestado por não saber adaptar-se às circunstâncias, isto é, impôr um jogo veloz ao invés de insistir em driblar a própria sombra. Quantas jogadas arruinou Simões por ter sido levado desarmado na quarta ou quinta tentativa consecutiva de drible? O nosso espectador que esteve no México não se cansou de manifestar o seu desagrado e de repetir: Não gosto de jogador que joga de cabeça baixa. De olhos no chão ninguém sabe onde está o companheiro mais bem colocado para receber a bola».

6) Torres permaneceu entalado entre dois adversários, ciente de que só um papel lhe cabia: saltar com os adversários às bolas altas. Qual foi o resultado disto? Nenhum, como se viu. O coeficiente de remates portugueses à baliza de Piot foi extremamente baixo. E não foi só por não haver extremo-esquerdo, nem um n.º 10 (Eusébio) em condições de render o seu normal. Por causa de Torres, e da sua elevada estatura, ninguém tentou vencer os defesas belgas com a bola rente ao solo, que era, exactamente como eles podiam ser vencidos.

O TRIVIAL

Em suma: o Portugal-Bélgica foi um jogo de baixíssimo índice técnico, em que não se notou um único lance de boa execução individual, para além do trivial mais corriqueiro. E não é lícito retorquir que se tratava de um «jogo de nervos», em que uma das partes precisava de ganhar por duas bolas de diferença e à outra bastava segurar o empate em branco. O bom jogador conhece-se nas circunstâncias difíceis e não nas partidas amigáveis.

Os belgas formam um conjunto de segunda linha mesmo ao nível europeu, temíveis em casa, pela dureza e empenho com que se entregam à luta, mas extremamente frágeis quando se exibem fora (no México tiveram um comportamento insignificante. Toda a sua aparente solidez se teria esboroado se os portugueses houvessem entrado domingo, na Luz, com a ideia de que o adversário estava plenamente ao seu alcance. Mas o seleccionador (e alguns cronistas) ajudaram a radicar um temor que não se justifica na ocasião. Repetiu-se o mesmo fenómeno de 1966 em Londres, quando, na hora de entrar em campo para as meias finais contra a Inglaterra alguém disse a Eusébio e seus companheiros:

- Bom, o que vocês fizeram já foi bonito. Agora, haja o que houver, podemos dar-nos por satisfeitos: chegamos onde ninguém supunha que poderíamos chegar.

Era o espírito da derrota antes de começar o jogo. E isto, parecendo que não, pesa tanto na balança como um guarda-redes a chutar a bola sistemàticamente para as nuvens ou uma defesa a jogar em linha, como se usava na década de 60.

Texto: SANTIAGO CASAL

Os belgas. Duros, mas vulgares. Para não dizer medíocres

FUTEBOL INTERNACIONAL

Eliminatória do Torneio Internacional de Juniores

CAMPO DA TAPADINHA

QUARTA-FEIRA, dia 1 de Dezembro de 1971 — FERIADO NACIONAL

Às 15,30 horas

PORTUGAL - SUÍÇA

Preço dos bilhetes:

BANCADA CENTRAL	20$00
BANCADA LATERAL	15$00
GERAL	10$00

Locais de venda:

FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE FUTEBOL
Praça da Alegria, 25
Das 9.30 às 12.30 e das 14.30 às 18 horas

ASSOCIAÇÃO DE FUTEBOL DE LISBOA
Travessa da Trindade, 25-3.º
Das 10 às 13 e das 15 às 19 horas

ATLÉTICO CLUBE DE PORTUGAL
Rua Oliveira Miguens, 80

E NAS AGÊNCIAS HABITUAIS

Espectáculo para Grupo A 6 anos

SE VIAJA...
POR PRAZER...
EM NEGÓCIOS
VIAGENS IT
AVIÃO, HOTÉIS,
VISITA DE CIDADE
TRANSNAUTICA

LUSTRES
Se está interessado na sua compra, não o faça sem visitar a Fábrica: Av. 5 de Outubro, 203-r/c. Esq. (ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39.
VENDA AO PÚBLICO

O campeonato sem papas na língua

O campeonato parte hoje para o golo 170. Travou como se recorda para a selecção escolhida por Gomes da Silva e Pedroto adquirir o preparo físico e a condição técnica ideais para poder contrabalançar a esmerada sapiência bem patente no internacionalmente cotado futebol belga: foi o que se viu. Mas, não vale a pena perder mais lágrimas com ruim defunto. Encaremos, portanto e definitivamente, outro horizonte: o do campeonato, que prevalece após o concludente último suspiro na caminhada para vôos mais bonitos e mais longínquos.

O COSTUME

Ora o campeonato vai cumprir esta tarde o seu nono arranque. Com uma dupla rubro-verde no comando e outra como directa perseguidora. O que não quer dizer, claro que o Futebol Clube do Porto, com um jogo em atraso (perante o União de Tomar) e a receber hoje os «leões», não possa ainda grudar-se ao primeiro pelotão e como Fénix, renascer das cinzas em que parecia envolto antes da abalada para terras brasileiras.

De qualquer modo (e para já) a parelha do costume discute a cimeira habitual: um golo de diferença dá momentânea vantagem ao Benfica na ordenação da «geral». E caso curioso — apesar de contar com goleadores como Eusébio, Artur Jorge e Vítor Baptista, Haggan ainda não deu ao «team» uma feição verdadeiramente atacante. Contam-se, até alguns resultados em que os benfiquistas, contra as suas próprias credenciais, não conseguiram mais do que um golo de avanço no final de partidas que anteriormente se afiguravam desniveladas a seu favor. Para justificar tal, que encontramos? A lesão do melhor futebolista português de todos os tempos, a ausência de um médio de feição atacante, a má condição inicial de Vítor Baptista e, ainda, uma concepção de jogo por parte do inglês dominador da turma benfiquista que é muito discutível: e só tem agradado ao presidente do clube que o contratou e a alguns adeptos da «águia» que acham sempre risonho e belo qualquer resultado favorável, ainda que ele não represente mais que uma paupérrima exibição pública.

HAGGAN

Vale a pena lembrar agora que estamos a sós, que Jimmy Haggan apenas continuou no Benfica por duas razões: José Ferreira Queimado não aceitou a candidatura a presidente que quase lhe foi imposta por centenas de consócios e o dr. Borges Coutinho tinha garantido a Hagan-garagista que se Haggan — treinador conquistasse um título em Portugal veria a sua ligação ao clube prolongada pelo menos por mais uma temporada. Os jogadores da Luz beneficiando (na temporada transacta) de deslizes em série do Sporting e do Porto e acicatados por óptimos prémios desembolsados pelo seu presidente (de um modo jamais esperado como que a pretender de qualquer modo fazer prevalecer que fora excelente a ideia da contratação do antes anónimo Haggan) chegaram ao primeiro lugar do campeonato e, mesmo sem isso ser sua pretensão pessoal fizeram revalidar a ligação Haggan-Benfica.

Agora robustecida a defesa pela aquisição de Rui Rodrigues e por um créscimo de forma de José Henriques (que poucos ousariam prevêr) o Benfica joga com três naipes na mão: abdicando de uma só côr, os «encarnados» criam afinal um pouco de «suspense» no torneio em que figuram como «estrelas». Há porém que salientar uns pequenos nadas a que o tempo se encarregará por dar solução: onde está Toni? onde está Barros, pago a peso de ouro? que se passa com Fonseca cujo custo andou pelo cifra do milhar de contos? que divórcio permanente é esse entre os jogadores e o técnico? que força interior incita Haggan a ser persistente nas suas teimosias?

COM E SEM

E temos o Sporting. O Sporting com (e sem) Yazalde. Fala-se que ao argentino surgiu, com foros de rebelde, a moléstia que os jornais do seu país diziam estar a tomá-lo de assalto: uma lesão na virilha que condena o possuídor a rápido afastamento dos campos do desporto profissional. Mas isso podem ser boatos, evidentemente. Quando dois dirigentes dos «leões» adiantaram o dinheiro para o recrutamento do argentino decerto já tinham submetido Yazalde a pormenorizado exame clínico que estas coisas de empatar dinheiro, sobretudo por comerciantes não se faz assim sem mais aquelas.

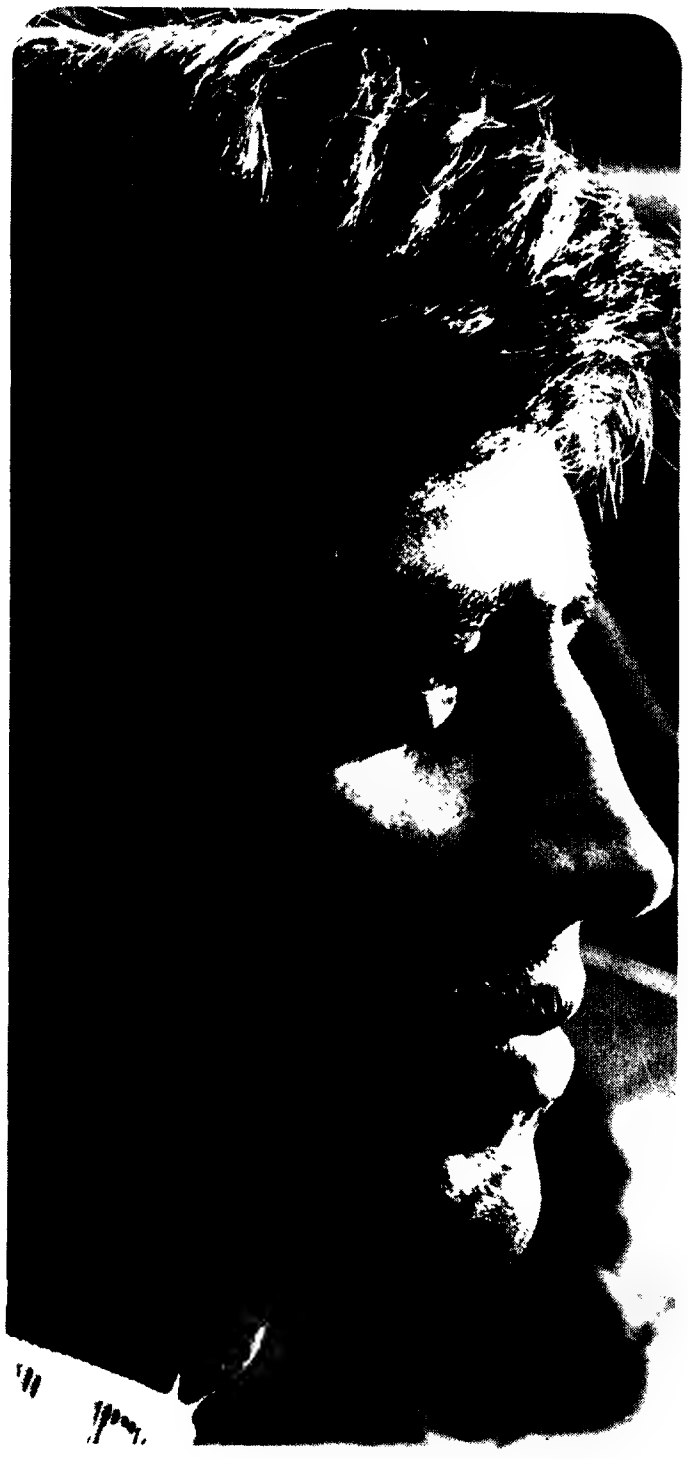
Fernando Vaz tem ao seu dispôr um «plantel» inferior (em qualidade como em quantidade) ao que foi colocado à mão de semear do recente garagista inglês que **virou** técnico da melhor equipa do futebol latino — que já o era (evidentemente) sem a preparação cilíndrica de Jimmy Haggan. Vaz conta com pedras (isso, sim) que se cotam como de primeirissimo plano cá pelo burgo: Damas, José Carlos, Laranjeira, Hilário, Peres, Vagner, Lourenço, Chico e exactamente Yazalde. Sem falar em utilidades como Márinho e Nelson que só por si, podem decidir desafios. A Fernando Vaz, indiscutívelmente um técnico de primeira linha em qualquer coordenada em que se **fale** futebol apenas surge como senão o fraco rasgo de audácia, a carência de ousadia: ainda há pouco Manaca era o **homem para segurar resultado** que entrava em campo mal qualquer meia-tijela apanhava um golo do Sporting. Não fora este senão e os «leões» teriam sido titulares na época trasacta, como todos de boa memória podem lembrar sem qualquer esforço.

Em oscilação de condição técnica, Damas não está a dar ao «team» a confiança de há meses atrás. Mas, que nos perdoem os detractores do extraordinário guarda-redes: ele é ainda (e não vemos com sinceridade, nem sombra de comparação) o guarda-redes mais temido do campeonato. Que não se descontrola com a facilidade que toma de assalto José Henrique e que dá muitos menos **frangos** que o setubalense Torres, recém-promovido à condição de vedeta pelo facto do seu treinador, ser também técnico da selecção nacional.

EXPORT

O Vitória de Setúbal ganhou com a «compra» de José Torres, o direito a ostentar o melhor «goal-average». Octávio, Jacinto João e José Maria são os homens dos cordelinhos: enquanto que o **ex-gigante** do Benfica vai resolvendo as coisas lá pela frente. Resta saber até quando a capacidade física de todos eles pode resistir a contínuos desgastes. Na Roménia o balanceamento defesa-ataque foi nulo, o que se pode considerar como um segmento a oscilar entre dois pólos: ou o alcance do ponto de saturação ou a pausa que antecede as grandes, as decisivas batalhas.

Todavia, num aspecto o Vitória respira tranquilidade: nas suas finanças, a quem a achega da bilheteira contra o Spartak foi **uma mina.** E, para o fim do ano, já está: basta negociar um dos recém-internacionais e aí temos mais uma época de prosperidade para os setubalenses, que graças aos rótulos de «internacionais» colocados em alguns dos seus representantes e ao óptimo fio de jogo que são absolutamente capazes de mostrar às plateias, se colocaram no caminho dos produtos **«bons para exportação».** Pedroto, ao serviço do Vitória como da selecção demonstra a mesma sagacidade que o fez triunfar no conturbado mundo do chuto, quando veio do Algarve tentar (e amealhar) fortuna noutras paragens.



Yazalde estará acabado?

VÃO INDO

Quanto à Cuf (de Fernando Caiado) lá vai. Sem espaventos, com cautela, e caldos de galinha. Sem ostentações: mas com segurança. Assegurado, parece-nos um lugar dentro dos seis melhores participantes na tabela final de um campeonato inédito: o tal que foi aumentado nas costuras a pedido de várias famílias.

Com um grupo pejado de nomes que se poderiam considerar «queimados» (ou usados em demasia) o Farense encontrou no técnico Manuel de Oliveira e no entusiasmo da sua massa associativa forças que o catapultaram para um posto já invejado. Para este esforço não é estranha a coragem do comércio, da indústria, do turismo locais, que rápidamente se aperceberam das vantagens de residir na cidade um clube de futebol em lutas primo-divisionárias. O Farense consentiu nove golos até ao momento: tantos como os que logrou enfiar nas balizas adversas. Este equilíbrio atesta a tenacidade com que os farenses se postam à defesa e a pouco afoiteza que manifestam num ataque sem unidades refulgentes mas com homens que conhecem, de cor e salteado, o abc do futebol. E pensam que o amanhã poderá ter de encaminhá-los para outras paragens: daí que qualquer lesão possa travar os seus horizontes. E esse receio acaba por imperar em alguns domingos.

E O PORTO?

Lado-a-lado, pelo menos até hoje, figuram a instabilidade do Atlético, os divertidos e nada tímidos rapazes da Académica, os astutos vimaranenses, os **persuasores** do Barreiro e, como caso estranho de comportamento, o Futebol Clube do Porto. Se o Atlético, o Vitória de Guimarães e o Barreirense lutam pela sobrevivência, e a Académica (rubricando rendilhados ou demonstrando ferocidade) é sempre capaz de tudo, fica na peneira o Futebol Clube do Porto, que logo no início de temporada teve rompantes de leão, para meia dúzia de semanas decorridas se arrastar penosamente na encosta do campeonato.

Teixeira, que estivera oito meses perseguido pela sombra de «Doc», pretendeu emergir de um só golpe: a equipa continuou submersa e o técnico (nada bafejado também pela sorte) entregou a cabeça aos carrascos. Aí está agora Paulo Amaral. Chega todo ufano, porque muita boa gente talvez menos esclarecida, logo associou o seu nome aos êxitos em terras de Vera-Cruz, esquecendo o anterior trabalho de Teixeira (preparação física) e Artur Baeta (força anímica e condição mental). Daí que Paulo Amaral que sabemos ser um óptimo preparador físico mas um técnico de campo de qualidade mais abaixo apareça nas Antas a braços com um dilema: justificar (ou não) a aureóla de que será um **salvador da pátria.**

Tudo joga a seu favor. O Porto nunca andou tão por baixo na classificação do campeonato: difícil, assim que desça ainda mais. Tem um jogo a haver: e, à priori, è sempre de **ganhar** um confronto contra o União de Tomar, pese na balança a abnegação dos comandados por Fernando Cabrita. E tem, sobretudo, um fabuloso jogador: esse craque a sério que já è «leader» dos rematadores eficazes. Com Flávio e podendo dispôr de Rolando, Pavão, Bené, Lemos, Gualter e Abel, que técnico veria com maus olhos a sua «chance» num Porto endinheirado e cheio de confiança no entusiasmo da mais estupenda massa apaniguada que vai aos campos de futebol do Continente?

Daí que Paulo Amaral, suceda o que acontecer, esteja já na mó de cima: e com a possibilidade de, através uma ou outra apelação ao fascínio das coisas difíceis, projectar os azuis-brancos para o trono de que se apearam apósYustrique e Bella Guttman.

OS OUTROS

O Beira-Mar ainda não acertou as agulhas: sem expoentes ao seu serviço (desde a rede à extrema-esquerda) porfia para não tombar. Talvez tenhamos batido à porta de uma representação ainda sem ligação suficiente para poder ser considerada como equipa de contornos definidos. Aliás, estas mesmas palavras poderiam vestir-se ao Boavista, onde a descrença em resultados milagrosos começou a nascer no remanso da secretaria e, de um pulo tomou o espírito dos futebolistas, que já não confiam cegamente no palavroso Meirim nem acreditam que o argentino Perrichon possa ainda ser a **mèzinha** que tudo cura. Envolto em problemas extra futebol, que devem provocar desbaste nervoso quase incontrolável perante a multidão Joaquim Meirim tem a sina de indispôr contra si as falanges que anteriormente o endeusavam. Aconteceu isso no Belenenses aconteceu isso lá pela assembleia-geral do Boavista como se constatou. Só que Meirim, nascido do nada e com fraca fortuna de berço suplanta (tem suplantado) todas as crises mercê da atracção de bilheteira que representa e é fruto da sua auto-extraordinária dimensão publicitária. Um homem capaz de vender o inferno ao Diabo, não baqueia assim, do pé para a mão. E, como enquanto há vida há esperança, o público compra bilhete quase só para espreitar, no banquinho corrido, esse homenzinho pequeno que fuma muito e fala pelos cotovelos: às vezes até dizendo coisas acertadas, mas sempre a manifestar uma sabedoria das matérias em causa que até poria em equação, na própria barra de um tribunal, um bom mestre de direito.

Medeiros (Tirsense) e Zézé Moreira (Belenenses) possuem diplomas diferentes e contam com lotes de jogadores nada semelhantes. Enquanto que ao Tirsense apenas se solicita um ou outro **brilharete,** ao belenenses há quem pretenda exigir campeonatos. Se o conformismo de uns significa os pés na terra, por outras bandas o erguer de sonhos provoca indubitável pesadelo no despertar. Zezé, trabalhador, profissionalão, consciente e nada aventureiro, já compreendeu onde **parou** a sua carreira. E, nesta pausa do campeonato, deve ter feito uma lavagem ao cérebro do seu «timinho»: derradeira hipótese de poder reeditar feitos e glórias que estão dentro da sua bagagem. Mas isso não parece muito fácil: basta atender nos futebolistas com que o Belenenses conta e reparar que poucos se encontram em condições de pedir meças (em cotejo técnico) aos nomes que andam aí pela boca do Povo salvo a honrosa excepção que dá pelo nome de Laurindo ou uma outra promessa (Luís Carlos) que **embrulhado** com o inexperiente Carlos Jorge, veio do Brasil com ganas e ralé.

NA CAUDA

Na cauda da tabela vivem, com as angústias que se adivinham, o Leixões (de Horácio) e o Tomar (de João Carlos). No primeiro terço do campeonato a tarefa foi inglória, o que não quer dizer que o mundo não possa levar uma volta e, tanto Leixões como Tomar ficarem de consciência tranquila no fechar do pano sob o nacional 71-72: que, pedimos a Deus e aos Homens de todo o coração, não seja o patamar para outra divisão maior ainda, sem rendas de bilheteira compensadoras e sem padrão exibicional a justificar chamadas aos campos.

Porque, se olharmos bem para a tabela, já começamos a ter medo que esteja para aí a levantar-se um movimento de solidariedade qualquer e ainda acabemos por ter dezoito clubes num campeonato-maior, que como sempre, acaba por ser só discutido por dois ou três.

Texto: NEVES DE SOUSA

PIANOS
VERTICAIS
E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM
DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S.A.R.L.
95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

motor

PARA O PERIODO DE 28 DE NOVEMBRO A 4 DE DEZEMBRO

horóscopo

pelo astrologo HORUS

ÁRIES

(21 de Março a 20 de Abril)

AMOR: — As suas influências astrológicas para esta semana proporcionar-lhe-ão certamente excelente harmonia e felicidade na sua vida familiar. Encontrará soluções bastante satisfatórias para todos os seus problemas e dificuldades actuais. Período muito feliz.

DINHEIRO: — Terá oportunidades novas e bastante interessantes, no que se refere aos seus interesses financeiros. Poderá melhorar sensívelmente a sua situação económica.

PROFISSÃO — As suas influências para esta semana apresentam-se igualmente muito favoráveis para os seus interesses profissionais. O seu cérebro está a funcionar muito bem, dando-lhe ideias e soluções muito acertadas, o que lhe porporcionará êxitos deveras interessantes. Todos os seus assuntos profissionais evoluirão favoràvelmente.

SAÚDE: — Não há motivos para preocupações, no que se refere ao seu estado de saúde, embora seja aconselhável usar de cuidado.

TAURUS

(21 de Abril a 21 de Maio)

AMOR: — As suas influências para este período deixam prever toda uma série de contrariedades e aborrecimentos tanto na sua vida sentimental como nas suas relações e aborrecimentos domésticos. Oriente esses problemas com inteligência e habilidade, pois só assim poderá evitar contratempos sérios. A diplomacia ser-lhe-ía muito útil.

DINHEIRO: — Vigie cuidadosamente as suas despesas, sobretudo com assuntos relacionados com o lar, pois neste momento as suas disponibilidades económicas serão relativamente reduzidas.

PROFISSÃO: — Será aconselhável que esteja preparado para enfrentar a oposição de algumas pessoas que lhe querem mal e que só estão à espera duma oportunidade para prejudicarem a sua vida profissional. As suas actividades evoluirão em condições pouco satisfatórias, num ambiente de luta e de rivalidades. Use de todo o cuidado.

SAÚDE: — Sob o ponto de vista físico é provável que venha a sentir durante esta semana um certo cansaço, um desgaste considerável das suas energias. Procure repousar, dentro da medida das suas possibilidades actuais.

GEMINI

(22 de Maio a 21 de Junho)

AMOR: — A semana apresenta-se mais ou menos normal, no que se refere aos seus assuntos e interesses de ordem sentimental. Deixe que as coisas vão seguindo o seu caminho natural, sem procurar forçar os acontecimentos. No plano familiar não há acontecimentos importantes a assinalar.

DINHEIRO: — Não será aconselhável que alimente aspirações demasiado ambiciosas, durante a semana em curso, pois o momento não é favorável para os seus interesses financeiros. As suas receitas não serão superiores à média.

PROFISSÃO: — Dedique-se inteiramente às tarefas que tem em andamento, no âmbito das suas actividades profissionais e deixe para outra altura mais favorável as transformações e iniciativas que tem em vista. O momento não é propicio para alterar a sua situação.

SAÚDE: — Use de muito cuidado com a sua saúde, especialmente com as vias respiratórias, que estão bastante expostas a perturbações.

CANCER

(22 de Junho a 22 de Julho)

AMOR: — Período bastante feliz para todos os seus assuntos e interesses de ordem sentimental. Tudo correrá mais ou menos à medida dos seus desejos, não havendo motivo para preocupações a esse respeito. Sob o ponto de vista das suas relações domésticas o período é igualmente favorável para si.

DINHEIRO: — Terá durante esta semana algumas ideias novas e bastante proveitosas, sob o ponto de vista financeiro. Explore o melhor possível essas ideias, e não tenha receio de se arriscar, pois os resultados serão favoráveis.

PROFISSÃO: — Finalmente surgiu a oportunidade que há tanto tempo esperava, e que lhe permitirá transformar as suas condições de trabalho, estabelecendo a sua situação profissional em bases muito mais seguras e compensadoras. Aproveite este momento feliz que a semana lhe oferece.

SAÚDE: — Não se observam alterações importantes no seu estado de saúde, durante a semana em curso. Tudo correrá normalmente neste sector.

LEO

(23 de Julho a 22 de Agosto)

AMOR: — Embora o período não seja verdadeiramente desfavorável, no que se refere aos seus assuntos de natureza sentimental, as coisas não correrão inteiramente à medida dos seus desejos. Prepare-se portanto para algumas pequenas desilusões que de resto serão compensadas por outros aspectos favoráveis da semana.

DINHEIRO: — Não há motivos para recear complicações importantes durante esta semana, no plano financeiro. Use de cuidado mas não se alarme sem motivo.

PROFISSÃO: — As suas actividades profissionais evoluirão em condições muito satisfatórias, durante a semana em curso, não havendo contrariedades importantes a recear. No entanto poderão surgir alguns pequenos conflitos nas suas relações profissionais, o que pode dar origem a um ligeiro recuo da sua posição.

SAUDE: — Não se justificam previsões pessimistas a respeito da sua saúde. Tudo corre normalmente.

VIRGO

(23 de Agosto a 22 de Setembro)

AMOR: — As previsões astrológicas para esta semana são bastante más, no que se refere à sua vida sentimental. Se não usar de cuidado adoptando uma atitude compreensiva e conciliadora, poderá comprometer sériamente a sua felicidade futura. No seu ambiente familiar poderão igualmente surgir aborrecimentos, que de resto serão pouco importantes.

DINHEIRO: — Estabeleça para esta semana um orçamento muito bem estudado, baseado nas realidades, pois o realismo é-lhe muito necessário neste momento.

PROFISSÃO — Se as suas actividades profissionais começarem a evoluir num sentido desfavorável para os seus interesses, e é bastante provável que isso aconteça, não se impaciente nem perca o sangue-frio, pois não remediaria nada com isso. Estude a situação com calma e inteligência, e tome medidas drásticas no sentido de eliminar alguns erros que cometeu.

SAUDE: — Vigie cuidadosamente o funcionamento do seu fígado, que durante esta semana poderá acusar algumas perturbações de certa importância.

LIBRA

(23 de Setembro a 22 de Outubro)

AMOR: — O periodo é verdadeiramente magnífico para si, no que diz respeito aos seus interesses sentimentais. A sua vida amorosa decorrerá em condições francamente satisfatórias. O mesmo se verificando quanto à sua vida familiar, na qual tudo se passa normalmente sem atritos.

DINHEIRO: — São prováveis alguns lucros extraordinários durante a semana em curso, desde que saiba tirar partido das oportunidades que não deixarão de lhe surgir.

PROFISSÃO: — A sua vida profissional atravessa neste momento uma fase decisiva. Terá oportunidade de escolher um rumo novo, provàvelmente uma actividade por conta própria ou em sociedade, que no futuro lhe proporcionará resultados verdadeirammente magníficos.

SAÚDE: — Não se observam indicações desfavoráveis quanto à sua saúde, durante a semana em curso. Tudo correrá de acordo com os seus desejos.

SCORPIUS

(23 de Outubro a 21 de Novembro)

AMOR: — O periodo em curso apresenta-se um tanto perigoso para si, no que se refere à sua tranquilidade doméstica. É provável que tenha de enfrentar discórdias bastantes sérias, que só poderá resolver satisfatòriamente se souber agir com tolerância e espírito conciliador.

DINHEIRO: — Não conte com resultados importantes durante esta semana, no que diz respeito aos seus interesses financeiros. As suas esperanças não se realizarão.

PROFISSÃO: — Período mais ou menos desfavorável para si, no que diz respeito ao desenvolvimento das suas actividades profissionais, embora não se notem indícios de complicações importantes. Mantenha-se numa posição defensiva, reservada, até ver o caminho que as coisas tomam.

SAÚDE: — Controle cuidadosamente o seu regime alimentar, que pode durante a semana em curso estar na origem de diversas perturbações de saúde.

SAGITTARIUS

(de 22 de Novembro a 21 de Dezembro)

AMOR: — As suas influências astrológicas relativas a esta semana apresentam-se bastante favoráveis para si, tendo no que diz respeito à sua vida familiar como às suas relações interesses de natureza sentimental. Aproveite os momentos felizes que não deixarão de lhe surgir.

DINHEIRO: — As suas previsões serão inteiramente confirmadas durante esta semana, no que se refere a receitas. Período bastante favorável para si, em tudo o que diz respeito aos seus interesses financeiros.

PROFISSÃO: — As suas actividades profisssionais desenvolver-se-ão em condições muito favoráveis para os seus interesses, durante a semana em curso, proporcionando-lhe resultados francamente satisfatórios. Actue de maneira a tirar todo o partido das circunstâncias felizes que lhe serão criadas.

SAÚDE: — Embora não se observem possibilidades de vir a sofrer de perturbações de saúde importantes, neste período será conveniente que poupe as suas energias.

CAPRICORNIUS

(22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

AMOR: — Período razoável no que diz respeito aos seus interesses sentimentais. Os assuntos que tem em suspenso evoluirão em condições satisfatórias aproximando-se das soluções que deseja. No plano familiar, pelo contrário a situação apresenta-se um tanto confusa.

DINHEIRO: — Não deixe de prestar aos seus problemas financeiros toda a atenção que eles merecem pois um descuido poderia ser-lhe fatal.

PROFISSÃO: — Prossiga tranquilamente na realização dos seua afazeres e tarefas quotidianas, no âmbito das suas actividades profissionais, pois o período não é favorável para iniciativas e muito menos ainda para aventuras de qualquer espécie. Aguarde que as circunstâncias melhorem.

SAÚDE: — Se tem necessidade de fazer um tratamento importante uma operação cirúrgica, por exemplo, é este o momento mais favorável para isso.

AQUARIUS

(21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

AMOR: — O periodo apresenta-se francamente desfavorável para si, no que diz respeito aos seus assuntos sentimentais e afectivos em geral. Tanto na sua vida amorosa como nas suas relações sentimentais terá durante esta semana uma série de aborrecimentos e dificuldades que só poderá remediar em parte, e à custa de grandes esforços.

DINHEIRO: — Atravessa neste momento uma fase verdadeiramente crítica no que diz respeito a finanças. Tenha paciência, até que as coisas melhorem.

PROFISSÃO: — Não está na sua mão modificar as circunstâncias em que se desenrolarão as suas actividades profissionais durante esta semana, circunstâncias que serão muito piores do que espera. Não adopte atitudes de obstinação que só trariam mais aborrecimentos.

SAÚDE: — Será muito aconselhável que faça durante esta semana um exame ao seu organismo pois há muitas coisas que não estão bem.

PISCIS

(20 de Fevereiro a 20 de Março)

AMOR: — Não há motivos para preocupações no que se refere à sua vida sentimental e afectiva, pois tudo correrá mais ou menos de acordo com os seus desejos, e com as suas previsões. Na vida familiar a semana será bastante agradável, graças ao ambiente tranquilo que aí reinará.

DINHEIRO: — A semana em curso apresenta-se bastante favorável para si, no que se refere aos seus interesses de ordem económica.

PROFISSÃO: — Tem todos os motivos para alimentar o mais justificado óptimismo quanto ao futuro no que se refere à vida profissional. Os acontecimentos desta semana abrir-lhe-ão perspectivas muito interessantes, que deixam antever um futuro brilhante.

SAÚDE: — Não se preocupe com o seu estado de saúde, pois tudo corre muito bem.

PORÃO DA NAU

DIRECÇÃO DE RUY CASTELAR

Aberto todos os dias até às 05.00

HOJE

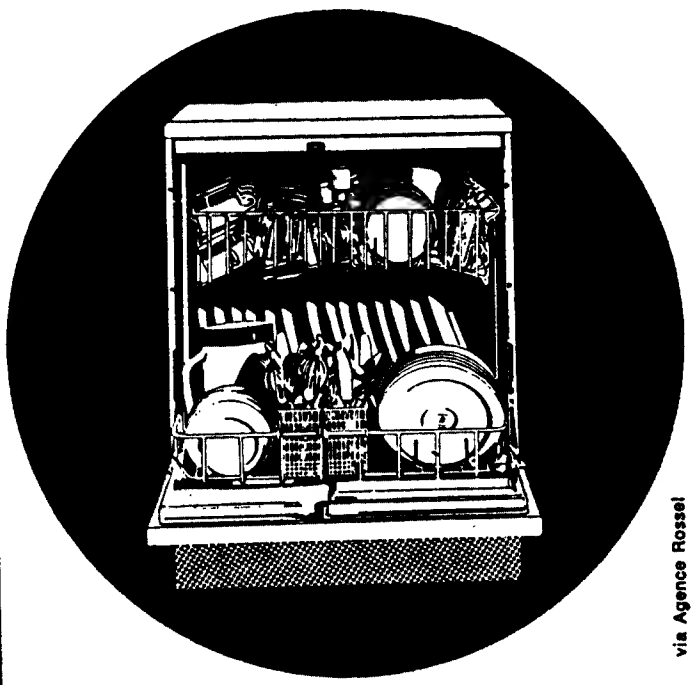
MATINÉE PARA A JUVENTUDE

Das 17.00 às 20.00

Alta fidelidade Grundig

PREÇOS REDUZIDOS

modernize o seu lar



via Agence Rossel

com uma máquina de lavar louça

Miele

Grande capacidade. Sistema de tripla dispersão. Máquina automática de lavar louça, duma perfeição sem igual. V.Exa. está livre para sempre da tarefa de lavar a louça!

AGENTE OFICIAL:

M. L. FERREIRA

Rua D. Estefânia, 48-A • Tel. 5 89 58 • LISBOA

HORUS

RAUL LOURENÇO LAPA

QUIRO-ASTROLOGO

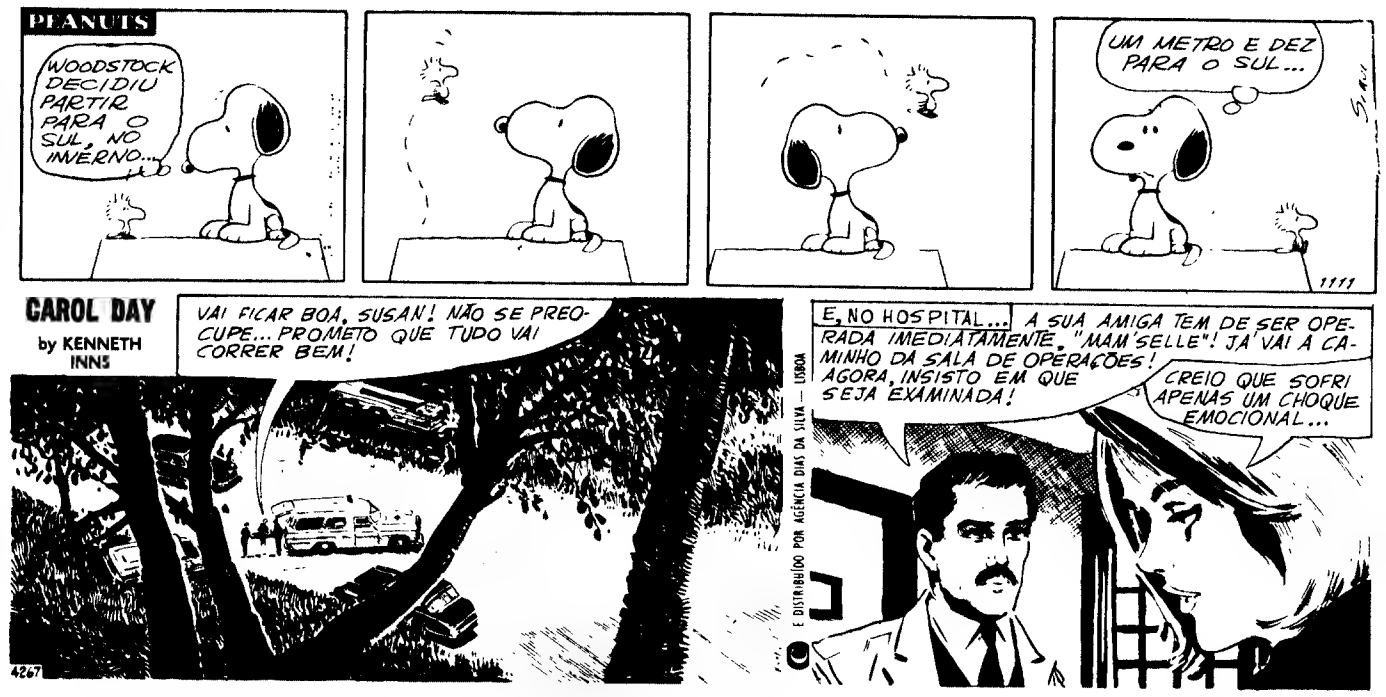
Tem problemas na vida?!

Precisa fazer uma VIAGEM um Negócio IMPORTANTE Tenciona dar uma nova orientação à sua VIDA PROFISSIONAL? Pretende formar uma SOCIEDADE comercial? Quer saber se os seus PROJECTOS PARA O FUTURO serão bem sucedidos? Como evoluirá a sua vida SENTIMENTAL e Familiar?

A resposta para estas perguntas podem ser-lhe dadas por «HORUS» — todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 19 horas.

Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) — Telef 724162 — LISBOA

Esta bela dama, que aqui vemos mostrando a volumosa «Taça de Senhoras» do Rallye do RAC (Grã-Bretanha) conquistada há dias, é Marie-Claude «Beaumont». Não é sòmente bela (como a imagem documenta...) mas é, também, uma das mais rápidas condutoras da Europa, tendo já ganho idênticos troféus em rallyes tão difíceis como o de Monte Claro e o nosso Rallye TAP. Foi, ainda, a primeira mulher a tomar parte na famosa corrida «24 horas de Le Mans»

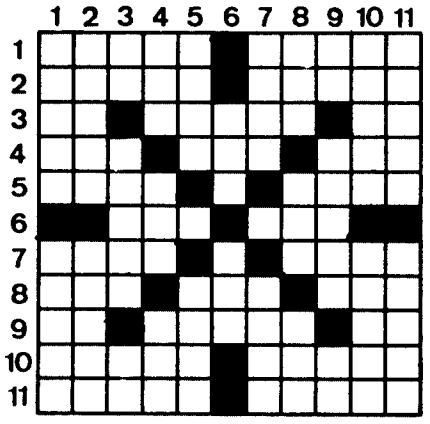


palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 9931

HORIZONTAIS:

1 As velas grandes dos navios (Náut). As duas de quem se fala.
2 Assalto. Género de plantas da família das aráceas.
3 Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor). Aguça. Preposição.
4 Bondosa. Para barlavento. Caminhar para cá.
5 Antiga moeda de Ormuz. Morada.
6 Mãe de Romulo e Remo. Pronome pessoal.
7 Maciço montanhoso da Roménia. Cidade e porto no golfo da Guiné setentrional, na Costa do Ouro.
8 Rato. Jibóia. Suspiros.
9 Preposição latina que designa movimento. Relação. Césio (s.q).
10 Divisões de uma casa. Jogo dianteiro das carretas de artilharia.
11 Guarnecera de asas. Da Russia.



VERTICAIS:

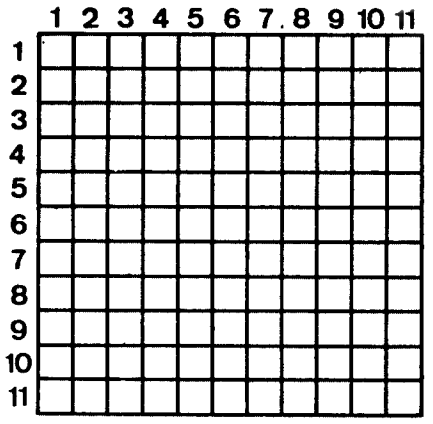
1 Nesga (de vestido). Carvão incandescente.
2 Horrível. Cobres de iodo.
3 Terceira letra do alfabeto arábico-persa. Irmão de Moisés. Nota musical.
4 Mau cheiro. Raer. Igual.
5 Penúria (pop). Cidade de Espanha.
6 Pronome pessoal Estou.
7 Descérro. Prender.
8 Dá mios. Filtra. Sapo do Amazonas.
9 Bário (s.q). Estertor Manuscrito (abrev).
10 Manhas. Férteis.
11 Costumara. Esmonca.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 6089

HORIZONTAIS:

1 Utensílio doméstico. Pateta. Prefixo de privação.
2 Tratar por tu. Velha.
3 Nome de peixe. Borrifas.
4 Cidade de França. Lago do estado do Amazonas (Brasil).
5 Viração. Fútil (Inv.º).
6 Post scriptum. Título do soberano da Tunísia. Em partes iguais.
7 Pata. Raça. Reis.
8 Levantar âncora. Queimava.
9 Larvas das feridas dos animais. Costurei.
10 Bigorna de ourives. Oferecer. Mau cheiro.
11 Guarnecido de asas. Queimas.



VERTICAIS:

1 Comer. Lista.
2 Amarrar. Cadelas.
3 Dás urros. Peta.
4 Recompensar. Cabelos brancos.
5 Pequenos círculos. Botequim. Compaixão.
6 Espaço de trinta dias. Nota musical.
7 Atravessa. Sufixo que designa pequenez. Radio (s.q).
8 Vexa. Heroína francesa que foi queimada viva.
9 Arco diagonal da abóbada gótica. Transmites (bens) gratuitamente a outrém.
10 Guarnecem de asas. Esquiva. (fig).
11 Referente ao nariz. Mulheres.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. º 9930

HORIZONTAIS:

1 Citam. Atiça.
2 Arado. Caril
3 Falir. Urato.
4 Io. Ta. Aa. Or.
5 Tal. Ido.
6 Ser. Obi
7 Dom. Dia. Ama.
8 Ac. Carlos. El.
9 Namur. Sorri
10 Arar. PAGA
11 Sacor. Fases.

VERTICAIS:

1 Cafiz. Danas.
2 Irão. Socara.
3 TAL. Tem. Mac.
4 Aditar. CURA.
5 Moral. Dar.
6 Mil.
7 Acuai. Aos.
8 Tarado. Sopa.
9 Irá. Obá. Ras.
10 Cito. Imerge.
11 Alora. Aliás.

Provérbio: TAL PAGA, TAL CURA

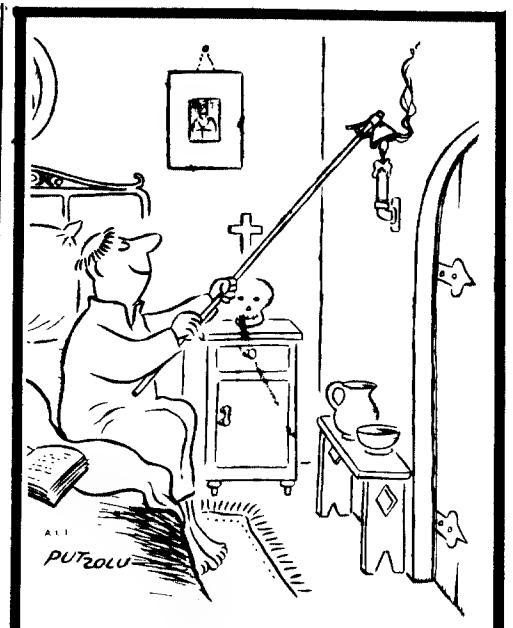
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6088

HORIZONTAIS:

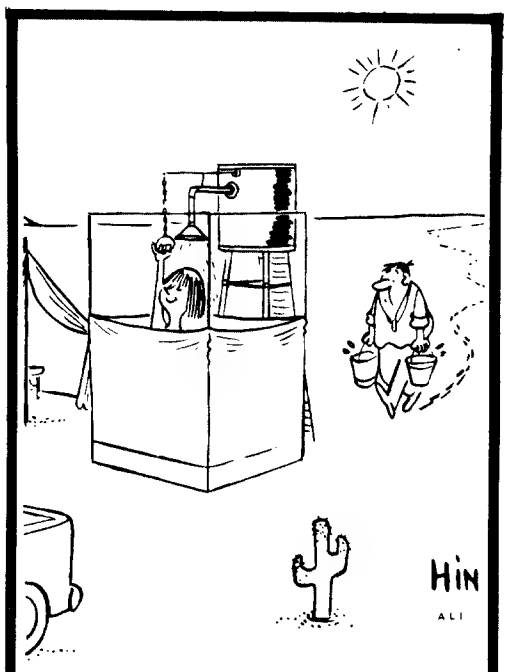
1 Ocelo. Arada.
2 Reparam.
3 Ta. Rimas. Ci.
4 Ors. Oit. Mas.
5 Dão. Val.
6 Gas. Goa. Soa.
7 Rasgas.
8 Adiar. Unido.
9 Medir. Casas.
10 Acesso. Alamo.
11 Sam. Ser. Sãs.

VERTICAIS:

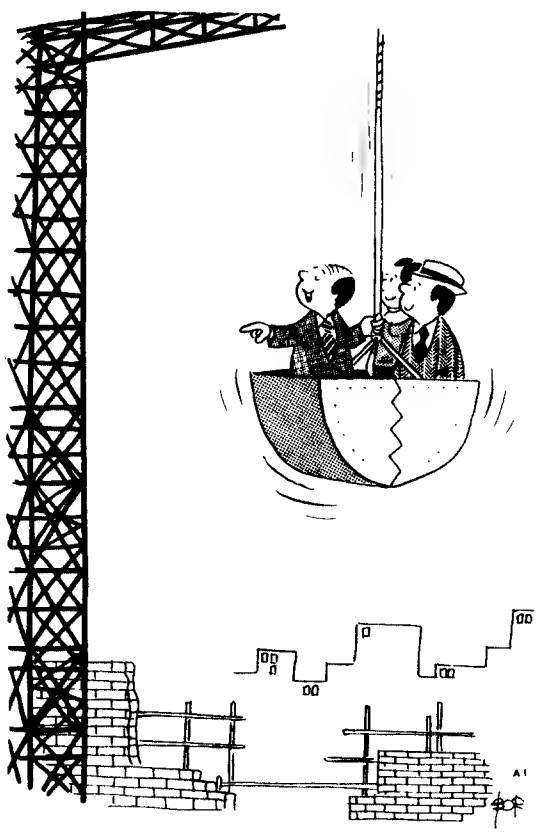
1 Oito. Gamas.
2 Arda. Deca.
3 Er. Sãs. Idem.
4 Ler. Sior.
5 Ópio. Carros.
6 Amigos.
7 Tara. Aguçar.
8 Ras. Anal.
9 Am. Más. Irás.
10 Calo. Cama.
11 Anis. Anosos.



Sem legenda...



Sem legenda...



E a sala de visitas virá mais ou menos para este sítio...

Sem legenda

...e limpa os pés

BORIS
Ladrão de automóveis

MOSCOVO, Novembro — O ladrão Boris descobriu um esquema brilhante que o tornaria milionário de um dia para o outro. O plano é simples: roubar um carro e depois vendê-lo... peça por peça.

Boris e o seu esquema são os componentes de uma anedota muito em voga na União Soviética e que se refere a dois problemas, cada vez mais importantes e muito interrelacionados, que apareceram, depois da entrada da URSS na idade do automóvel particular: os roubos de carros e a falta de peças de acessórios.

Embora os russos comecem a sentir alguns dos problemas que surgem quando se tem um carro, isso ainda não diminuiu o seu profundo desejo de conseguir um «Zhiguli», um «Moskvitch» ou um «Volga», novo ou usado. As listas de espera para a compra de um automóvel continuam a ser enormes, apesar do forte acréscimo na produção de automóveis e do aumento da parte desta produção que é destinada ao público. Só em Moscovo as listas incluem mais de 42 mil nomes.

Mais de metade da produção soviética de autos ligeiros (916 mil veículos no ano passado) destina-se a departamentos governamentais ou à exportação. Mas tem havido um aumento considerável do número de veículos vendidos ao público, embora ainda seja preciso esperar de dois a quatro anos para conseguir um carro novo por meios legais.

Como muitos dos possíveis compradores não estão dispostos a esperar quatro anos para adquirir legalmente um automóvel, não se importam de seguir algumas vias menos ortodoxas, criando assim um óptimo mercado para o ladrão de automóveis.

OS ROUBOS

E difícil dizer até que ponto é grave este problema para a União Soviética, pois não são publicadas estatísticas criminais. Mas não há dúvida de que o problema do roubo de automóveis é preocupante. Já começaram a aparecer artigos nos jornais que descrevem as actividades das cadeiasorganizadas de ladrões de automóveis, ao mesmo tempo que afirmam a absoluta necessidade de punir severamente aqueles que forem descobertos.

Aparentemente o problema tem gravidade suficiente para que a revista sindical **«Trud»** pudesse publicar um ataque cerrado a uma instituição raras vezes criticada na União Soviética, a polícia civil. Descrevendo o processo de uma quadrilha de ladrões de automóveis, **«Trud»** afirmava: «Nós respeitamos muito a nossa mílicia (polícia), mas neste caso não parece ter cumprido satisfatòriamnete a sua missão. Os criminosos percorreram quatro repúblicas (das quinze da União Soviética) em carros roubados e ninguém os conseguiu apanhar».

Defendendo um endurecimento das penas, **«Trud»** acrescentava: «Os ladrões actuam agora com mais frequência porque sabem que o Código Penal é muito suave e liberal, pois a pena máxima pelo roubo de um carro, desde que seja a primeira vez que se é condenado por esse delito, é apenas de um ano».

Um major da milícia, escrevendo na **«Moskovskaya Pravda»**, afirmava que foram roubados dez carros da marca **«Volga»**, só de uma praça de táxis, durante este ano.

QUADRILHAS

Repetindo uma queixa que é comum a todos os que investigam roubos de carros, qualquer que seja o país onde se encontram, o major declarava que o principal motivo dos roubos estava no facto de os condutores descuidados deixarem os carros abertos e as chaves na ignição.

Uma grande parte dos roubos eram praticados por bêbados ou por jovens (ou as duas coisas simultâneamente) com a simples intenção de se divertirem, e que acabavam normalmente num acidente de trânsito ou atropelamentos de peões.

Mas a maioria dos roubos parece ser o produto de ladrões profissionais que operam em vastas zonas do país. **«Trud»** descrevia um desses grupos: uma quadrilha de oito homens, tendo pelo menos um dos membros sido condenado já por roubo de automóveis.

Segundo informava a revista, tinham já roubado «dezenas» de carros, normalmente em Moscovo, conduzindo-os depois para Samarkanda, na Asia Central, onde os vendiam a um intermidiário por preços que oscilavam entre 450 e 700 dólares. Este, por seu turno, venderia os carros em Samarkanda por vários milhares de dólares.

FALTA DE PEÇAS

Para além de roubar carros para depois os vender, a quadrilha também roubava alguns para os desmontar, vendendo depois as peças, especialmente aquelas que eram mais difíceis de encontrar no mercado. Por outro lado, com o aumento de carros particulares, cresceu também a procura de peças que substituam aquelas que se deterioram ou danificam. Mas este problema, em Moscovo, é fácilmente resolúvel para quem tiver conhecimentos e estiver disposto a desviar-se um pouco da linha legal: fácilmente encontrará a peça de que necessita para substituir o que se estragou.

No entanto este problema é muito sério, especialmente nas pequenas cidades e nas zonas rurais.

Segundo o «**«Nedelya»**, um suplemento semanal da revista governamental **«Izvestia»**, 1 700 táxis em Moscovo, ou seja, 12 por cento do número total de táxis existentes na cidade, ficam diàriamente impossibilitados de andar por falta de peças ou por deficiências mecânicas não corrigidas. Isto, continuava o **«Nedelya»**, provocava uma perda diária de rendimentos que atingia os 58 mil dólares.

Na Ucrânia o ministro dos Transportes desta república afirmara: «Devido à falta de peças que, por vezes, não custam mais de alguns kopeks, um carro tem de ficar parado. Devido a uma péssima situação no que respeita às disponibilidades de peças, e só no Ministério dos Transportes da República da Ucrânia, estão diàriamente imobilizados mais de 14 mil tractores, 6 mil autocarros e 2 mil táxis».

O NEGÓCIO

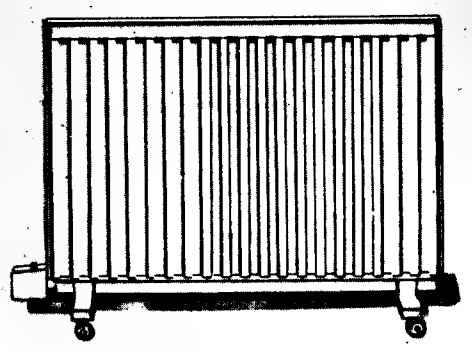
O proprietário prudente de um automóvel retira as hastes dos seus limpa-vidros sempre que abandona o carro num dia de chuva ou de neve. Quando está bom tempo deixa-as ficar no compartimento das luvas.

A falta crónica de peças acabou por dar origem ao estabelecimento de um mercado ilegal e flutuante de peças de automóveis, que a polícia tem tentado destruir ao longo dos últimos dez anos.

Como afirma no seu último número o **«Za Ruylom»** («Ao Volante»), uma revista mensal dedicada ao automobilismo: «O mercado demonstra uma força enorme e uma óptima capacidade de adaptação à sua existência ilegal. Fechada (pela polícia) num sítio, abre logo noutro lugar».

Conhecendo o intenso desejo que os russos sentem de adquirir um automóvel, a revista compreende que os ataques da polícia sobre esses mercados é inútil. A única solução, afirma, está «em encontrar um processo de utilização correcta das peças disponíveis e montar uma organização conveniente das suas vendas».

Termel
RADIADORES ELÉCTRICOS A ÓLEO

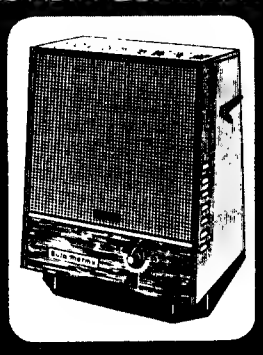


- Únicos com termóstato fora da zona de calor.
- Controle mais exacto da temperatura ambiente.
- Mais comodidade e mais economia.

com Termel
Termina o frio em sua casa!
UM PRODUTO FINLANDÊS DE ALTA QUALIDADE

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
Estabelecimentos M. Simões Jr, S.A.R.L.
DIVISÃO DE ELECTRODOMÉSTICOS
Rua dos Douradores, 43 - tel. 36 17 63 - LISBOA 2
Rua de St. António, 208 - tel. 2 55 81 - PORTO

BUTA-THERM'X
um produto FRANCÊS de ALTA QUALIDADE



O CALORÍFERO A GÁS BUTANO TOTALMENTE ISENTO DE PERIGO
PODE REGÁ-LO COM GASOLINA QUE NÃO INCENDEIA!
FUNCIONA PELO SISTEMA DE CATÁLISE, SEM CHAMA, SEM LUME, SEM FUMO, SEM CHEIRO E SEM ÓXIDO DE CARBONO
BUTA-THERM'X
(COM PLATINA NO PAINEL)
REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
EST. M. SIMÕES JR., S. A. R. L.
R. DOURADORES 43 TEL 361545 LISBOA
R. STO. ANTÓNIO 208 TEL 25581 PORTO

A MAFIA, tema inesgotável

A Mafia é um tema inesgotável para o cinema. Agora chega a vez de o cineasta Florestano Vancini se interessar pelo assunto: «A Violência» é o título do filme que ele está a rodar em Roma, baseando-se no romance homónimo de Giuseppe Fava.

O actor português Carlos Otero continua a ser primeira figura no cinema espanhol: em Madrid acaba de ser estreada a película de Alfonso Ungria, «El Ombre Oculto», em que ele desempenha o principal papel, ao lado de Helena Samarina, Julieta Serrano, Carmen Maura e outros.

Woody Allen, o divertido humorista norte - americano, volta ao cinema numa comédia de sua autoria, «Play it Again, Sam», cuja direcção foi entregue a Herbert Ross.

Os médicos determinaram a Gina Lollobrigida um longo repouso, o que impôs a interrupção das filmagens de «O Rei, a Rainha e o Soldado», que o polonês Jerzy Skolimowsky rodava em Milão.

Sidney Lumet, de quem vimos recentemente «O Dossier Anderson», escolheu Marlon Brando para protagonista de «Child's Play», baseada na peça de Robert Marasco.

A brasileira Florinda Bolkan, ao lado de Omar Shariff e Claude Rich, é a estrela de «Ela conta-lhe tudo na Ilha», filme de Eric Le Lung que será inteiramente rodado na Bulgária. O argumento foi extraído por Le Hung, com a colaboração de Jean-Claude Carrière, de um romance de François Xanachis.

Com um argumento inspirado na «Divina Comédia», de Dante, Franco Lattanzi dirige em Roma «A Grande Viagem». O actor Alfredo di Prinzio interpreta o papel de Virgílio.

Luis Buñuel volta a filmar em Espanha. Trata-se de uma co-produção franco-espanhola, que tem o título (provisório) de «Encantos e Delícias Burguesas».

MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA
SIEMENS
Oportunidade única
Visite e consulte estabelecimentos Cancela
C. do Combro, 17-33 · Lisboa
Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 85 · B · Algés
Av. D. Afonso Henriques, 20 · Almada

SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DAS ARTES GRÁFICAS DO DISTRITO DE LISBOA

AVISO

Foi distribuído entre os profissionais gráficos uma circular anónima, convocando-os para uma reunião pré-eleitoral no respectivo Sindicato.

Para os devidos efeitos se avisam os interessados que aquela reunião não terá lugar por não ter sido autorizada pela Direcção.

A pedido de um grupo de sócios está prevista para o próximo dia 10 de Dezembro, às 21 horas, uma primeira reunião com aquele objectivo, conforme aviso a divulgar pelo boletim informativo do Sindicato, «Folium».

Lisboa, 26 de Novembro de 1971.

A DIRECÇÃO

DL CONTA CORRENTE

ASSINATURAS PARA A INICIATIVA

Aceitam-se desde já assinaturas pelo período da iniciativa. Essas assinaturas garantem aos interessados os exemplares pretendidos, com os preços seguintes:

3 meses	130$00
6 meses	250$00
12 meses	485$00

Pagamento adiantado, em vale do correio, cheque ou selos.

O ENVIO DO SELO

Quem pretenda que lhe envie mos pelo correio o cartão de Identidade de Leitor do «Diário de Lisboa» deverá juntar ao seu cupão duplo um selo de correio de 1$00.

CONTA CORRENTE Diário de Lisboa

ANÚNCIOS PUBLICADOS em ..27.. de .. NOVEMBRO .. de 1971

MARCAS E ANUNCIANTES	PÁGINA	ARTIGOS-PRODUTOS-SERVIÇO COMPRADOS	PONTOS	VALOR EM ESCUDOS
Timex	4			
Austin/J.J. Gonçalves	7 e 8			
Torralta	9			
Esec	10			
White Horse	11			
Siurbe	11			
Morris				
Riber	16			
Centro do livro brasileiro	16			
P. Pimenta	17			
Dimplex/Rafael Burguete, Ltdª.	18			
Korting/J.J. Gonçalves	19			
Relógios Vulcain	20			
AEG/Telefunken	22			
Ford	25			
Plásticos Ina	26			
Philips	Dois			
Buta-Therm's	Dois			
Carysler	Quatro			
Relógios Zenith	Oito			
Editorial Inova	Nove			
Dieses	Dez			
Grundig	Onze			
Cometna	Doze			
Castor/Rafael Burguete, Ldª.	Doze			
Gaz Cidla	Treze			
Camisas Daga	Catorze			
Efacec	Dezasseis			

Prudência e sagacidade : armas para a conquista de prémios fabulosos

Num crescendo de interesse, a iniciativa com que o nosso jornal comemora o seu 50º ano de vida está a arrebatar o entusiasmo de milhares de leitores: a possibilidade de conquistar a fortuna, de concretizar (com um pequeno golpe de audácia) os sonhos mais ousados e apetecidos.

A «Conta-Corrente» é, realmente, o triunfo de uma faceta ainda inédita colocada no caminho da riqueza. **Qualquer** leitor do «Diário de Lisboa», economicamente situado em **qualquer** craveira, pode aspirar a obter um dos valiosos prémios em equação: porque não haverá sorteio e tudo se cingirá, na atribuição das centenas de contos que constituem a mais **cara** lista de prémios até hoje oferecida por um jornal português, a um simples e puro entretenimento - que resultará, para muitos dos nossos companheiros de todos os dias, num passatempo remunerado a peso de ouro.

A pouco mais de um mês do seu limite, a «Conta-Corrente» continua a facilitar, ontem como hoje, o acesso à **cabeça** da classificação por quantos leitores saibam escolher, com prudência e sagacidade, os melhores produtos, as mais renomadas marcas, tudo quanto (essencial ao dia-a-dia) proporcione pontos e represente um amealhar de capital.

INSPECTOR BANCÁRIO

C/ possibilidade de se deslocar com frequência ao ultramar, c/ curso do Instituto Comercial e muita experiência bancária. Resposta por carta a este jornal ao n.º 939 indicando classe pretendida e curriculum pormenorizado.

SENSACIONAL CAMPANHA DA

electro êxito

NA COMPRA DE UM TELEVISOR GRUNDIG OU QUAISQUER ELECTRODOMÉSTICOS oferecemos UM BALDE E UM BUICK

salão de exposição «Av. Marquês de Tomar, 94-1º/94-A» Lisboa

Tem 25 contos?
Tem 50 contos?
Tem 150 contos?
Tem 500 contos?
Tem 1.000 contos?

ADQUIRA EM COMPROPRIEDADE
APARTAMENTOS
DE J. PIMENTA, S.A.R.L.

e obterá um bom rendimento

Informações:
J. PIMENTA, S.A.R.L.

LISBOA: Praça Marquês de Pombal, 15
Telef. 45843 - 47843
QUELUZ: EDIFÍCIO SEDE: R. António Enes, 25
Telef. 952021/2

Locais de construção e venda de propriedades:
CASCAIS ★ PAÇO DE ARCOS ★ LISBOA
REBOLEIRA

TEATRO SEM PALAVRAS NO INSTITUTO ALEMÃO

Estreias de **TEATRO**

Carlos Porto

O PUPILO QUER SER TUTOR, de Peter Handke. Encenação de Peter Fitz. Colaboração de José L. Gómez. Cenografia e máscaras de Alfredo Alcain. Música de Manuel Garrido. Decoração de Redondela. Adereços de Mateos. Intérpretes: José L. Gómez e Ramiro F. Oliveros. Instituto Alemão. 25-11-71.

Numa encenação do suiço Hans Peter Fitz, que foi considerada uma das dez melhores de 1970, em Berlim, dois actores espanhóis apresentaram no teatro de bolso do Instituto Alemão aquilo que podemos considerar um notável espectáculo de teatro sem palavras. O mimodrama «O Pupilo quer ser Tutor», de Peter Handke, um dos mais discutidos dramaturgos actuais de língua alemã, faz o processo da disciplina e da alienação, mais precisamente, traça uma eloquentíssima parábola de um sistema totalitário identificado nas relações entre um tutôr e o seu pupilo. Dois homens. O homem grande e o homem pequeno. O velho e o jovem. Duas máscaras. A ingenuidade matreira. A indiferença da intolerância. Dois comportamentos. Os gestos seguros de quem possui. Os gestos desageitados de quem desejaria possuír.

O jovem trinca calmamente uma maçã. O outro chega. O jovem engasga-se, esconde a maçã. Está criada a situação. Apenas um gesto, um olhar - surgem as relações tutôr-pupilo (senhor-escravo). O quotidiano. Os pequenos gestos insignificativos. E o terror que se instala entre dois homens só porque um comanda e outro é comandado Ler um jornal; cortar as unhas; fazer um chá; tirar as botas. Os breves ruídos que parecem brutais. Não há violência aparente. Como em Brecht, a violência não está na superfície: nasce do âmago das coisas. Nasce da submissão do aluno ao mestre (do pupilo-escravo ao tutor-senhor). Nasce da ausência de violência; da incapacidade de consciencialização e de revolta que levou o povo alemão aos braços de Hitler. E, agravando a situação, o mimetismo que leva o pupilo a sonhar em ser tutor para dominar outro pupilo, e assim sucessivamente.

Este roteiro silencioso - e, no entanto, cheio de «ruído e furôr» - este desfilar de gestos vulgares, por vezes grosseiros, a que a movimentação em câmara lenta dá um peso terrível, este retrato implacável na sua banalidade, são transmitidos pelos dois (excelentes) actores quase sem apoio mímico e com total ausência de exposição facial (os rostos cobertos por máscaras). É através do olhar, da expressão corporal (o mais velho é interpretado por um jovem); da marcação lenta do movimento; da multiplicação de sinais (o tutôr tem no braço a tatuagem de um peixe devorando outro mais pequeno; os adereços de cena sinalizam claramente o ambiente pequeno-burguês); é através daquela ritualística aprendizagem do totalitarismo que nasce a história de Handke - e a sua moral.

No entanto, este mimodrama é mais do que isto. Trata-se ao mesmo tempo de um espectáculo provocatório feito menos com o público do que contra o público (e uma pequena parte dele nem sempre soube reagir), onde aflora aqui e ali um simulacro de *happening* (cortar das unhas; o partir dos pratos; o enrolar da mangueira; o arrancar das folhas do calendário).

Durante quase duas horas, dois actores conseguiram o fenómeno de criar sem texto, apenas com o corpo e com os gestos, alguns adereços, música (pouca), luz (discreta), mais do que um espectáculo de teatro, uma função dramática que sem deixar de evidenciar uma clara realidade ideológica, cumpliciava os espectadores na sua trajectória ao mesmo tempo inesperada e inexorável.

CINEMA

O QUE HÁ PARA VER

Os cinemas de Lisboa projectam presentemente alguns filmes cuja existência convirá recordar aos nossos leitores. Estão neste caso:

DUAS OBRAS-PRIMAS

— **Ivan, o terrível,** de Sergio Eisentein, com Nicolai Tcherkassov, e Serafina Birman - Estúdio Apolo 70 - 8.º semana.

— **Morte em Veneza** (Death in Venezia), de Luchino Visconti com Dirk Bogarde e Silva Mangano - Satélite - 11.ª semana.

DOIS FILMES EXCEPCIONAIS

— **O Pequeno Grande Homem** (The Little Big Man), de Arthur Penn, com Dustin Hoffman e Faye Dunaway - Império - 2.ª semana. — **A Ameaça de Andrómeda (Andromeda Strain),** de Robert Wise, com David Wayne e James Olson - Berna - 2.ª SEMANA:

FILMES INTERESSANTES

— **Lika, o Amor de Tchekhov (Sjoulet Dlia Niebolchevo Raskasa),** de Serge Youtkevitch, com Marina Valdy e Nicolas Grinco - Estúdio 444 - 2.ª semana.

— **Tempo de Viver (Puzzle of a Downfall Child),** de Jerry Schatzberg com Faye Dunaway, Viveca Lindfors - Mundial.

Saliente-se ainda que, na altura em que está a ser escrita esta lista, não foram ainda vistos **Rubinstein,** de Reichenbach (Estúdio), **O Benefício da Dúvida,** de Alvin Rakoff (Politeama) e **O Estranho John Kane,** de James Goldstone (Monumental) e **A Última Fuga,** de Richard Leischer, títulos susceptíveis de virem a figurar neste **memorandum.**

NOVA CARREIRA

LISBOA — SETÚBAL

COM PARTIDA E CHEGADA À PRAÇA DE ESPANHA (JUNTO AO METROPOLITANO) E PASSAGEM POR ALCÂNTARA

A TRANSPORTADORA SETUBALENSE de JOÃO CANDIDO BELO & C.ª, LDA.

VILA FRESCA DE AZEITÃO - TELEFS. 22 80 29 - 22 80 62 - 22 80 78

INICIA NO DIA 1 DE DEZEMBRO DE 1971 A CARREIRA LISBOA — SETÚBAL, COM O HORÁRIO SEGUINTE:

Partidas de: LISBOA	Partidas de: SETÚBAL
07,30	00,25 (e)
07,50	07,30
08,00 (f)	07,40
08,30	08,15 (b)
13,00	11,05
14,05	11,30 (d)
14,25 (a)	11,40
17,00	15,02
17,45	18,15 (b)
18,30 (b)	19,00
20,15 (b)	19,41 (f)
20,35 (c)	19,55
21,00 (d)	21,05

Efectua-se diàriamente

OBSERVAÇÕES

(a) — Ao sábado, excepto se coincidir com feriados nacionais equiparados.
(b) — Excepto aos domingos e feriados nacionais equiparados.
(c) — Nos dias 14/Agosto e 24/Dezembro, excepto se coincidirem com sábados, domingos ou 2.as feiras.
(d) — Ao domingo excepto se este dia coincidir com véspera de feriado nacional equiparado; nesse caso a viagem será transferida para o dia seguinte. Nos dias 14/Agosto e 24/Dezembro, excepto se coincidirem com 2.as feiras ou sábados.
(e) — Aos domingos de Julho, Agosto e Setembro e, no dia 14/Agosto, excepto se este coincidir com 6.ª feira ou sábado.
(f) — Efectua-se diàriamente. A partida e chegada em Lisboa, destas viagens, verifica-se na Avenida 5 de Outubro, 54-C.

NOTA: Esta carreira substitui a que a Empresa explora com partida e chegada a Alcântara. Peça-nos horários detalhados.

televisão

HOJE

1.º Programa (22.05)

Série de aventuras «OS PERSUASSORES»

O episódio de hoje intitula-se «O Napoleão de Ouro» e será interpretado pelos artistas, Tony Curtis, Roger Moore, Susan George e Alfred Marks, numa realização de Roy Ward Baker.

2.º Programa (22.00) Noite de Cinema «Assim se fazem heróis»

SIEMENS ESTORIL electronic

HOJE

1.º Programa

12.30 Abertura.
12.31 Missa de Domingo.
13.10 Dia do Senhor Pelo rev. Padre dr. Francisco Videira Pires.
13. 35 Nos bastidores da aventura
13.45 Telejornal - 1.ª Edição
14.00 Série juvenil Robin dos Bosques
14.25 Hoje pode ver
14.40 TV Educativa
15.05 «Com a boca na botija»
16.30 Disneylândia
17.30 Expedição
17.45 Domingo desportivo - 1.ª edição
18.00 homens e aviões
18.30 TV Rural
19.00 Série Comédia «Olho Vivo»
19.30 Telejornal - 2.ª edição
19.45 Pop 25
20.35 TV 7
21.30 Telejornal - 3.ª edição
22.05 «Os Persuasores»
23.05 Fados
23.30 Marcha do Mundo
23.40 Meditação e Fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura
20.31 Dó Lá Si
21.00 Série filmada O Tesouro dos Holandeses - «Anos e Mau Género».
21.30 Telejornal - 3.ª edição
22.00 Noite de cinema «Assim se fazem heróis»
23.45 Fecho.

AMANHÃ

1.º Programa

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Feminino singular
13.15 Filme de série «Arnie»
13.45 Telejornal - 1.ª edição
14.00 Um dia com...
12.45 Logo á noite

2.3 Período

14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa
19.25 Filme Infantil «Os Poucetofes»
19.30 Telejornal - 2.ª edição
19.45 Cartaz TV
20.00 Povo que canta
20.30 Portugal além da Europa
21.00 Série de aventuras «Nanou»
21.30 Telejornal 3.ª edição
22.05 Canal 13
23.30 Marcha do Mundo
23.40 Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e Um dia com...
21.00 Filme de série «Arnie»
21.30 Telejornal - 3.ª Edição
22.00 As grandes batalhas
23.20. Fecho.

baterias TUDOR pilhas

urgência

Emergência	115	Judiciaria	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C V P	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. Jose	86 0131	C R G. E.	53 7021
H. de S Maria	73 0231	C Aguas	36 1361
P S P	36 6141	Comboios	32 6226

tempo

HOJE

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava limpo e o vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	3.º
PENHAS DOUR.	4.º
PORTO ALEGRE	4.º
LISBOA	5.º
COIMBRA	7.º
FARO	8.º
FUNCHAL	16.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

PRAIA DA ROCHA

Máxima 15,5.º

Elvas

Minima 4,5.º

Temperaturas no Estoril

Agua do mar 13,8.º
Atmosfera 9 .º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
0.30	3.6 m	6.12	1.4 m
12.50	3.8 m	18.43	1.2 m
Dia 29			
1.21	3.7 m	6.54	1.2 m
13.44	3.9 m	19.21	1.0 m
Dia 30			
2.20	3.9 m	7.48	1.0 m
14.46	4.0 m	20.13	0.9 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo com periodos de muito nublado nas regiões a Norte do sistema montanhoso Monte Junto-Estrela a partir da madrugada onde poderão ocorrer aguaceiros; vento fraco; formação de geada nas regiões abrigadas.

AMANHÃ

Nascer às 8.33
Ocaso às 18.16

Dia 2	Dia 9	Dia 17	Dia 25

rádio

EMISSORA 1.º Programa

14.30 Futebol: Relato, informações e Comentários dos jogos da 9.ª Jornada do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão
17.45 Actualidade desportiva
18.05 Girândola
19.10 Música da europa
20.00 Diário sonoro
20.20 Êxitos em parada
21.00 Rádio desporto
21.30 Pequena história do teatro musicado em Portugal
22.00 Teatro das Comédias: «O Pescador e a alma», de Oscar Wilde, numa adaptação de Luis Pinhão
22.35 Música Portuguesa
23.05 Sol e toiros
23.30 Ritmos em contraste
24.00 Fecho

2.º Programa

17.00 Perspectivas da obra de Mozart, para instrumentos de sopro
18.00 Concerto de Domingo — Intercâmbio musical (1.ª parte) — Festival internacional de Bergen 1971 (gravações cedidas pela Radiodifusão Norueguesa)
18.49 Intervalo: canções de Tchaikowsky, pelo barítono Iouri Mazourok
19.05 Concerto de domingo Intercâmbio Músical (2.ª parte) festival innternacional de Bergen de 1971
19.45 Quarteto n.1, em ré maior (Dittersdorf) pelo Quarteto Dinamarquês
20.00 Diário sonoro
20.20 Conjunto de Câmara
20.30 As grandes figuras do mundo português, pelo dr. Caldeira Pais
21.00 Recital de piano, por Sérgio Varela Cid
21.15 A orquestra sinfónica de Viena, dirigida pelo compositor Gerhard Wimberger
21.30 Que quer ouvir? (Programa elaborado p/ Margarida Brandão)
22.50 Dois solos de viola espanhola, por Narciso Yepes
23.00 A voz do Ocidente
01.15 Fecho

Programa estereofónico — MF 2

21.00 Música ligeira variada
22.00 O soprano Elly Ameling canta Mozart música religiosa e árias de concerto
22.55 Música de cena «Sonho de uma noite de Verão» op. 61 (Memdelssonh) — Rosamunde (Schubert)
23.54 Sonatas para violino e piano: Sonata op. 47 «Kreutzer» (Beethoven); Sonata N.º 2 em ré menor, op. 121 (Schumann)
00.58 Fecho

RÁDIO CLUBE

14.55 Tarde desportiva
17.03 Projecção
17.33 Meia hora depois
18.00 Música pelo caminho
18.45 Ritmos em desfile
19.02 Fórmula 1
19.30 Rádio jornal
20.07 A orquestra de domingo
20.15 Comentador desportivo
20.30 Semana 7
20.45 A estrela da noite
21.32 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Mensagens bíblicas
23.19 Grande roda
00.02 «P. B. X.»
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

Emissor de Miramar

14.55 Tarde desportiva
17.02 Auto-rádio
17.45 Orquestras e canções
18.01 Musica e desporto
18.30 Som-actualidade
19.03 Conjunto
19.15 Campeão português
19.30 Boletim desportivo
20.10 Norte dia a dia
21.04 Viagens na nossa terra
21.30 A voz da esperança
22.03 Selecção de ritmos
22.15 A hora do templo
22.30 Variedades
23.04 Clube da juventude

RÁDIO RENASCENÇA

14.30 Onda desportiva
17.00 Música ao volante
17.45 Melodias na tarde
18.05 Programa Meada
18.30 Terço e missa vespertina da Basílica dos Mártires
20.00 Música para o seu jantar
20.58 Meditando
21.00 Suplemento especial
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Desfile de sucessos musicais
23.00 A 23ª hora

RÁDIO RENASCENÇA

ESTAÇÃO DO PORTO

14.30 Onda desportiva
17.00 Música ao volante
17.45 Ritmos
18.00 Canções românticas
18.15 Uma orquestra
18.30 Terço benção e missa vespertina, da Basílica dos Mártires, em Lisboa
20.00 Música para o seu jantar
20.58 Meditando
22.00 Variedades
23.00 A 23ª hora

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA:
Mendes Gomes, Calçada da Ajuda, 222, (Telef. 638256); **Tapada**, Calçada da Tapada, 83-A (Telef. 634721)

ALCÂNTARA:
Ester Nogueira, Rua de Alcântara, 5-A (Telef. 637563).

ALFAMA:
Cruz de Malta, Largo Chafariz de Dentro, 36 (Telef. 886126)

ALTO DE S. JOÃO:
Dalton, Avenida Mouzinho de Albuquerque (à Praça Paiva Couceiro), '-A (Telef. 843571)

ALVALADE:
Líbia, Avenida da Igreja, 4-B (Telef. 711681); **Celta**, Rua Moura Girão, 3-B (Telef. 710621)

AMOREIRAS:
Amoreiras, Praça das Aguas Livres, 8-D (Telef. 681515).

ANJOS:
Antolin, Avenida Almirante Reis, 88-B (Tel. 821773); **Magalhães**, Av. Almirante Reis, 4-D (Tel. 49479).

ARCO DO CEGO:
Providência, Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C (Telef. 770324)

AREEIRO:
Marbel, Avenida de Roma, 131 - A (Tel. 776235); **Lusitânia**, Av. de Roma, 18 - A (Telef. 725443); **Chinde**, Rua Agostinho Lourenço, 6 - B (Telef. 710331); **Celta**, Rua Moura Girão, 3 - B (Telef. 710621).

BAIRRO ALTO:
Gonçalves, Rua da Rosa, 176 (Telef. 262687)

BAIRRO DA LIBERDADE:
Zenel, Rua A. 182 (Telef. 651840); xxxxxx, Rua da Junqueira, 38 (Telef. 638132)

BENFICA:
Macedo, Estrada do Poço do Chão, 69-C (Telef. 703697); **Benfiluz**, Estrada de Benfica, 444 - A (Telef. 782606); **Canto**, Estrada das Laranjeiras, 202 - B (Telef. 780841).

BELÉM:
Botânica, Rua da Junqueira, 38 (Telef. 638132).

CAMPOLIDE:
Nova, R. de Campolide, 297 - C (Telef. 687475); **Ronil**, Rua Rodrigo da Fonseca, 153 (Telef. 683438).

CAMPO DE OURIQUE:
Findor, Rua Mária Pia, 514 (Telef. 687949)

CAMPO DE SANTANA:
Peninsular, Campo dos Mártires da Pátria, 117 (Telef. 553308)

CASTELO:
Santa Luzia, Rua da Saudade, 2-B (Telef. 869831)

CONDE BARÃO:
Açoriana, Largo do Conde Barão, 2 (Telef. 661330)

ENCARNAÇÃO:
Zira, Praça das Casas Novas, lote 66.Bairro da Encarnação, (Telef. 310172).

ESTEFÂNIA:
Délio, R. Açores, 32 (Telef. 52388)

ESTRADA DA DAMAIA:
Progresso, Estrada da Damaia, 64-C (Telef. 70226)

ESTRELA:
Linalde, Rua Ferreira Borges, 30 (Telef. 660955), **Neves**, Rua da Bela Vista, 35 (Telef. 661251).

LUMIAR:
Patuleia, Rua do Lumiar, 122 (Telef. 790332); **Douro**, Alaméda das Linhas de Torres, 93-A (Telef. 991131)

MADRE DE DEUS:
Madre de Deus, Rua da Margem, 15-B (Telef. 382470)

OLIVAIS:
Simão, Rua Cidade de Cabinda, 16 - A (junto à piscina) (Telef. 310581).

PEDROUÇOS:
Higilux, Rua de Pedrouços, 50 (Telef. 610280)

PENHA DE FRANÇA:
Europa, Av. General Roçadas, 27 - A (Telef. 843880); **Fonseca**, Rua Carvalho Araújo, 46 - B (Telef. 841708); **Higiénica**, Rua Heliodoro Salgado, 20 - A (Telef. 844361);

PICHELEIRA:
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B (Telefs. 720703-728395)

SANTA MARTA:
Morais Sarmento, Rua de Santa Maria, 15-A/B (Telef. 46490)

S. BENTO:
Micael, Rua de S. Bento, 380 (Telef. 662162)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA:
Berna, Avenida de Berna, 44-A, (Telef 773563); **Sá da Bandeira**, Rua Marquês Sá da Bandeira, 36-42 (Telef. 54672); **Oliveira Viegas**, Rua do Viriato, 29 - A (Telefs. 48966 - 553601).

SETE RIOS:
Curi, Avenida Madame Curie 15-A (tel. 778439).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miraflores, R. António Granjo, 2 (Telef. 213161)

CAXIAS
Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef. 242839)

PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Telef. 2432039)

OEIRAS
Oeiras, L. Henrique Paiva Couceiro (Telef. 2430485)

PAREDE
Brandão, Av. da República, 77-C (Telef. 2471054)

S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro, (Telef. 263052)

ESTORIL
Lopes, R. Hangar, 3 (Telef. 260008)

MONTE ESTORIL

CASCAIS
Marginal, Av. Marginal (Telef. 280078)
A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C (Telef. 280214)

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
Lemos, R. de Goa, 21-A (Telef. 971121)

AMADORA
Melo, P. D. João I - Lote 146-B.º Janeiro (Telef. 932756)
Central, Av. Cardoso Lopes, 25 (Telef. 932210)
Igreja, P. da Igreja, 22-A (Telef. 937740)
Jardim, Av. Conde de Oeiras, Loja X-1 - Reboleira (Telef. 938424)

QUELUZ
André, Av. Elias Garcia 151 (Telef. 950043)
Queluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A (Telef. 951841)

CACEM
Garcia, Av. dos Missionários, 2 (Telef. 2942181)

MEM MARTINS
Química, Est. de Mem Martins, 285 (Telef. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Telef. 980456)

SINTRA
Simões, R. Heliodoro Salgado, 26 (Telef. 980832)

COLARES
Colares, Abreja (Telef. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António Santos Jorge, 15 (Telef. 234100)

ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Telef. 224020)

ALMADA
Magalhães, R. Capitão Leitão, 8-A (Telef. 270242)

BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est. Nacional, 174 (Telef. 224302)

BARREIRO
Soares, Av. da República, 1 (Telef. 2273023)

COVA DA PIEDADE
Atlântico, Quinta do Pombal, 1 (Telef. 274365)

MOITA
Silva Rocha, P. da República, 16 (Telef. 239029)

MONTIJO
Giraldes, R. Almirante Reis, 45 (Telef. 230008)

SESIMBRA
Leão, Av. Salazar (Telef. 229028)

SETÚBAL
Marques, R. Arronches Junqueiro (Telef. 22783)
Bonfim, Av. Rodrigues Manitto, 12 (Telef. 24558)

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Telef. 2218580)

PORTO

Alves, P. Exército Libertador, 62; **Alves Moreira**, Av. Rodrigues de Freitas, 167. **Antiga Porta do Olival** Campo M. da Pátria, 122; **Avenida**, Av. da Boavista, 1016; **Barros**, Rua do Bonjardim, 1292; **Batalha**, Praça da Batalha, 26; **Boa Hora**, Rua da Boa Hora, 80; **Campo**, Praça da República, 118; **Couto**, Largo de S. Domingos, 106; **Estácio** Rua de Sá da Bandeira, 120; **Menezes de Lima**, Pr. Dr. Pedro T. Pereira, 227. **Nau Vitória**, Rua Nau Vitória, 723; **Silva Pereira**, Rua Costa Cabral, 293; **Foz**, R. Senhora da Luz, 382-Foz.

COIMBRA

Montes Claros, R. Dr. António J. Almeida, 69 (tel. 25904); **Viegas e Coelho**, R. da Sofia, 19 - 21 (tel. 22089) **Higiene**, Rua Fernandes Tomaz, 4 (tel. 22634).

cinemas ● cinemas ● cinemas

BERNA
15.15 18.30 21.45 (Grupo C-M 14 anos) 2.ª semana de êxito Arthur Hill, David Wayne e James Olson numa espectacular aventura. A AMEAÇA DE ANDROMEDA, um filme de ficção em technicolor. Amanhã às 11 h. (M. 6 anos) O URSINHO BRINCALHÃO.

SATÉLITE (Tel. 562632)
15.30 - 18.30 - 21.45 (Grupo D - M. 18 anos) 10.ª Semana MORTE EM VENEZA c/ Dirk Bogard, Silvana Mangano e Bjorn Andreson

APOLO 70 (Telef. 763319)
15.00-18.15-21.30 (Grupo C-14 anos) Em 8.ª semana IVAN O TERRÍVEL. Um filme genial de Sergei Eisenstein

ALVALADE
15.15 - 18.30 e 21.30 John Wayne em EU JULGAVA-O MORTO, MR. JAKE

VOX (Telf. 720808
Ryan O'Neal. 0.30 h. (adultos) CASA SINISTRA AMANHÃ às 11 h. A RAPARIGA DOS ALPES (M. 6 anos)

ROYAL (Tel. 865037)
15.00-21.00 Grupo C-(M. 14 anos) OS CAVALEIROS DAS ESTEPES QUEM GUARDA O TESOURO

EUROPA (Tel. 661016
Em continuação de estreia às 21.30-Grupo B. 10 anos Michel Picolli e Marlene Jobert em CORRIDA PARA A AVENTURA
Hoje às 18.15 (Grupo A 10 anos) Matinée infantil. 3 Pardais... e pico

POLITEAMA (Tel. 326305)
às 15.15-18.15- e 21.45 h. (Grupo D. M. 18 anos) O BENEFÍCIO DA DÚVIDA Peter Sellers e Sinead Cusak num festival de malicia em «O Benefício de dúvida» com a história de uma experiência intima. Tecnicolor

ROMA (Tel. 72778)
às 15.30-18.30 e 21.45 h. (Grupo D - M. 18 anos) «O DOCE CORPO DO DELITO» Victorio Gassman, Anna Moffo, Anita Ekherg

RESTELO (Tel. 610375)
21.30 4.ª semana (Grupo D. M. 18 anos) CERTO, CERTÍSSIMO... OU TALVEZ NÃO, c/ Claudia Cardinale, Catherine Spack

ODEON (Tel. 326283)
15.15 - 18.15 e 21.30 2.ª Semana triunfal c/Sara Montiel no filme que apaixonou as mulheres. «A AMANTE». Canções maravilhosas EASTMACOLOR

ESTÚDIO (Tel. 555134/5
15 - 17 - 19 e 21.45 Grupo A-(M. 6 anos) RUBINSTEIN, O AMOR DE UMA VIDA

LUMIAR (Tel. 795295)
21.00 (Grupo D. M. 18 anos) AMORES VAMPIROS O QUE ELAS QUEREM É CASAR?

AVIZ (Tel. 47163)
15.30-18.30 21.45 continuação de estreia (Grupo M. 18 anos) ANÓNIMO VENEZIANO c/Tony Musante-Eastmacolor

TIVOLI (Tel. 50595)
às 15, 18.30 (a p. recl.) e 21.30 h. (Grupo D. M 18 anos). 4.ª semana. Uma comédia divertida e atrevida! ONTEM, HOJE E AMANHÃ com Sophia Loren e Marcello Mastroianni. Realização de Vitorio De Sica.

EDEN (Tel. 320768)
às 15.30, 18.30 e 21.45 h. Um verdadeiro Western. EU JULGAVA-O MORTO. MR. JAKE

ESTÚDIO 444
14.30 - 16.45 - 19 e 21 2.ª semana sábados e domingos 4.º sessões. Às 14.30-16.45-19h. e à noite 21 h. (Grupo C-M. 14 anos) Eastmacolor. LIKA, o amor de Tchekhov numa nova linguagem cinematográfica.

MUNDIAL (Tel. 538743)
Hoje às 21.45 h. (Grupo D. M. 18 anos) TEMPO DE VIVER, c/ Farye Dursarxay o diário íntimo da vida de uma mulher

LYZ (Tel. 48560)
15.00 e 21.00 (Grupo D. M. 18 anos) Em 6.ª semana «UMA CERTA FORMA DE AMAR» e «HONRA DUM HERÓI»

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)
15.15 - 18.30 e 21.30 (Grupo D-18 anos) 2.ª Semana «O PEQUENO GRANDE HOMEM «Uma obra prima de Arthur Penn com Dustin Hoffman e Faye Dunaway 70 m/m

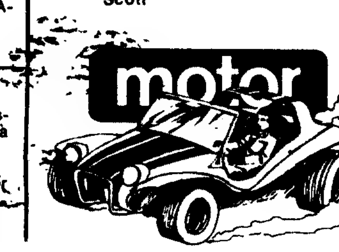
SÃO JORGE
15.15, 18.15 e 21.30 (Grupo D - M. 18 anos) Em 2.ª semana O filme que dispensa adjectivos «O SEGREDO» com Dean Martin e Geraldine Page

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00-21.00 Grupo D. M: (18 anos) às 15.00 e 21.00 PETTE GUN «DETECTIVE ESPECIAL» e CONVITE AO PECADO

CASINO ESTORIL
17.00, 21.00 (Maiores 18 anos) DOUTOR JIVAGO c/ Omar Sherif-Julie Cristie

MONUMENTAL (Tel. 555131)
às 21.30 estreia (Grupo D. M. 18 anos) Sidney Poitier é o ESTRANHO JOHN KANE

CONDES (Tel. 322523-326710)
às 21.45 estreia (M. 18 anos) A ULTIMA FUGA c/ George Scott



outros espectáculos

LISBOA/Teatros

MONUMENTAL
21.45 (18 anos) «Quem tem medo de Virginia Woolf»

VILLARET
20.45 - 23.00 «O aniversário da tartaruga»

MARIA VITÓRIA
20 45 - 23.00 «O Zé aperta o cinto»

A.B.C.
20.45-23.00 (18 anos) «Saidas da casca»

VARIEDADES
21 45 (18 anos) «Empresta-me o teu apartamento»

CAPITÓLIO
21.45 (18 anos) «A Querida Mamã»

LAURA ALVES
21.45 (18 anos) «O Vison Voador»

TRINDADE
21.30 (18 anos) «Caligula»

GIL VICENTE
21.30 «O menino selvagem»

COLISEU
21.30 (10 anos) Companhia Internacional de circo.

LISBOA/Cinemas

OLIMPIA
18.00 (10 anos) «King Kong»

CINEARTE
21.00 (18 anos) «Trágica Vitória» (soldado azul)

JARDIM
21.00 (10 anos) «A Confissão»

PARIS
21.00 (18 anos) Certo, certíssimo... ou talvez não».

ROYAL
21.30 (10 anos) «Os Cavaleiros dos Estepes»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (18 anos) «Aconteceu no Verão passado»

OEIRAS
Oeiras Cine
21.00 (18 anos) «Destinos opostos»

CARCAVELOS
Vitória-Cine
21.30 (17 anos) «A vida íntima de Sherlock Holms»

PAREDE
Royal Cine
21.15 (10 anos) «Armadilha para um fugitivo»

ESTORIL
Casino
17.00 - 21.30 (18 anos) «Doutor Jivago»

ESTORIL
Palácio
21.30 (18 anos) «Crime no bosque»

CASCAIS
S. José
21.30 (10 anos) «Le Mans»

LINHA DE SINTRA

VENDA NOVA
Cine Portugal
21.15 (10 anos) «Rio Bravo»

AMADORA
RECREIOS Desportivos)
21.15 (14 anos) «O segredo do Planeta dos macacos»

QUELUZ
Queluz Cinema
21.15 (10 anos) «Barrabás»

MEM MARTINS
Cine Chaby
21.30 (18 anos) «A Ruptura»

SINTRA
Carlos Manuel
21.15 (18 anos) «Certo, certíssimo... ou talvez não»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.00 (18 anos) «Jogo na escuridão»

BARREIRO
Ginásio
21.00 (18 anos) «O Falso profeta»

BARREIRO
Cine Barreirense
21.00 (18 anos) «Paranoia»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (14 anos) «Amor a maior riqueza»

MONTIJO
Joaquim de Almeida
21.00 (10 anos) «A Rapariga do Autocarro»

COVA DA PIEDADE
União Artística
21.15 (18 anos) «Tarzan e o Vale de Ouro»

PORTO/Teatros

ANTÓNIO PEDRO
21.45 (18 anos) «Os fidalgos da Casa Mourisca»

SÁ DA BANDEIRA
20.45 e 23.00 (18 anos) «Uma cama para toda a gente».

PORTO/Cinemas

ÁGUIA D'OURO
21.30 (18 anos) «Certo certíssimo ou talvez não»

BATALHA
21.30 (18 anos) «Popsy Pop»

CARLOS ALBERTO
21.30 (10 anos) «Magnífico aventureiro»

COLISEU
21.30 (14 anos) «Vagabundos Selvagens»

JÚLIO DINIS
21.30 (18 anos) «A Doce Vida de Casta Susana»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos) «A Vergonha»

OLÍMPIA
21.30 (18 anos) «O Desesperado»

RIVOLI
21.30 (18 anos) «Anónimo Veneziano»

S. JOÃO
21.30 (18 anos) «Love Story»

TRINDADE
21.30 (6 anos) «Le Mans»

VALE FORMOSO
21.30 (8 anos) «As noivas da morte»

PASSOS MANUEL
21.30 (10 anos) «Corrida contra o destino»

NUNO ÁLVARES
21.30 (17 anos) «Conspiração Internacional»

COIMBRA

AVENIDA
21.30 (14 anos) «Corrida contra o destino»

GIL VICENTE
21.30 (18 anos) «O falso profeta»

TIVOLI
21.30(14 anos) «Odio Velho»

SOUSA BASTOS
21.30 (10 anos) «O Malandro de Bata Branca»

BARS BOITES restaurantes DANCINGS

VIELA Cantam Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira, Tucha Mascarenhas e Elisete Cascais Tocam António Bessa e Fernando Reis Consumo mínimo 60$00 **Rua das Taipas, 14. Telef. 327256.**

TAVERNA DO EMBUÇADO Elenco João Ferreira Rosa, Beatriz da Conceição António Melo-Correia, Maria da Nazaré Colaboração de João Braga e Vicente da Câmara Tocam Fontes Rocha, José Luís, Nobre Costa e Pedro Leal Encerra aos domingos Consumo mínimo 90$00 **Beco dos Curtumes, 10. Telef. 860816**

TIMPANAS Cantam Trio Odemira, João Fernando Emílio Reis, Luís Braga Tocam Pedro Caldeira Cabral e Fernando Alvim Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira Canções do Minho por Quim Barreiros Consumo mínimo 61$50 (taxas incl.) **Rua Gilberto Rola, 24. Telefs. 676655 e 672431.**

TAMILA Marão e s/ conjunto Matinées todos os dias Encerra aos domingos **Avenida Duque de Loulé,69. Telef. 534117.**

«A SERENATA» Cantam Cidalia Moreira António Rocha e Amelia Proença Grupo Folclórico Cantares de Portugal **Rua Diario de Noticias, 122 Telefs. 32359 e 324381.**

ADEGA MESQUITA Cantam Fernando Pinto Francisco Martins e Alcindo Carvalho Tocam Jaime Santos e António Proença Danças Regionais por conjunto privativo Consumo mínimo 60$00 Encerra ao domingo **Rua Diário de Notícias, 107, Telef. 328307**

ADEGA MACHADO Cantam Ivete Pessoa, Esmeralda Amoedo, Tina Ferreira, Fernando Maurício, Fados de Coimbra por Loubet Bravo. Os Arautos Tocam Liberto Conde e Americo Silva Fandango pelo Grupo típico de Vila Franca de Xira Encerra as segundas-feiras Consumo mínimo 70$00 **Rua do Norte, 91. Telefs 30095 e 28713.**

a furna
musica gravada
ceias ate as 3 da manhã
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38 d
(a duque de loulé)
534466 561949

D. QUIXOTE BAR BOITE com Carlos Villaret e Tony Vieira Aberto ate as 5 da madrugada Encerra aos domingos **Rua da Trindade, 9. Telef 327109**

CASINO ESTORIL Jogo autorizado Variedades internacionais **Telefs. 26451-264526-264596-264621-264946.**

SANZALA Um pouco de Africa em Lisboa. **Música constante. Encerra às 3.30 horas. Av. Marechal Carmona. Telef. 790177.**

CLUBE ANDALUZ Boite com atracções espanholas Musica constante **Calçada Marquês de Abrantes, 64-66. Telef. 687264**

MAXIME Conjunto 6 Reacção e Maximiliano Show turístico Variedades internacionais **Praça da Alegria, 58. Telf. 55366**

HIPOPPOTAMO Conj Helder Reis Encerra aos domingos **Av. Ant. Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384.**

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR) Conjunto Oliver **Av. Duque de Loulé, 73. Telef. 530171.**

BATACLAM Bar Discoteca Bar aberto das 19.00 as 3.30h Disc Aberto das 22.00 as 3.30h Noites de Paris em Lisboa Encerrado ao domingo **Rua Ramalho Ortigão, 39-A. Telef. 560430.**

«PORTAS DO SOL» Restaurante-Bar Almoços e Jantares e serviço de bar permanente **Rua S. Tome, 86, ABC. Alfama, Lisboa. Telef. 861633.**

DL

RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL:
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º2,ºE-4.º
TELEF: 654531/ 2-3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS:
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA. TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

A SEMANA INTERNACIONAL

O exército indiano já está no território do "inimigo"

CALCUTÁ, 25 — O que é apresentado aqui, pelos meios oficiais, aos jornalistas, a quem está interdito o acesso às regiões fronteiriças, como uma ofensiva do Moukti Bahini (o exército de libertação Bengali) parece ser uma operação de envergadura notável, apoiada pelo exército indiano. Um alto responsável do governo do Bangla-Desh afirmou-nos que essas informações não têm qualquer fundamento, mas há boas razões para pensar que esta operação repentina tem por fim aumentar rápidamente as «regiões libertadas», por toda uma parte do sudoeste de Bengala Oriental, a fim de abrir passagem até ao mar. A ofensiva principal pode, a qualquer momento, provocar o corte das comunicações entre a cidade de Jessore e o norte e o sul da província, e isolar, portanto, esta importante cidade de aquartelamento.

Os estrátegas de Nova Delhi calculam, ao que parece, que as forças paquistanesas não poderão levar reforços importantes até esta região sem pôr em perigo a sua vulnerabilidade no noroeste, a norte e a leste de Bengala, onde as fôrças conjugadas dos exércitos bengali e indiano são muito fortes. A India não porá mais dificuldades ao reconhecimento do Bangla-Desh se este «estrangulamento» der a possibilidade ao mesmo Bangla-Desh de se instalar em território livre.

Por GERARD VIRATELLE - Exclusivo «Le Monde» «DL»

A GUERRA

Esta intervenção explica-se, primeiramente, pelo facto de a confiança dos militares indianos se ter reforçado muito nos últimos dias. Até agora, o exército indiano contentava-se em albergar as forças de libertação bengalis, dando-lhes um treinamento sumário e algumas armas ligeiras, controlando os seus movimentos e fornecendo-lhes, quando necessário, cobertura de artilharia. Esta foi, progressivamente, mais intensiva e eficaz. Além do mais, o exército indiano estendeu as suas posiçõea «defensivas» até ao interior de certas zonas livres (por acção dos guerrilheiros) e mesmo para além delas, a despeito, bem entendido, dos desmentidos de Nova Delhi. Mas não afirmou várias vezes o Ministro da Defesa que a guerra teria lugar no «território do inimigo»?

. As forças paquistanesas mantêm cerca de oitenta mil homens em Bengala Oriental, mas as suas posições estão muito dispersas tanto no limite fronteiriço como para o interior da província.

Tendo as **tropas inimigas** sentiram-se de vento em popa. Por outro lado, adquiriram a certeza de que as fôrças do Islamabad estavam isoladas das suas bases, desprovidas das reservas de munições e de combustível, e enfrentavam sérios problemas com a forte resistência dos rebeldes bengalis.

Os responsáveis indianos têm o presentimento de que a China não intervirá, pelo menos militarmente, pelo lado paquistanês, como antes temiam, e que as grandes potências se manterão afastadas do conflito antes de, possivelmente, tentar acabar com ele.

AMEAÇA

Resta saber se uma tal intervenção, da qual a opinião indiana não sabe absolutamente nada, seria agora, que a resistência obtém sucessos significativos, e se ela não vai pôr em causa o futuro de um Bangla-Desh independente. «Para além da independência», afirma-se nos circulos afectos ao govêrno bengali, «nós não toleraremos a presença de um exército estrangeiro, qualquer que seja, no nosso território. O Bangla-Desh não será Goa nem Cachemira. Se o exército indiano pensar no Bangla-Desh, terá que enfrentar, como o exército paquistanês, uma luta de libertação.»

. De facto, os nacionalistas não querem que a India lhes roube uma vitória que eles supõem próxima, mas não podem estar em desacôrdo com uma operação que talvez lhes apresse o regresso à pátria. Os seus dirigentes parecem haver sido colocados diante do facto consumado, não tendo a India, de resto o hábito de os consultar, mas impondo-lhes sempre o seu ponto de vista. O primeiro ministro bengali, M.Tajuddin Ahmed, foi informado na tarde de segunda feira, 22 de Novembro, do desenvolvimento da situação e reuniu-se a seguir com Indira Ghandi, em Nova Delhi, para estudar a situação.

Indira Gandhi também foi a Bonn explicar a Brandt a posição indiana

A CRÓNICA DE DOMINGO

Um homem sem nome

Na praia-paraíso-segundo-dizem, entre muitos outros de fato de ganga nos corpos e capacetes na cabeça, havia um homem enrugado pelos anos e pelo trabalho. Um homem sem nome. Servente de pedreiro há cinco meses, trabalhando oito horas por dia em troca de 80$00,, numa idade que já devia ser de reforma e de velhice sem preocupações.

Um homem que recebe 900$00 de duas em duas semanas - e nos seus 65 anos, puxa de mais uma fumaça e ri com satisfação:

-Mas olhe que me sinto bem e só tenho pena de não ter vindo para aqui há mais tempo. Eu sou natural de Odemira, sempre fui «arrozero» na minha vida, e como «arrozero» onde é que eu conseguia tanto dinheiro? A gente aqui trabalha duro, mas é melhor que ser «arrozero».

E o homem-sem-nome, irmão de outros sem nome que deixam terra, profissão e hábitos de uma vida inteira, riu ainda mais quando lhe perguntamos pela família:

-Nã senhor, nã tenho mulher nem filhos. Sempre fui soltêro e bom rapaz. Mas não pense o senhor que não conheci mulheres...

E no meio das risadas dos colegas de fato de ganga e capacetes de aço, aquele homem de pele enrugada pelos anos e pelo trabalho (fui... arrozêro toda a vida mê senhor), tirou a beata da boca, cuspiu para o chão, passou as costas da mão pelos lábios e perguntou feliz:

- E o mê retrato vem no jornal?

Veio. E a entrevista também. Porque motivo haveriam os jornais de publicar apenas entrevistas e fotos de homens-com-nome?

R.C.

Retrato no jornal? Pois aí está

DL SUPLEMENTO LITERÁRIO

Nas páginas centrais

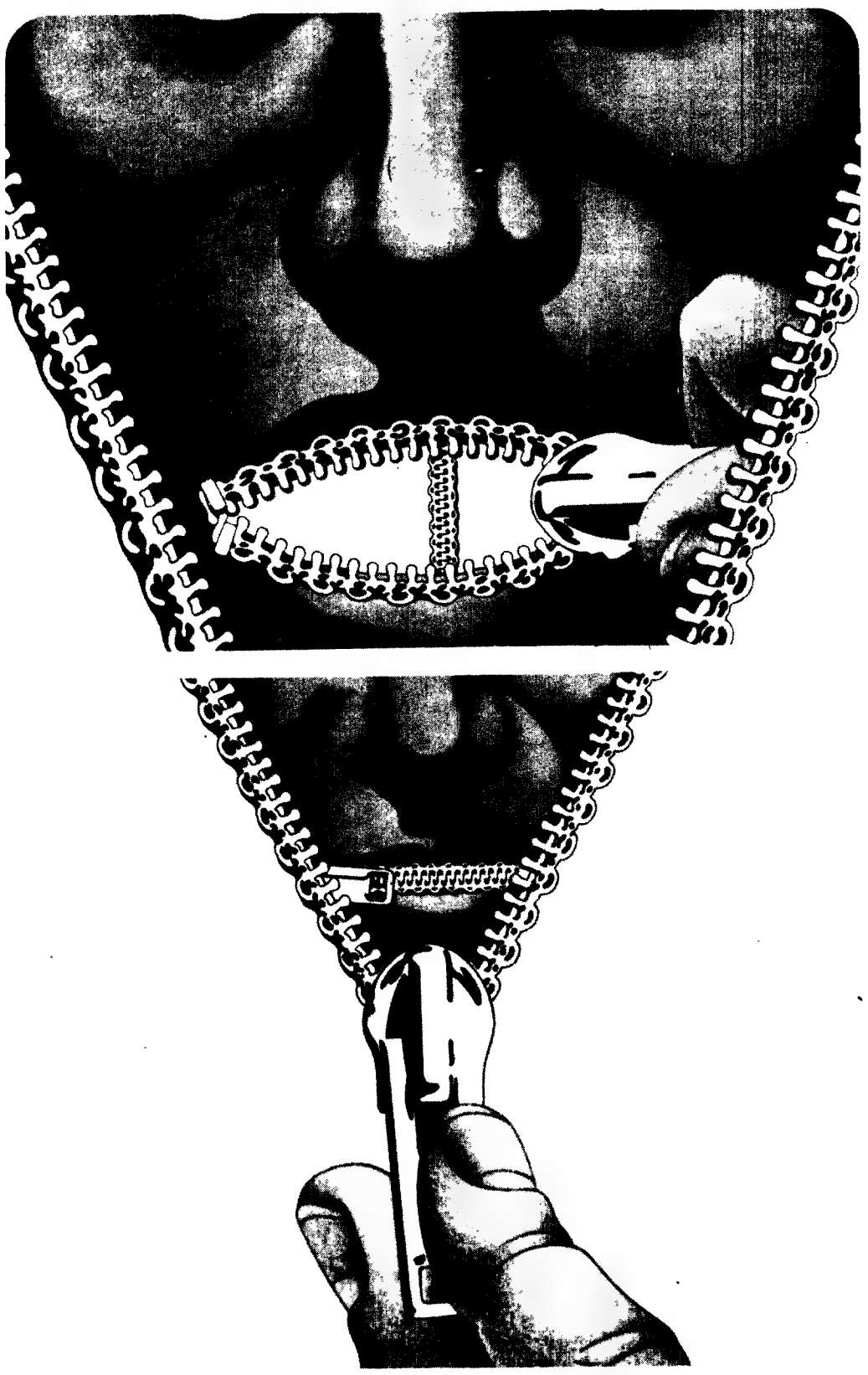
por VICTOR S. TAVARES
PAULO GIL
JOSÉ A. GIL

1.º FESTIVAL INTERNACIONAL DE JAZZ DE CASCAIS

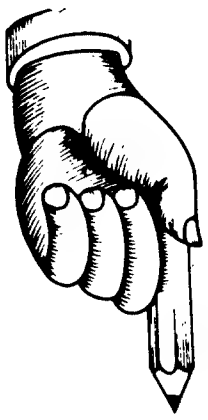
CASCAIS JAZZ

PONTOS DE REFERÊNCIA

Figura de proa de ré de bombordo ou de estibordo António Quadros suscita agora a acção crítica de Fernando Luso Soares



Não basta!



Mercê das circunstâncias, os meus «pontos de referência» de hoje são simplesmente «uns pontos nos iii». Obriga-me a eles — e a arredar passageiramente o trabalho mais proveitoso que a mim me propus - um artigo de António Quadros, publicado há dias no «Diário Popular» sob o título espectaculoso «A outra censura, comentário a alguns ataques pessoais». Porque, no final de contas, aquele liberalíssimo senhor deu em afirmar que eu entretinha o meu precioso tempo a preocupar-me, pelos vistos em primeira mão e com desígnios vesgos, com a sua literária-pessoa. A emergência solerte leva-me assim, a escrever estas linhas para pôr ponto final na graça. Vamos, pois, a ver.

Nunca me tinha passado pela cabeça que, discutindo as ideias de António Quadros (de certo modo análogas àquelas de que uma pertinaz terapêutica intelectual me afastou em boa hora) em vez de, por exemplo, me considerar com uma réplica no plano das mesmas (e das minhas), o referido senhor preferisse vir com um ataque que o não ilustra. Convencido, talvez, de que constitui um centro de atenções e um refrigério de almas em aflição e angústia, o articulista de «A outra censura» interroga-se (na parte em que se me refere): «... não será afinal de contas uma auto-animosidade, uma tentativa de se desembaraçar à minha custa de um acontecimento auto biográfico, de se inocentar projectando os seus fantasmas interiores para fora - de qualquer maneira?».

Desculpará, no entanto, este eleito do Espírito, que eu o desiluda de começo. Nunca me tinha ocorrido, fique com a certeza disso (que para tal nunca lhe reconhecera nem eficácia, nem figura), o vê-lo diante de mim como uma aparição purificativa, uma espécie de Quadros-catarze, de Quadros-purga, mais concretamente, de Quadros-calomelanos.

Aquela sua pergunta, porém, o que revela é que António Quadros se considera uma pessoa importante. Ele lá diz no artigo «A outra censura», que é um «escritor responsável». Ele traz para o conhecimento público que David Mourão-Ferreira até já lhe chamou «figura de proa», e não sei que mais. E, em consequência de um processo psíquico não muito original (já várias pessoas no mundo se têm considerado vítimas imoláveis), e porque se convenceu de ter atingido a glória com o escrever todas as semanas um «caderno diário» (que, lógicamente, devia ser «caderno semanal») e botar palavra na Televisão, vai daí atira-nos com este convite ao sacrifício ... julgo que me tornei uma personagem a abater»... Tudo isto, aliás, com um espírito de missão que comove as pessoas. O artigo do «Diário Popular» não o escreveu por ele, coitado: «Não é pelo meu caso pessoal, que pouco interesse tem. Mas é porque, a não opôr-se um «basta!», a cultura portuguesa ver-se-á cada vez mais degradada, perante os desafios à deontologia crítica, à ética intelectual e à razão, que grassam de forma assustadoramente crescente entre nós». Porém, no que me respeita, eu lamento ter de lhe dizer que «não basta». Na verdade, **não basta** pelo menos enquanto não puser os «pontos nos iii», como estou a prometer. Depois, sim, espero não me lembrar mais dessa figura de proa, de ré, de bombordo (?) ou de estibordo (não sei, nem isso me interessa) da cultura portuguesa.

De certo modo este artigo «A outra censura» Parece-me um agravamento de um processo vesânico — e a ira contra mim despedida afigura-se-me o despeito daquele que vê o parceiro já sanado dos seus males. Em fases anteriores, aí estava o seu antipositivismo como obsessão, já que a crítica que António Quadros sempre lhe fez não se realiza directamente contra o positivismo em si (como forma do idealismo burguês), mas como um teor filosófico que lhe contraria as suas apetências sonhadoras. E que outra coisa, senão uma displicente vontade de rir, nos pode dar a sua ideia (vide **Ficção e Espírito**) de que a cultura russa se degenerou pela «importação» de um pensamento germanista através de Lenine, tal como a portuguesa pela «importação» do pensamento comteano através de Teófilo Braga?!... Que outra coisa, senão tristeza, nos podem implicar teorias como esta: «Aceito a tese de Jung — diz o epígono de Alvaro Ribeiro — o sonho

Continua na página seguinte

Não basta!

Fernando Luso Soares versus António Quadros

Continuação da página anterior

é a prova real, a prova vivencial do movimento do homem, trazendo-nos sinais ou cifras do que foi, e levando-nos para o que será, como troncos de árvores que o rio impetuoso vai carreando»... E que outra coisa ainda, senão confrangimento, nos há-de emprestar um escritor do século 20, afirmando que o que salvará o mundo não é a revolução (a cisão), mas esse fenómeno espantosíssimo com que António Quadros fecha as páginas de **Ficção e Espírito**: «E o Ser em **metanoia** para o Espírito da Verdade que Berdiaev, através da sua sondagem existencial na subjectividade, ócio criador de toda uma vida, nos revela de modo tão empolgante, como testemunho, como vivência e como acto conscientemente escatológico». Estou a lembrar-me de quando António Quadros afirmou que o ideal português girava em torno de umas tantas palavras — «que nos soam tão familiares e tão consubstânciais aos ouvidos» (sic), tais como «Mar», «Nau», «Descobrimentos», «Oriente», «Amor», «Império», «Saudade», «Encoberto»... — e a observação que então lhe foi feita por Delfim Santos, de que semelhante tese pertencia mais ao domínio da **filomitia**, que ao da **filosofia** — se acaso, e no fim das coisas, não cabe antes no saco das **mitomanias** (das quais, felizmente, há muito me livrei). Tudo isto dito, como se vê, para deixar esta questão em aberto: — se o facto de Quadros ter agora pensado que se armou contra ele um conluío de escritores facínoras, não significará acaso mais o adicionar de uma outra mania, esta de índole extra-filosófica: a mania da perseguição, corolário normal (ou anormal) do sentimento de se ser uma vítima imolável.

Dediquei ao último livro de António Quadros três artigos, a saber: dois no «Jornal do Fundão» (em 19 e 26 de Setembro passado) e um posterior, no Suplemento Literário do «Diário de Lisboa» (em 17 de Outubro). Claro que não trisei porque o autor de **Ficção e Espírito** me merecesse qualquer consideração ou qualquer antipatia pessoal. Nunca lhe tinha chamado nem «figura de proa», «mastro de gávea» ou «ponte de comando», nem «quilha submersa» ou «porão de bagagens». Nada disso!... Dediquei-lhe três artigos porque tantos me foram os necessários para criticar todos os aspectos que aquele seu empreenhadíssimo livro envolvia. Aliás, fi-lo com a gentileza possível. Por exemplo: ao referir-me à sua análise da obra de Dostoievski, dizia que com ela António Quadros mostrava ser «um leitor muito inteligente da literatura, um espírito generoso e observador de analogias e diferenças», se bem que «a sua filosofia (dita) portuguesa, messiânica, obssessionadamente messiânica — como aquela que ele diz ser a da «alma russa» — (o levasse) até sendas de **velhos equívocos**, sempre e agora renovados». Assim, fazia-lhe notar que — à semelhança do que observara Joel Serrão, nos **Temas de Cultura Portuguesa** — o seu equívoco se mantinha em persistir na confusão entre «filosofia» e «religião». E eu concluía deste modo: «**Ficção e Espírito**, apesar da sua pretensão ecumenista, continua pois o decurso de uma indisfarçável mistagogia, continuada iniciação nos mistérios de uma religião (parece-me, apesar de tudo, com poucochíssimos fiéis)». E ainda: «... na linha dominante de todo este livro continua a ser grande o equívoco do pensamento cá-de-casa, que dá pelo nome (que lhe deram) de «**filosofia portuguesa**». E aqui é que explodiu a castanha: António Quadros, «figura de proa», «escritor responsável», «interventor na cultura nacional» com cartório em tantas instâncias, não suportou que um antigo quase-concordante, lhe surgisse pela proa como um ariete (desapaixonado, claro). António Quadros, numa das mais «**decentes**» contra-críticas que imaginar se possa, veio à estacada (ele que não gosta de agredir ninguém) dizendo que Fernando Luso Soares já pensara assim-e-assado. Tudo isto com a ilusão saloia de que me molestava e envergonhava.

Nesta ordem (triste) de ideias, escreve ele em «A outra censura»: «... deparou-se-me com surpresa uma crítica de Fernando Luso Soares ao meu recente livro **Ficção e Espírito**» (e aqui, alegando a surpresa, só conseguiu ser hipócrita); «... surpreendeu-me efectivamente que Luso Soares incidisse acima de tudo, em nome das posições materialistas (...), sobre pontos que foram muito mais extremadamente seus, do que são meus» (e aqui, alegando graus, foi imponderado); «... reencontro-o agora, no entanto, materialista, antilusitanista e discípulo confesso de Lukács!» (e aqui foi inadvertido).

Em primeiro lanço, querendo ressuscitar o meu velho e repudiado «Quinto Império — ensaio sobre a anatomia da esperança», **oculta** que eu próprio, nas críticas em que tomei por objecto a **Ficção e Espírito**, referia expressamente esse repúdio. Ocultou isso, pouco decentemente, para dar aos beócios a impressão de me ter apanhado em flagrante. Ou não escrevera eu, no «Jornal do Fundão» de 19 de Setembro, a propósito do seu decurso intelectual: «Estamos (**nós já não, felizmente ...**) na rota (...) e na demanda vesânica dos quintos-impérios»?!...

Depois, o que é ainda pior, **finje esquecer** o meu comentário a propósito da sua afirmação de que o criticismo, o pragmatismo e o marxismo operavam «o esvaziamento espiritual do pensamento», o qual era textualmente o seguinte: «Há sempre que partir da boa fé de um intelectual como António Quadros, que não vive estipendiado a interesses de classe. Mas então há também que concluír que lhe faltou o juízo crítico a partir da sua afirmação de que procura **sempre** colocar-se no campo do adversário, esgotando-lhe as virtualidades teóricas. Aquela passagem transcrita de páginas 234 de **Ficção e Espírito** peca por infantilismo crítico. Faz-me lembrar a ingenuidade criança-de-mim-próprio, quando cheguei a pensar há muitos anos nesse mesmo «absurdo» (**do tal esvaziamento**) da teoria marxista já que, se o progresso provinha da luta de classes, acabada a diferenciação classista implìcitamente acabaria o mesmo progresso. **Eu, porém, era então muito mais ignorante do que soou hoje,** desconhecia os meandros da teoria das contradições sociais (antagónicas e não-antagónicas) e tinha as «classes» como duas legiões de pedra rígida». Singular esquecimento este!...

O que tudo isto quer dizer, afinal, é que António Quadros - disfarçado de pensador liberal, de intelectual pacífico, de inimigo das polémicas - o que deseja é viver calminho para levar a água ao seu moínho, sem que apareça alguém a dizer-lhe que se desenferrugou e que os alcatruzes da sua nora continuam a mergulhar no lodo das suas fantasias. O que António Quadros não tolerou, ao fim e ao cabo, foi que eu lhe demonstrasse, especialmente no segundo artigo do «Jornal do Fundão», e no do «Diário de Lisboa», que ele se atreve a abordar coisas (como, por exemplo, as do estruturalismo) sem ter as mínimas bases para o efeito. Perante isto, o pensador que busca afanosamente «desenvolver um pensamento liberal» (sic), não encontrou melhor do que afirmar que eu me pendurei nele para aliviar o passado - esquecendo-se que os Quadros é que se penduram... nas paredes. Aliás, deixem-me dizer que, para esse alívio, eu já antes me tinha socorrido de outro apoio um pouco mais válido.

Fora Fernando Pessoa, aliado a tradições de educação e a sugestões do tempo, o determinante principal do meu antigo entendimento. E foi precisamente a partir dele, de uma sua releitura, que eu me re-elaborei. Assim justificava ter escrito no «Ensaio Crítico de um Sociológico de Fernando Pessoa», o que vem a páginas 116 do meu livro **Literatura, Dialéctica, Estrutura**. Se António Quadros não leu, não vem mal por isso. Ele é que não perderia uma boa ocasião de estar calado se o tivesse feito. Então veria estas minhas palavras: «Releitura afinal determinada pelo facto de que, no fundo das coisas, reconhecíamos que **a força da sua poderosa sugestão fora bem uma das coordenadas responsáveis pelo nosso irracionalismo** - quer dizer, **pelo irracionalismo que nos tinha tornado possível há muitos anos, um ensaio como esse delírio do «Quinto Império»**. E eu pergunto se alguma vez na vida o delirante António Quadros será capaz, como eu fui, de confessar os seus próprios delírios.

A propósito, porque me parece um bom remate para tudo isto, não vou esquecer aquilo que um dia aconteceu com certo menino da catequese, num curso de doutrina, não importa onde. Tinha o catequista contado a história de um homem que fora cúmplice na lapidação de Estevão e agente capital da perseguição aos cristãos no ano 37, e que viria a ser, depois da estrada de Damasco, o mais fervoroso discípulo de Jesus. O tal menino replicou ao catequista que, lá em casa, referindo-se a Saul de Tarso um parente lhe havia dito o seguinte: - um fariseu qualquer increpara São Paulo, pretendendo que este não o podia criticar - e para isso invocava as antigas crenças farisaicas do então já apóstolo de Cristo. Porque, ao que parece, o fariseu expelira cobras e lagartos, palavras assim como estas que Quadros me dedica: «As voltas que o mundo dá...» E saberá António Quadros a resposta que o catequista encontrou para solucionar o problema posto pela ingénua criança? «Não sei em que parte das Escrituras virá esse episódio - retorquiu ele. No entanto vai lá dizendo ao teu tio que o tal fariseu era um grande «gabiru». E se a história é pouco mais ou menos esta, do que não me recordo é se o qualificativo usado foi «grande gabiru», ou outra coisa pior.

Registo Automático de cálculos, multiplicações contínuas e bloqueio de capacidade.
Multiplicações negativas.
Duplo espaço automático para sub-totais e totais.
Repetição automática de números.
Duas teclas que efectuam cinco operações diferentes - soma, sub-total, "não-soma" e total -

CITIZEN

A mais veloz multiplicadora automática (400 R. P. M.)
Peça catálogos

NOGUEIRA INFORMÁTICA
ELECTROLÓGICA E MECANOGRAFIA APLICADA S. A. R. L.
Av. da República, 41, 3º - Telef. 77 91 51/5 — LISBOA 1
PORTUGAL.

Folhetim-artístico de José-Augusto França

Na venda do "Sagramor" de BATTISTINI

Não frequento leilões de pintura como também não frequento desafios de «cricket» talvez pelas mesmas razões de achar ambos os desportos muito aborrecidos; e de ambos também minguarem em Portugal. Fui, por curiosidade, uma vez à sala Dronat de Paris, onde se vendiam cubistas e outra, em Londres, aos Sothebys onde se compravam impressionistas — e verdade seja dita, também não me diverti coisa que valesse a pena os deslocamentos.

Mas ontem (ou há não sei quantos dias da saída deste folhetim) fui assistir a um leilão em Lisboa para ver o que se passava ou podia passar com um quadro de Battistini — tão grande, tão grande que houvera de entrar pela janela do leiloeiro. Como havia ele de sair era coisa que começou a preocupar-me e fui ver.

Vi. Não saír o quadro (o que meterá de novo bombeiros, mulherio e madraços do bairro) mas vendê-lo. E por isso escrevo este folhetim.

Eu conhecia o quadro, da quinta da Arriaga, perto de Almoçageme, onde o deixara, ao morrer, o coleccionador João Arroyo, aliado dos proprietários da velha quinta setecentesca — agora mesmo vendida a estrangeiros. Venda que determinou o leilão desta pintura que me convidaram a ir ver, à Arriaga, no Verão passado. Tendo-me dado conta da importância temática e ideológica, da composição, já a reproduzira num livro sobre o século XIX, tirando a fotografia duma ilustração de «A Aguia», pois não conseguira depistar o quadro — sequer através de D. Maria Portugal (entretanto falecida), que fora a grande colaboradora de Battistini na sua obra de ceramista e que, velhinha se lembrava com saudade de ter pousado para a lenda de «Sagramor».

No âmbito de «A Água» cabia tal lenda inspirada no poema homónimo de Eugénio de Castro, pouco antes publicado, como eu supusera, e depois verificara, lendo os versos famosos, pintados num canto do quadro.

Haver esses versos era tudo quanto o catálogo do leilão sabia dizer da pintura, cujo título aliás ignorava. «Versos falando em ouro» — para ser mais esclarecedor, não sabendo também donde eles vinham. O pregoeiro insistiu jovialmente nos versos assegurando a respeitável assistência de que se tratava pela certa de coisa lendária visto os muitos carneiros figurados trazerem jóias ao pescoço; frisou também o tamanho da tela, o ter ela entrado pela janela e poder, até ser cortada, em duas dadas as dimensões. Tão grandes que se tinha mesmo de vender o quadro (subentenda-se, por qualquer preço) pois não podiam guardá-lo ali. Os clientes, que tinham comprado coisas pequenas e pequeninas, olhavam com espanto irónico o tamanhão do quadro — «o maior jamais pintado em Portugal». E lá estavam os carneiros de colar refulgente ao pescoço e uma dama nua e loira, fada mesmo... Não sabendo ninguém o que significavam tais coisas nem os versos do Eugénio de Castro, nem, tão-pouco, havendo a caridade de lhes explicar quem era o Leopoldo Battistini que tudo isso pintava — como haviam as pessoas de acreditar que o quadro estava avaliado (por quem?) em cinquenta contos?

Como haviam elas de saber que o quadro é com o tríptico de «A Vida» do António Carneiro (também há pouco comprado aos herdeiros Barahona, de Évora, que não o queriam para nada), o único exemplo português duma corrente simbolista da pintura ocidental? E, a esse título, uma peça que merece celebridade e honra qualquer colecção, tal como honrou aquela que formou um homem excepcionalmente culto que era o João Arroyo. Ou que seria **necessária** num museu nacional de arte contemporânea que existisse com capacidade cultural, neste país...

Ninguém sabia nada na sala do leilão, a não ser que o quadro entrara pela janela e tinha muitos carneiros com colares ao pescoço. E tão pouco havia comprador do Estado para optar legalmente. Ao menos que, atendendo aos carneiros pintados, estivesse alguém do Ministério da Agricultura!

E assim, o quadro que era **a única peça realmente interessante do conjunto leiloado,** foi à praça na base de trinta contos. Sem cliente baixou para dez — e foi subindo, devagarinho (um quadro que até podia dar dois, meus senhores!) ate aos vinte, em que foram. Foi comprado por um «marchand» que decerto sabia o que estão visìvelmente «fóra de moda»...

Carneiro a carneiro contada a composição vale muito mais do que custou. E sem dúvida mais do que outras peças vendidas anteriormente no mesmo local. Por razões históricas, por razões culturais, e até de curiosidade de peça única, como foi possível não entender, em simples cálculos comerciais, que o «**Sagramor**» de Battistini tem de valer mais do que o carvão do Eduardo Viana vendido por cem contos, e mais do que um pequeno desenho de ilustração do Almada, uma das centenas e centenas de peças que o desenhador executou?

...Mitos, sem dúvida (mas o da Vieira da Silva não foi muito longe e o razoável óleo vendido por 170 contos vale mais no mercado internacional...); mitos sem dúvida — mas também uma santa ignorância (oh, o Falcão Trigoso, aliás de boa qualidade, nos limites epigonais do pintor, vendido por algumas vezes o preço do «**Sagramor**»!). Uma santa ignorância de quem lida para vender e para comprar com pintutura em Portugal.

Pessoalmente ainda acabo por preferir o «cricket»!

Uma carta de Egídio Álvaro

Recebemos do crítico de arte Egídio Álvaro, com pedido de publicação, a seguinte carta:

Paris, 8 de Novembro de 1971

Meu caro Rocha de Sousa,

Foi com profunda surpresa que encontrei na sua crónica de 10 de Novembro 71 ao suplemento literário do Diário de Lisboa a transcrição de passagens de um texto que escrevera por ocasião de uma exposição do Gonçalo Duarte que eu organizara para Janeiro/Fevereiro na Galeria de São Francisco.

Vou tentar explicar-lhe os motivos desta surpresa.

1. Na passada temporada, e no duplo intuito de dar a conhecer as minhas opções (pois me parece que um crítico se deve expor pela palavra e pela organização prática de Mostras) preparei para a citada Galeria um ciclo de exposições no qual incluí artistas estrangeiros e dois portugueses até aí votados a - quanto a mim - injusto esquecimento e ostracismo. Aconteceu que estando a exposição do Gonçalo pronta (catálogo impresso, serigrafia, anunciada a data da vernissage), o artista, aconselhado por excelentes amigos, me informou que a Galeria não lhe convinha por ser pequena e pouco conhecida. Estes amigos já tinham evidentemente encontrado uma outra Galeria de salas maiores e mais brancas e um prestígio diferente. O facto deixou-me perplexo pois que até à minha escolha ninguém (a meu conhecimento) tinha pensado expô-lo. Mas, enfim, erros são erros, e eu limitei-me a informar o Gonçalo de que as despesas já feitas deveriam ser reembolsadas e de que o texto de apresentação que eu escrevera para o catálogo (e do qual) aliás, o artista contestava então certas passagens) não deveria ser utilizado em nenhuma ocasião e sob nenhum pretexto. Creio que, infelizmente, alguns exemplares deste catálogo entraram no circuito lisboeta.

2. Pouco satisfeito com procedimentos deste género, mas filosòficamente resignado, pois considero que cada um escolhe as vias que mais lhe convêm e delas se torna inteiramente responsável, tentei limitar os estragos morais causados à Galeria e apresentei o resto do programa que concebera. Ora a crítica oficial (a que escreve em jornais de grande tiragem e prestígio), - que você de resto pertence, g u a r d o u um exemplar silêncio s o b r e o c o n j u n t o das e x p o s i ç õ e s que apresentei. Executam-se os artigos públicos s o b r e a ú l t i m a dessas exposições (Barros) p o r Mário de Oliveira e por Alfredo Marques. Quero considerar que a transcrição que você (que de resto não tenho o prazer de conhecer pessoalmente) fez, é uma forma de homenagem. Mas asseguro-lhe que teria sido muito mais sensível a uma homenagem doutro género. A saber: a transcrição de textos ou crítica de exposições que realmente se concretizaram e não do texto de uma exposição que, por razões inteiramente estranhas à minha vontade, não se efectuou.

3. O citado texto é um todo, e como tal deve ser compreendido. Se tivesse sido posto em circulação cada um seria livre de o interpretar à sua maneira. Mas é um inédito, e o facto de ter sido impresso em nada modifica esta situação. Será necessário acrescentar que, se não alterei a minha opinião sobre a pintura, a opinião sobre o homem, que conhecia sob uma certa luz, se encontra singularmente modificada? E que, como consequência, é um texto a revêr? Pessoalmente, repugno participar, indirectamente embora (pois a sua citação me obriga a uma participação indirecta) a uma comédia cultural com a qual não estou de acordo.

4. Aceito o inevitável quando ele é realmente inevitável. No caso presente uma reparação ou rectificação é possível: publicar esta minha carta. Poderá V. fazê-lo? Ficar-lhe-ia bem grato, pois assim se poderia esclarecer uma certa confusão. Seria, finalmente, a melhor maneira de dissociar o meu nome de métodos que desaprovo e de atitudes que condeno. Conto consigo, como homem e como crítico.

Fico é claro à sua inteira disposição para qualquer esclarecimento suplementar.

Queira entretanto aceitar as minhas mais cordiais saudações.

(a) Egídio Alvaro

Considero inteiramente justificável a estranheza do crítico Edígio Álvaro quanto às transcrições que foram feitas neste Suplemento, do texto de sua autoria a que se refere. A minha própria estranheza não é menor, porquanto, tendo-me sido facultado o catálogo com o texto em referência por pessoa amiga, esta não me pôs qualquer restrição relativamente a uma possível utilização do estudo de Edígio Álvaro para a divulgação da pintura de Gonçalo Duarte. Desconheço inteiramente a quem cabem as responsabilidades da circulação, sem advertências de qualquer espécie, do catálogo onde se publicava o texto daquele crítico. As transcrições a que procedi, incluídas numa série de notícias sobre a actividade das galerias de Lisboa para a presente temporada, devem-se naturalmente ao apreço que o texto me mereceu e ao total desconhecimento da minha parte quanto à posição assumida por Edígio Álvaro.

Quanto à minha posição perante o programa da galeria S. Francisco, de certo modo criticamente referida na carta de Edígio Alvaro, apenas tenho a declarar que me assiste o direito de escolher, segundo a minha perspectiva crítica (naturalmente discutível) e as minhas disponibilidades, as manifestações artísticas que julgo poder abordar com maior propriedade neste Suplemento. Não alimento, em todo o caso, nenhuma reserva especial quanto ao programa da Galeria S. Francisco e aproveito o ensejo para sublinhar, mais uma vez, que o meu trabalho neste Suplemento tem sido regular, procurando, sem discriminações e dentro das minhas possibilidades, fornecer ao público em geral uma perspectiva do que se passa em Lisboa no domínio das artes plásticas. Só que esse trabalho não pode ser exaustivo e implica necessàriamente algumas opções. Respondo por essas opções e estou sempre disposto a corrigi-las.

Rocha de Sousa

O PRIMEIRO ROMANCE SOBRE PRISÕES DA ROMENIA

As Edições «Suhrkamp» acabam de publicar, na Alemanha Federal, o romance do escritor romeno Paul Goma «Ostinato». O livro, apresentado primeiro aos editores franceses, viu-se recusado pela censura. No entanto, não condena um sistema socio-político, mas apenas os seus abusos e erros.

Não se trata de negar o socialismo, mas de acusar uma época caracterizada por uma crueldade sem dúvida inútil como foi a do estalinismo. O romance de Paul Goma pode ser considerado como o reflexo literário da destalinização, iniciada na Roménia a partir de 1963-1964; obra de ficção, apresenta uma parte apenas dos crimes e das arbitrariedades pùblicamente denunciadas, por diversas vezes, pelo secretário geral do Partido Comunista, Nicolae Ceausescu. Porque se não permitiu, nesse caso, a sua publicação na Roménia?

A única explicação plausível assenta naquilo a que se poderia chamar o mecanismo da inércia. O estalinismo instituíu um sistema de tabús. que ainda hoje rege o comportamento dos «funcionários da cultura».

Por exemplo: não apareceu nenhum romance sobre os campos de trabalho forçado do período estalinista, nem sobre a brutalidade que presidiu à colectivização das terras (os autores de romances rurais, nestes dois ou três últimos anos, conseguiram, no entanto, «insinuar» algumas verdades sobre tal assunto — caso de Marin Preda, Fanus Neagu, D. R. Popescu), nem sobre os abusos de poder dos responsáveis locais do Partido. Filmes como «Reconstituição», de Lucian Pintille, ou, mais recentemente, «Os animais doentes», de Nicolae Breban, foram logo proíbidos devido à ousadia com que aqueles dois realizadores descreviam a violência e a arbitrariedade da polícia política.

A destalinização começou na Roménia bastante tarde e silenciosamente. Os sorrisos tolerantes afivelados, nestes últimos anos, pelas autoridades, desfaziam-se desde que alguém tentasse pôr a descoberto aquilo a que o marxismo chama verdade histórica. Prefere-se não revolver as cinzas do passado ou, pelo menos, que não sejam os escritores a fazê-lo.

Terá essa rigídez do sistema atingido o seu objectivo? Poderá o escritor aceitar uma situação humilhante que o reduz ao papel de escriba? O caso Soljenytsine não deve ser julgado isoladamente, e ainda que os intelectuais romenos sejam geralmente submissos e compreensivos, no caso de se deixarem seduzir por certos privilégios materiais, seria difícil imaginar a impossibilidade de surgir um, pelo menos, a perder a paciência. Paciência, aliás, de que Goma deu provas, ele que tentou em vão, durante mais de três anos, convencer as autoridades de que o seu romance não condena nem põe em perigo a edificação do socialismo. Se o livro aparece hoje no Ocidente e pode servir de argumento aos pretensos inimigos do socialismo, a quem cabe a culpa?

As recentes medidas culturais, que parecem indicar um regresso ao dogmatismo dos anos 50, são dirigidas contra a literatura de testemunho. Mas não comportarão elas certos riscos? Todo o clima de violência acaba por evidenciar os gestos de protesto.

«Ostinato» é o primeiro romance sobre as prisões da Roménia e não será, naturalmente, o último. Não se trata apenas de um documento. O autor é acima de tudo um escritor; só depois nos surge um homem que sofreu seis anos de cadeia e trabalhos forçados, seguidos de uns tantos de humilhações e insegurança.

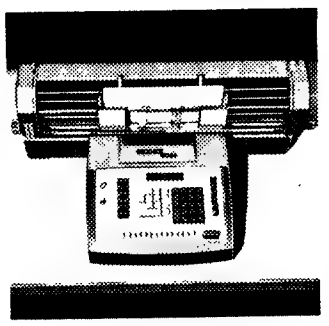
Paul Goma continua, por enquanto, desconhecido dos leitores da Roménia, isto é, daqueles para quem escreveu o seu livro. Em França espera-se a sua tradução (na «Gallimard», para fins de Outubro) sob o título «A célula dos liberais».

OS ALPINISTAS 1

por FIAMMA HASSE PAIS BRANDÃO

Bonatti pensará na vertente dos alpes na existência como uma assunção.Ao terceiro dia elevou-se e, suspenso, está contra o gélido, o cobalto. O seu mito cintila, nas centelhas do gelo, como a duradoura neve das suiças, e na sua meditação própria. É um possessivo possuidor do horizonte, a sua noção de infinito é ali; a quantidade, soma, súmula, píncaros, convergências e extensão. Não é o infinito uma qualidade, nisto não consiste o seu mito. E o olhar que adere ao espaço e concede a seu corpo uma expansão. Ver, no plano, no esférico ou no diagrama é, nesse acto e contrição - consciência inquieta do anterior, abrupto passado - a plena expansão do indivíduo através do exorcismo do corpo que é emitido do olhar para o planisfério. Magnitude e amplificação de que o globo ocular é intermediário para a imagem que se possui do espaço e da totalidade. Globo, por sua vez, à imagem, sui generis, do arcaico espaço de ptolemeu. Tal como de um demiurgo os acessórios do alpinista vibram, são, literalmente, cintilações. Os elementos primordiais, fios de algodão; o aço e o nylon, naturezas que o homem sapiente informa. Nomes: corda de asseguração, de "rappel", talabarte. Os do aço, pitons, assim como mosquetões. A situação: corpo em estribo no isolamento global dos Alpes, riscando as paredes, vivo no granítico e de olhos para o passado que, precisamente antes, é o abismo de onde progride. O seu futuro, além das ínfimas temperaturas, na rarefacção, é o de permanecer erecto sobre o altíssimo. Corpo que erigindo-se sobre a escarpa, demora-se na fissura, e jorra, premeditada emergência. Possui o nome, a circunstância; é, portanto, uno. Apenas o constrange o seu outro, aquele anterior - a via no planalto, no rochoso e terreno, sem mediações -, se Bonatti, transpondo a vertical tende a evadir-se. Uma deflagração do ar solar, solipsismo com as aves, corvos de Alpes (negros de jungfraujoch). Ao quinto dia, sendo a jornada divina, repousa e ainda erecto, repetidamente, sente a pulsação no azul do ar contracto. Orgão ou músculo luminoso ilimitado, a sua ideia de espaço é o da nave sacra maternal, sob a forma de hemisfério. No halo entrecortado por evidentes cumes, de luz, viu irisações. A sabedoria de si: num ponto que, operatòriamente, contem a irradiação; no maciço de valongo, os alpinistas, contra os xistos, quebrável, suspendem-se; em Alpes, omnisciente disso, sôbre-vive; no xisto surgirão, opaco Valongo, auras da pedra. Contradições da asserção, e não do discurso dito, porque, além de nas fráguas o som de laminação, nos Alpes só o crocitar.

...ESTA É A NOSSA
COLABORAÇÃO...



Um programa completo de máquinas de contabilidade e sistemas de organização

Uma equipa de especialistas em organização e racionalização administrativa

Um centro mecanográfico equipado para execução, actualização e supervisão de serviços de contabilidade

Cursos rápidos de preparação nos nossos metodos para o pessoa das empresas

EFICEX KIENZLE
FUNDADA EM 1947

SERVIÇOS TÉCNICOS EM LISBOA: Av. João XXI, 4-A — Telefs. 727028 - 725074
SERVIÇOS COM. DE LISBOA: Av. P. Manuel da Nóbrega, 4-B — Tel. 726105 - 727019
FILIAL NO PORTO: Rua Passos Manuel, 228, 1º-Esq — Telefone 30698

DL

SUPLEMENTO LITERÁRIO

A CORNETA DO JÚIZO

AXIOMA: o jazz é, antes de mais, uma questão de moral sobre um dado instrumento. Por outro lado, a música é um motor de reacção: sopra-se para fora, reage para dentro. Portanto, digamos que há 3 níveis a considerar: as regras, as circunstâncias, o som (seu uso e abuso).

Por José Alberto Gil

HIPOTESES: Num auditório de dez mil pessoas dez mil, quem é o senhor que está atrás do saxofone, QUEM?

a) Está-se à espera a todo o transe do auto-de-fé, que o tipo rebente, se esfalfe, se incendeie o fôlego. Porquê? Porque está a fazer o proibido: ser dono do próprio fluxo, criar a própria relação de ordem que suporta o fraseado sonoro, conduzir o próprio envelhecimento. Isto tudo porque o Jazz foi um dos primeiros movimentos de libertação do instrumentista.

b) Por outro lado, ele é o pequeno deus que poderá, através de um certo ritual relegar a turba para os 3 valores que nos valhem: Deus, Pátria, Família.

Voltando ao palco, qualquer concordância com uma destas duas linhas de força resultava em demagogia, que musicalmente predominou nas duas sessões de Cascais. O equivalente sonoro era a frustração da própria expressividade. Explicando melhor: todos nós já vimos certamente no circo os acrobatas que correm sobre uma bola, no entanto sem que a bola se mexa. Este é o tipo barato do virtuoso que consiste na máxima produção de notas por segundo, muito se assemelhando por conseguinte a uma panela de pressão.

O contrário desta atitude, e que se verificou em toda a actuação dos GIANTS OF JAZZ, no pianista (Keith Jarrett) de Miles Davis, no último número de Ornett Coleman e no contrabaixo (Roy Mathewson) do grupo de Phil Woods, era a estruturação e perfeita coesão e continuidade de todas as intervenções, quer se fizesse «a priori» ou «a posteriori». Isto é: quer se baseasse em certo esquema de execução ou na procura de continuidade para certos achados ou efeitos a solo ou de conjunto.

E agora chegámos ao vírus da questão: o rebentar das consequências e o seu controle, ou a provocação do delírio e a sua orientação. Quando Art Blakey atirou com as baquetas ao ar, ele e só ele é que acabou. Todo o processo de improvisão e variação se desenrolou conforme o seu próprio desgaste e saturação. Isto é simultâneamente a medida da recusa do músico ao gratuito e inconsequente e por outro lado facilidade com que o público corre sôfregamente atrás do osso. Pois que, meus senhores, a música «est d'ailleurs». Do brilhante à brilhantina vão muitas léguas.

Ora senão, vejamos: onde está o ENGANO daquilo tudo?

TEOREMA: em função duma atitude que se quisesse consequente, como se verificava o aproveitamento dos espasmos do público? Acho que isto deveria, sexualmente, interessar a toda a gente, dado que se trata de procriação colectiva. Ora, neste caso, acho que o mais aprazível é levar a coisa até ao fim. E isso que acontece?

Como varia a temperatura no público: um observador atento certamente repararia que o espasmo do público aparecia como medida da saturação de uma certa consequência. Determinava o possível fim da «carga» expressiva dessa sequência e revelava a capacidade pública de suportar essa mesma carga. Condicionado por esses espasmos, o músico induzia o público numa marmelada epidèrmica que nada tem a ver com o Jazz, e não passa de alucinação colectiva provocada pelo fascínio das sonoridades que já analisaremos. Portanto, as palmas eram secantes ou tangentes, ou qual a moral que está por detrás dos microfones? Fora toda a banha da cobra de quase todo o Miles Davis, Phil Woods e Dexter Gordon, haveria dois tipos de atitudes exemplares. Foram elas a perfeita coesão e independência dos GIANTS OF JAZZ, em que todo o espasmo era iludido sistemáticamente, e o humor fabuloso do pianista de Miles Davis, KEITH JARRET, que num inesquecível momento recusou a dez mil pessoas a virtuosidade fácil e, torcendo literalmente o êxtase colectivo, revelando em todas as cabeças a própria possibilidade de ter consciência e mover-se no piano por onde muito bem quer.

Sem isso nunca se passou — passaria de uma série de efeitos e «clichés» da música mais que batidos, ligados pelo entusiasmo.

Senão tiremos a PROVA DOS NOVES: Miles Davis provocava a onda (a percussão) e deslizava na crista, fàcilmente, utilizando glissandos na trompete mais que gastos. Valeu-nos o saxofonista Gary Barttz que de vez em quando pegava nas intervenções do chefe da turma e dava-lhes consequência, sem muito risco diga-se de passagem dado que a percurssão apoiava fácilmente tudo. Outra moral estava na execussão de Ornette Coleman que utilizava os «clichés» de modo bastante inteligente fazendo-os explodir livremente e de forma insuportável. Musicalmente foi a melhor intervenção do festival, absolutamente vincada e coesa, em que a estruturação se apoiava na exploração exaustiva dentro dos registos diferentes.

Mas o grande gato servido em vez de lebre foi Phil Woods. Disse-se algures que se tratava de improvisação colectiva submetida a uma estrutura prévia. É bonito, mas como se explica que fosse absolutamente nítida a discrepância entre a execussão a solo ou em conjunto? A única explicação possível era a troca de instrumento para parte, o que era pouco provável. Desdobramento de personalidades?

E patològicamente interessante. Na exibição deste grupo foi absolutamente evidente a submissão da linguagem às palmadas do público, que comia àvidamente todos os sons «esquisitos» que noutros contextos lhe provocariam certamente uma indigestão. A não ser em alguns solos de ROY MATHEWSON (contrabaixo) todas as intervenções eram receitas sem consistência interna tiradas de Cage e outros modos e escolas, inclusivé Debussy. O pianista chegou a tocar, calculo que por falta de pontaria um acorde de sétima da dominante, o que ainda tem piada no Malhão, mas ali não passava de um elemento inconciliável que nem sequer era aproveitado pela sua incongruência, mas metido na panela como o louro no feijão.

TESE: meus senhores, agora que a cabeça está fria, não se tornem a deixar enganar pelo próprio apetite. Repare querido leitor, eles estão ali para o seu bem, para lhe limpar os ouvidos, para lhe meter a trampa sàbiamente cozida pela boca adentro e desejar-lhe no fim: BOM PROVEITO.

Uma última coisa. Há um dado factor que está por detrás disto tudo e que é o fascínio da solenidade. Naquelas circunstâncias uma trompete se for bem tratada pode soar como a trombeta do juízo e se for mal tratada é como a missa na sé, ou um concerto na Gulbenkian e em Cascais viu-se um admnistrador da dita a baloiçar-se. Seria swing? A solenidade varia na razão directa do provincianismo e o ênfase dado à coisa funciona apenas como vacina. Senão vejamos todas as palermices que se escreveram nas reportagens de todos os jornais, o arzinho dos apresentadores mormente do Nuno Martins que deve ser o tipo nesta terra que mais se esforça na razão inversa do que diz. E havia ainda as calças do Miles, os artelhos a dar a dar e os passinhos de dança espalhados pelo pavilhão, carta idiota a apresentar por tabela seca os mordomos da festa.

«Enfim, assimm se fazem as cousas» — Gil Vicente.

UMA OBRA DE ESCALDANTE ACTUALIDADE

SUA EXCELÊNCIA

peça em 2 actos de LUÍS de STTAU MONTEIRO

50$

EDIÇÕES ÁTICA COLECÇÃO TEATRO

Distribuição Exclusiva da LIVRARIA BERTRAND

APARTADO 37 — AMADORA

Ao binóculo em Cascais

Dizzy

Dizzy Gillespie nasceu em Cheraw em 1917. Ainda muito novo testemunhou as humilhações da sua raça. O mundo em que cresceu foi o da discriminação racial. Foi seu pai quem primeiramente lhe ensinou música: Dizzy começou por aprender trombone mas aos 15 anos já tocava trompete. Estudara até então teoria da música e harmonia no Laurinburg Institute. Em 1935, em Filadélfia, toca com Frank Fairfax. Os trompetistas Charlie Shavers e Carl Warwick são grandes amigos seus. Ambos tocam na orquestra de Lucky Millinder a quem aconselham a substituição doutro elemento por Dizzy Gillespie (na altura com 20 anos). Dizzy parte então para New York mas aí chegado constata que Millinder resolvera manter o outro trompetista. Sem trabalho, torna-se grande amigo do baterista Chick Webb com o qual toca frequentemente em «jan-sessions». É uma destas sessões que Teddy Hill o ouve tocar. A convite deste, Dizzy entra para a sua orquestra em substituição de Roy Eldridge (trompetista), músico este que era o seu ídolo preferido. Em 1937, grava o primeiro disco integrado nesta orquestra, e ainda nesta formação desloca-se pela primeira vez à Europa onde o seu papel de solista o põe em permanente destaque. Dizzy era grande trabalhador e, contràriamente ao que os seus colegas de orquestra faziam, achava que um instrumento de sopro não devia ser estudado nem praticado isolado: o piano torna-se-lhe um auxiliar na descoberta de novas estruturas harmónicas. Após o regresso aos Estados Unidos, em 1938 Dizzy colabora com diversas orquestras, tocando com Edgar Hayes, Mercer Ellington filho de Duke Ellington) e acompanhando Ella Fitzgerald. Durante algum tempo toca ainda com Benny Carter e Charlie Barnet, entre outros.

Em 1940, grava com a orquestra de Cab Calloway. Neste mesmo ano começa também a orquestrar para as formações de Woody Herman e Jimmy Dorsey. No período 1941/43 toca com Calvin Jackson, Lucky Millinder de novo, Coleman Hawkins e Duke Ellington. Em 1943 entra para a orquestra de Earl Hines. Simultâneamente e até 1944, vai tocando em diversos clubes de jazz de New York. Na formação de Earl Hines trava conhecimento com Charlie Parker de quem se torna companheiro inseparável. No «Minton», clube de jazz onde tocavam Thelonious Monk, Charlie Christian e Kenny Clar-

Fotos de JOSÉ TAVARES

Texto de Paulo Gil

Gillespie

ke, cristalizaram-se todas as novas ideias e tendências que viriam a dar origem ao movimento bop. Neste mesmo clube tocava também Dizzy Gillespie. Em 1944, toca na orquestra de Billy Eckstine, da qual se torna director musical. Ainda neste ano Dizzy constitui um quinteto para tocar no «Onyx Club», com Don Byas (sax-tenor), George Wallington (piano), Oscar Pettiford (contrabaixo) e Max Roach (bateria). Provàvelmente, este foi o primeiro grupo a utilizar, para a exposição dos temas, uníssonos de trompete e sax-tenor. Depois, de uma breve passagem pela orquestra de John Kirby, em 1945 Dizzy constitui novo quinteto, agora com Charlie Parker em sax-alto, Al Haig (piano), Ray Brown (contrabaixo) e Stan Levey (bateria).

É este quinteto que está na base do nascimento do bop. Em 1946, constitui a sua própria orquestra para a qual faz os primeiros arranjos bop grande formação, a qual, como baterista cubano Chano Pozo, pois na sua opinião os ritmos latino-americanos são mais complexos que os africanos. Em 1948 desloca-se à Europa com esta orquestra. Dois anos mais tarde, após a dissolução desta última formação, constitui novo pequeno agrupamento com o qual visita de novo a Europa (1952/53). Simultâneamente, vai participando nas deslocações do Jazz at the Philarmonic. Em 1956, reconstitui a sua orquestra com a qual percorre a Índia, Médio Oriente e a América do Sul, sob o patrocínio do Departamento de Estado norte-americano. A partir de 1958, toca normalmente em quinteto, deslocando-se ao Festival de Jazz de Antibes em 1963. Neste último período grava com orquestra de cordas, na Califórnia.

Dizzy Gillespie é um dos principais trompetistas do período bop, senão o mais importante. Foi na verdade, com Charlie Parker, o promotor da corrente bop. Duma técnica instrumental e dum virtuosismo impressionantes, grande parte da força de impacto inicial do bop a este tronpetista se deve. A velocidade e a facilidade de atingir agudos altíssimos ajudaram a dar ao novo estilo dos anos 40 (o bop) um incremento junto do público que se mostrava refractário à sua aceitação. O ataque das notas ainda hoje é de uma perfeita precisão. O actual grupo de Dizzy é constituído por músicos todos mais jovens do que o mestre: Al Gafa (guitarra), Mike Longo (piano), Alex Blake (contrabaixo) e Mickey Roker (bateria).

Presentemente Dizzy é praticante de um tipo de religião, de origen persa, que o impede de participar em qualquer actividade política para a qual já tem sido solicitado pelos partidos negros norte-americanos. Para Dizzy, a música não pode ser nunca um veículo de contestação ou um processo de ataque directo (como crítica social e política), uma vez que a sua religião não permite qualquer manifestação de ódio. Na sua opinião, o jazz já não é de modo algum um «fenómeno» simplesmente americano: tornou-se uma linguagem artística universal.

Jazz a grande festa

Solos quase de improviso por causa do Jazz em Cascais onde aconteceu GENTE

Por VICTOR SILVA TAVARES

1

«Meus senhores, isto é o jazz!» — assim Vilas-Boas resumiu, ao microfone, para a multidão que se recusava a abandonar o pavilhão desportivo de Cascais na madrugada de 22, a GRANDE FESTA que foi o (nosso) I Festival Internacional de Jazz. Minutos antes, Art Blakey (The Fire!) arremessara as baquetas (ou maçanetas?) para a sala, na sequência do imparável vendaval de ritmo, da furiosa explosão de alegria que fora a sua actuação **(ling. filos»** passagem da essência em potência ao estado de existência»). Ninguém arredava butes, exigindo de novo, com palmas e assobios cadenciados (música do prazer imediato incontido, sem pé atrás) a presença dos «gigantes» Dizzy Gillespie, Thelonious Monk, Sonny Stitt, Kai Winding, Al Mckibbon, Art Blakey — a sua comunicabilidade instantânea, a sua lendária (antiga, sempre presente, sempre actuante) expressão jazzística. Foi então que os «GIANTS» falaram uma última vez. Foi então que Dizzy Gillespie (motor de arranque, clown magnífico) actuou na plateia — e que toda a sala jogou com ele e os seus companheiros no mesmo fluxo electrizante, na mesma alegria, na mesma comunhão, no mesmo entendimento.

«Meus senhores, isto é o jazz!»

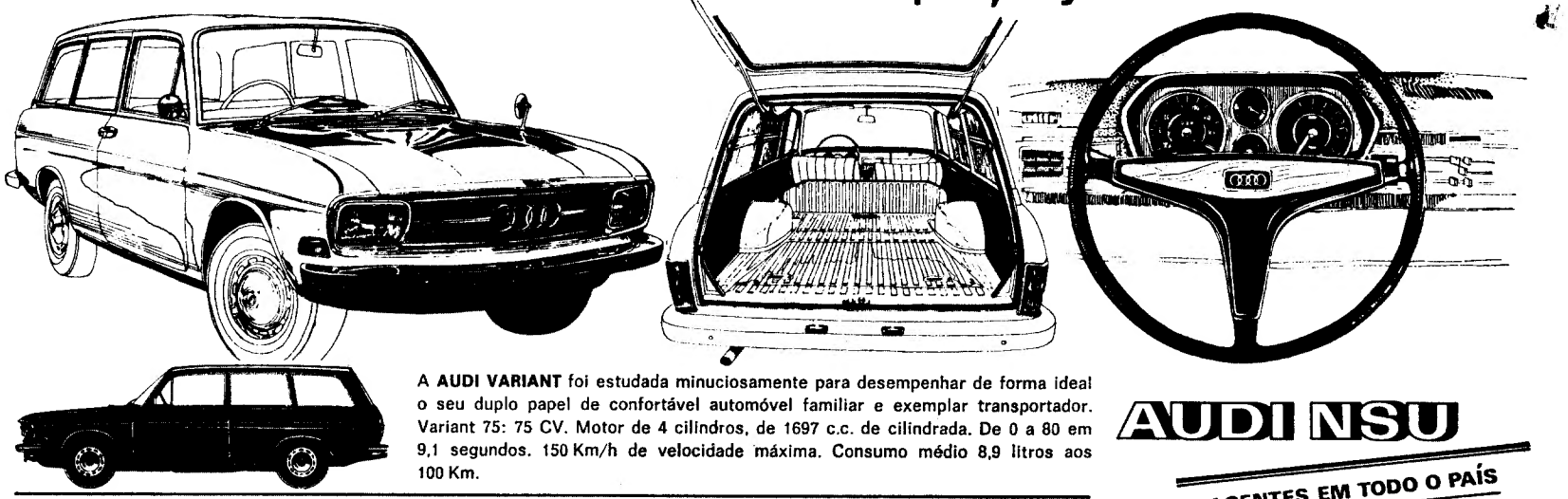
2

O jazz: essa paixão quente e dolorosa, essa imediata inteligência criativa, essa nostalgia, essa fúria, essa lucidez, essa aposta noutra humanidade que

Continua na página seis

EXITO

Audi Variant Só o espaço já vale dinheiro!



A **AUDI VARIANT** foi estudada minuciosamente para desempenhar de forma ideal o seu duplo papel de confortável automóvel familiar e exemplar transportador. Variant 75: 75 CV. Motor de 4 cilindros, de 1697 c.c. de cilindrada. De 0 a 80 em 9,1 segundos. 150 Km/h de velocidade máxima. Consumo médio 8,9 litros aos 100 Km.

AUDI NSU

AGENTES EM TODO O PAÍS

VISITE-OS

UM PRODUTO AUDI NSU AUTO-UNION AG.

REPRESENTANTES: SOC. LUSOLANDA, SARL – R. LATINO COELHO, 63 – LISBOA – TEL.: 53 70 74

CASCAIS JAZZ

JAZZ : A GRANDE FESTA

Continuação da página cinco

já queremos (exigimos) ser, esse haver-por-dentro um ritmo, luzes, cores, humor, imaginação, experiência, liberdade, essa outra maneira de entender e praticar a vida, essa crueldade, essa regra sem regras, essa terra sem fronteiras, esse gosto perpètuamente adolescente, essa manhã, essa noite, essa raiva, esse amor sem grades arqueológicas.

O jazz: vivê-lo na memória afectiva (transepocal e transcontinental), no sangue, nos nervos, no sonho, na acção quotidiana, no compromisso tácito de transformar transformando-nos.

O jazz: seus inventores anónimos, seus vultos pioneiros, seus modos pessoais e intransmissíveis, sua evolução sinuosa, suas revoluções no caos que só a absoluta disponibilidade permite, sua permanente dianteira num mundo que julga refrear, suster, iludir, alienar o movimento perpétuo dos homens e das coisas.

O jazz: essa primeira fase (nascida sabe-se lá donde: tudo - tudo lhe serve de matriz) e que nos seus próprios rudimentos ganha, vai ganhando corpo de discurso, por sua vez matriz que é de novas frases, e serpenteia, voa, flui e reflui, inventa-se, destrói-se, numa aparência de improviso (que o é, exactamente no momento de se exprimir), frase-microcosmo que se casa se funde se harmoniza se contrapõe a outras de outros participantes criativos (público inclusive, seus gritos, palmas, assobios, sua receptividade, seu calor contagiante) e pouco a pouco ganha unidade mesmo nos desvios, asperezas, discordâncias, transgressões, rupturas — por mais exteriormente arbitrárias e desregradas.

O jazz: esse **instante** inicial onde tudo se ganha e tudo se perde, essa efémera centelha, esse gosto de afirmar arriscando o silêncio provável.

O jazz: essa disponibilidade no rigor.

O jazz: mais que um tipo de expressão musical, mais que uma batida referenciável, mais que uma aventura estética (por muito ousada nas suas múltiplas canalizações), mais que uma história compendiada, mais que o produto-de-consumo também veiculado (mas há consumos e consumos!), mais que um modismo e snobismo de alguns (com seu calão técnico e referências iniciáticas), o jazz é, à sua maneira multiforme mas não contraditória, um complexo poético, portanto uma fusão cultural (entenda-se: mental, sensível, política) entre os **homens novos** de todas as línguas e lugares da terra. Mas esta definição, como todas as definições, não define, apenas se aproxima. Cada qual traduzirá a seu modo. O jazz permite a tradução individual. É uma escola de liberdade. Para todos.

3

Aconteceu jazz em Cascais. Quer dizer: houve gente e música — e era tudo a mesma coisa. Porque no jazz não há músicos sem gente, mesmo que haja palco e plateia.

Aconteceu gente em Cascais — e foi por isso a festa.

Caberá a eruditos (sem menosprezo) diferenciar músicos e escolas, estabelecer etapas de evolução, optar crìticamente, pois que na grande festa de Cascais houve matéria distinta e margem para apostas estéticas senão outras: estará Coleman estabilizado, ele que foi o grande transgressor?, rasgará Phil Woods (e em especial o seu contrabaixo, Ron Mathewson) novas fronteiras estruturais?, não terá Miles Davis desiludido quem dele esperava maior arrojo e participação?, não terá antes o seu organista (Keith Jarrett) adquirido no jogo uma dimensão maior?, continuará de facto na vanguarda o jazz praticado por Monk e Gillespie?, não cairá, absurdamente, numa excessiva intelectualização o jazz «selvagem», **free** ou **criative**?

Eis algumas questões que o Festival de Cascais tornou pertinentes, eis o campo aberto para uma polémica desejável.

Quer isto dizer que o Festival não foi um cortejo de múmias, por mais respeitáveis — nem um festival compostinho, prudente, jogando apenas no seguro. Naquela grande confusão (de organização, de qualidade musical, de público) residiu, quanto a nós, a riqueza maior da festa, o seu risco magnífico, a sua pujante **vitalidade**. O recinto não estava «habitável», o som deixava muito a desejar, os intervalos (sobretudo no dia 20) tornaram-se insuportáveis, etc. etc. Mas na incomodidade, por vezes na exasperação, houve lugar para a alegria colectiva que o jazz proporciona.

É isso: alegria colectiva. Cada qual que procure agora suas razões particulares. Ou repensadas desrazões.

VITOR SILVA TAVARES

SUPLEMENTO LITERÁRIO

Aplausos & assobios

Contra os **nobilitados pela palavra elaborada que cava o túnel para o prémio** (que são igualmente as **toupeiras intelectuais do prémio**), Natália Correia associa, com o denominador comum de «histórias para porteiras», o «Amor de Perdição», «A Dama das Camélias», o «Romeu e Julieta» e «Love Sotory». Pelos vistos, aqueles nobilitados ou toupeiras não gostam deste último livro e assim Natália Correia, muito descomprometida, presta-se defendê-lo ou «recuperá-lo» (vidé Supl. Literatura e Arte, de «A Capital» de 17 do corrente), muito embora o considere **um mau livro**. Porquê então, se se trata de um mau livro, arranjar argumentos para ele de defesa? Porque **nestes tempos em que tudo é redutível à análise, à razão e ao sistema, ao desafio inato da literatura compete sobretudo fazer sentir»**. Mas transcreva-se mais um pouco da argumentação de Natália Correia: (... «**Erotismo? Já cá temos em doses massacrantes** (por certo, não deve a poetisa quererreferir-se à sua «Antologia de poesia portuguesa erótica e satírica»...). **Angústia metafísica? Kierkegaard só não disse a última palavra porque esta é dos demónios. Camus fez o possível e fez escola. Kafka esse teve o génio de se tornar irrepetível. Cosmético para a palidez social do alienado? Ainda querem mais? Tantos Steinbecks, tantos Caldwells, tantos Amados teimosos satélites da liberdade económica do humilhado que entretanto passou a comer lagosta à custa da tecnocracia que não pode subsistir com o romantismo da fome que inspirou tanta ideologia. Quanto ao amor, à sua obscura e luminosa grandeza, nada. Ou antes um mau livro. Love Story. Um mau livro mas uma boa ideia (...)»**.

De boca atafulhada por tanta lagosta literária, ainda assim assobiamos.

MAIS UM EXEMPLO

Lemos no «Vértice» 333 (cujo caderno azul lhe veio a conferir particular dinamismo) uma nota sobre a deficiente tradução (mais uma!) e revisão do livro «Marxismo e Alemanha Federal — A Revolução Fetiche», de Hans G. Helms, publicado pela Estampa. Transcrevemos a parte final da referida nota:

(...) «Este livro é mais um exemplo dos perigos em que se incorre com maus serviços de tradução e revisão e da necessidade para as editoras, particularmente para aquelas que procuram uma selecção criteriosa dos títulos, de não sacrificarem boas traduções a uma fácil diminuição de encargos».

Aplausos!

CORRIGENDAS

No artigo de Júlio Moreira publicado no último número deste Suplemento registou-se uma falta de composição.. Assim, onde se leu **O leitor habitual** do dr. João a técnica adoptada (n' **O Insecto Perfeito**) **resulta de facto** (frase de todo incompreensível) deveria ler-se, conforme o original, «O leitor habitual do dr. João Gaspar Simões **já está habilitado a saber o pouco apreço em que** (ele) **tem as técnicas literárias**. No entanto admite que a **técnica adoptada** (n' O Insecto Perfeito) **resulte de facto**.

Também na resenha final do inquérito que viemos publicando, não escrevemos «o sensacional debate» mas sim «o **essencial do** debate» — o que faz sua diferença. O mesmo para o nome de «Adolfo Casais Ribeiro», que deveria ser, evidentemente, **Adolfo Casais Monteiro**.

Por outro lado, a reprodução do quadro que surgiu na página 7 não é, não senhor, um pormenor da **GUERMICA.** Nem sequer da **GUERNICA.**

As nossas desculpas.

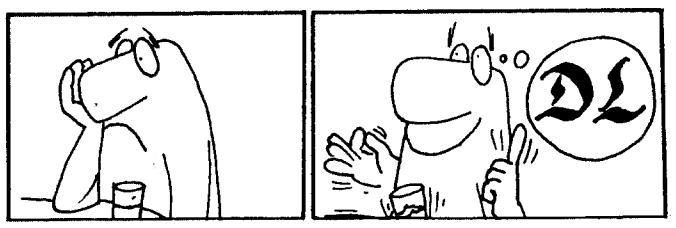
Uma carta de ANTÓNIO QUADROS

No último suplemento literário do «Diário de Lisboa», foi publicada uma entrevista comigo, a propósito do problema da crítica em Portugal. Certamente devido ao facto de eu ter enviado as minhas respostas manuscritas, e também porque não revi as respectivas provas, a entrevista saiu com tantas gralhas, que em certos passos se torna pouco menos que incompreensível

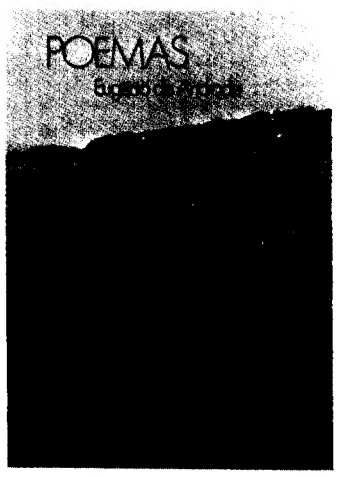
Na impossibilidade de as corrigir, uma por uma, venho deste modo chamar a atenção dos leitores para o que sucedeu, lamentando as dificuldades que os eventuais interessados possam ter tido na leitura do texto.

Sem mais, aproveito para apresentar a V. Ex.ª os meus melhores cumprimentos,

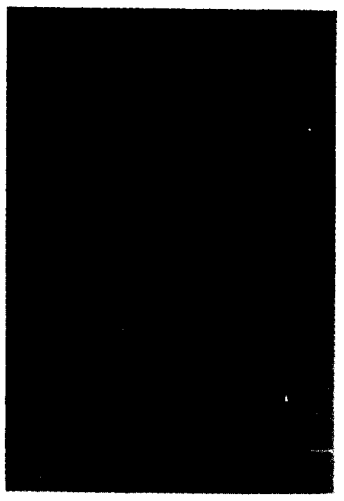
N. R. — Com os nossos pedidos de desculpas aos leitores e a António Quadros, aqui deixamos publicada a sua carta.



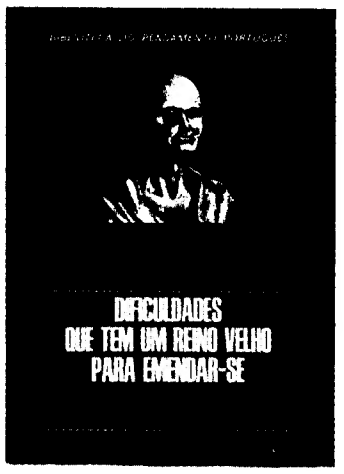
NOVIDADES / OUTONO 71



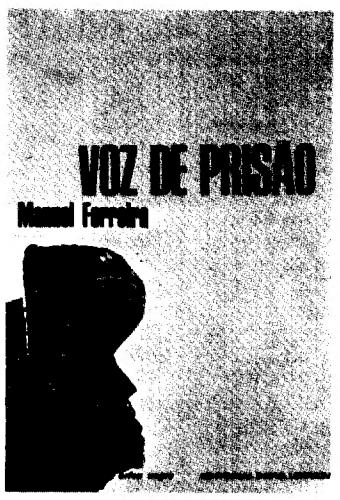
1



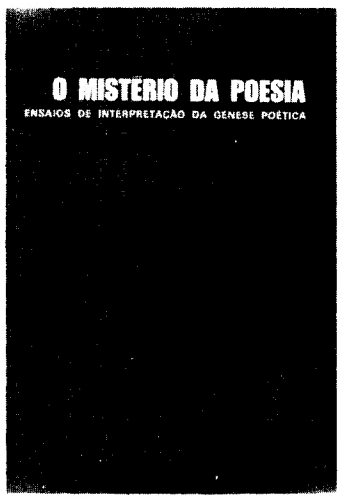
2



3

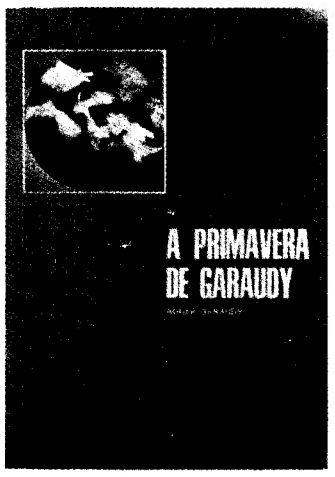


4



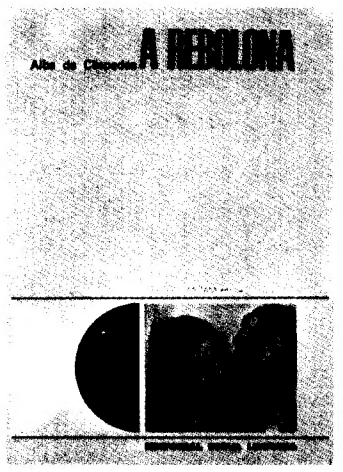
5

6



7

8



9

1
Eugénio de Andrade
POEMAS

«Eugénio de Andrade é, sem dúvida, o grande poeta do amor do século XX português».

(António José Saraiva)

Colecção AS MÃOS E OS FRUTOS
3.ª edição / 228 páginas / 95$00

2
Paulo Quintela
HÖLDERLIN

Através deste livro, o público pode conhecer uma das mais belas e mais fortes figuras de poeta que toda a literatura alemã nos oferece e compreender a sua influência nomeadamente sobre Rilke.

Colecção OS TRABALHOS E OS DIAS
2.ª edição / 254 páginas / 100$00

3
DIFICULDADES QUE TEM UM REINO VELHO PARA EMENDAR-SE e Outros Textos
(Selecção, apresentação e notas de Vítor de Sá)

As questões sociais, económicas e políticas tratadas por um «iluminista» que desmontou o mecanismo dos sistemas opressivos e propôs soluções válidas para os males deste reino «cadaveroso».

Colecção BIBLIOTECA DO PENSAMENTO PORTUGUÊS / 234 páginas / 70$00

4
Manuel Ferreira
VOZ DE PRISÃO

Uma tentativa, única no nosso país, de aglutinação de algumas experiências cabo-verdianas anteriores. Um momento alto da rica literatura crioula.

Colecção ORFEU NEGRO / 164 páginas / 55$00

5
João Gaspar Simões
O MISTÉRIO DA POESIA
(Ensaios de Interpretação da Génese Poética)

Segunda edição dos Ensaios que, em 1931, inauguravam uma dignificação da literatura da vanguarda e descobriam Fernando Pessoa, Sá-Carneiro, etc.

Colecção CIVILIZAÇÃO PORTUGUESA
2.ª edição / 269 páginas / 75$00

6
Marcelo Curto e Victor Wengorovius
UMA QUESTÃO SINDICAL

O processo dos Metalúrgicos de Lisboa um momento da «abertura» necessário à compreensão da evolução do sindicalismo e dos seus condicionalismos.

200 páginas / 60$00

7
Roger Garaudy
A PRIMAVERA DE GARAUDY

Garaudy, partidário do diálogo, disserta sobre temas fundamentais do nosso tempo e propõe caminhos à discussão ao longo de uma entrevista de Claude Glayman.

Colecção AS PALAVRAS E AS COISAS
236 páginas / 65$00

8
Margarida Noémia
SELECÇÃO CULINÁRIA

Além de apresentar mais de 1 000 receitas da cozinha nacional e estrangeira, dos melhores doces, coktails, xaropes e licores, esta utilíssima obra contém ainda indicações sobre a «etiqueta da mesa», como bem receber convidados e responder a convites.

Capa especial em tela / 1 050 páginas / 330$00.

9
Alba de Céspedes
A REBOLONA

Dezassete traduções e um filme garantem a este livro um êxito que, independentemente disso, é justificado pelo estilo e pela ironia cáustica com que a autora castiga a sociedade italiana.

Colecção METAMORFOSES / 372 páginas / 75$00

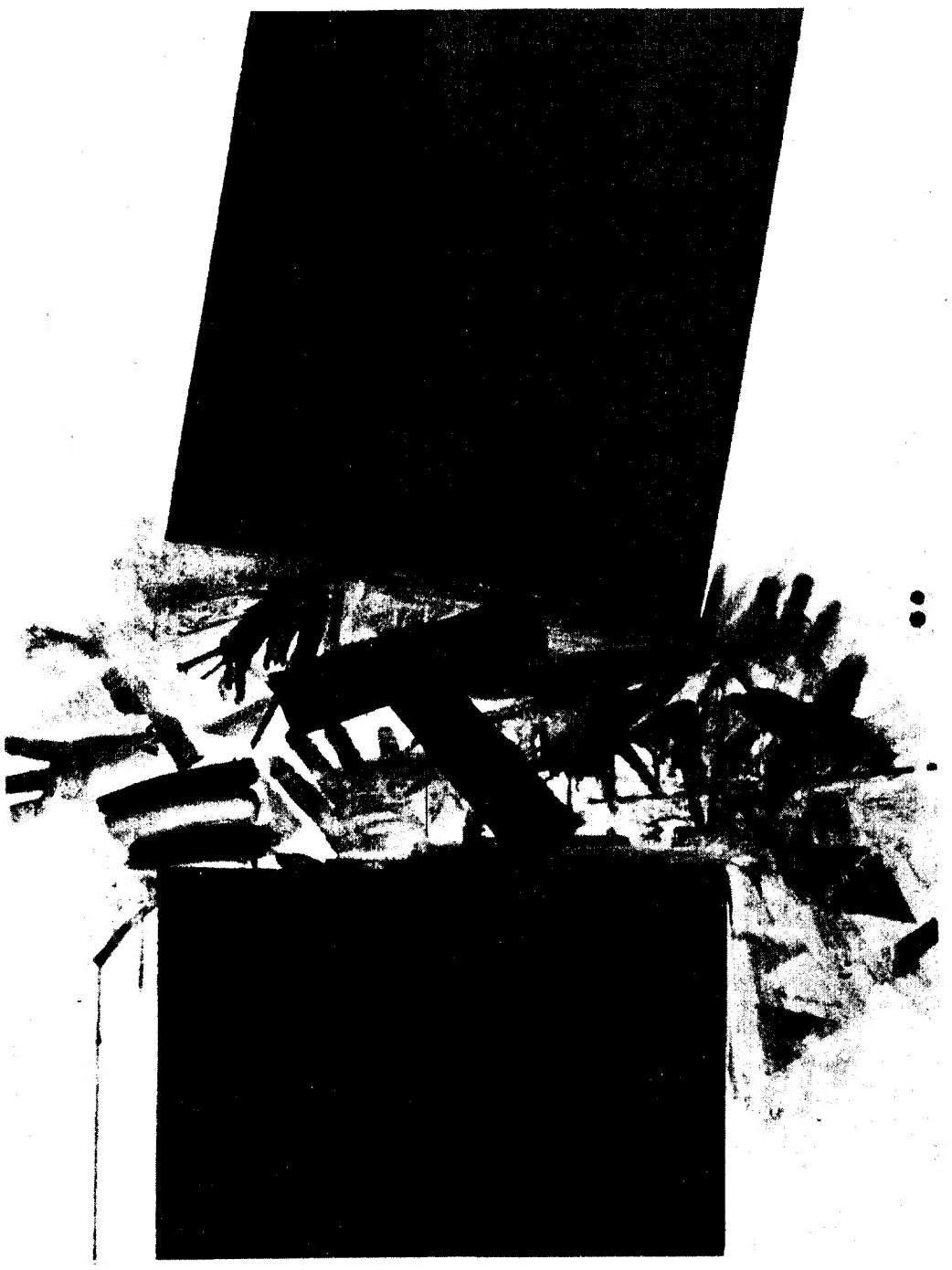
EDITORIAL INOVA / APARTADO 466 □ PORTO

Artes Visuais

EXPOSIÇÃO DE CHARRUA

Por ROCHA DE SOUSA

A obra de António Charrua, pelo menos desde 1965 e apesar das suas correspondências com outros itinerários, mantém orgulhosamente uma identidade peculiar. A um certo nível de leitura, no reconhecimento dos materiais utilizados e nas formas de manipulação aí verificadas, a pintura deste autor permite-nos fazer a síntese evocativa — e para citar apenas dois exemplos — das raízes do expressionismo e do informalismo. O gosto pela matéria determina-se sobretudo na presença física do gesto e na marca expressa dos instrumentos sobre o derrame informal das tintas. Essas tintas, cuja importância é notória no programa de Charrua, aparecem trabalhadas na superfície de uma maneira agressiva e descontínua — traição deliberada, exemplar, às elaborações de um naturalismo já recusado. A relação primária estabelecida entre a tela e as matérias líquidas aí aplicadas raramente se altera dentro do quadro, se exceptuarmos uma fase em em que a colagem surgiu simultâneamente com um valor contrapontístico e de mensagem. Nesses casos, como se afirma, a colagem não se destinava a reforçar a presença vibrante das matérias, introduzindo na tela um valor de textura rugosa cujo volume imprimisse às formas maior dramatismo. A colagem (de fotografias ou de objectos) vinha do exterior, conservando uma grande autonomia de significado, para estabelecer com as tintas uma relação prèviamente ponderada: negar a suficiência do acto pictórico, pô-lo em crise, e agir sobre o resultado, significando-o.



A pintura de Charrua emerge igualmente de constantes acentuações dos elementos representados. As figuras sofrem distorções mais ou menos nítidas que sublinham fortemente a sua tonalidade expressiva: todo esse exercício de exacerbação dos dados pictóricos, encarniçando-os no seio das formas, destina-se a operar uma comunicação mais directa e turbulenta, a repor a inspiração de uma pintura onde se vive desesperadamente a consciência dos seus meios e dos seus limites, a refazer por fora a relação sempre em crise definida entre o espectador e a obra. Assim se compreende, por exemplo, que tendo a pintura de António Charrua, por vezes, uma inspiração directa na geometria do quotidiano, nas faixas coloridas dos anúncios vulgares ou de certos objectos de utilidade, nunca procure traduzir irònicamente o rigor desses elementos e dessas aparências. Pelo contrário, Charrua recusa fundamentalmente, enquanto pinta, toda a tradução literal das aparências estimulantes. Quase díriamos que a sua obsessão pelas faixas coloridas (elemento que invade largamente o campo dos seus quadros) parece, com efeito, resultar da necessidade de expressamente contrariar o rigor e a ordem natural da percepção. As faixas constituem uma realidade cuja destruição, no campo pictórico do autor, não pode oferecer a menor dúvida: a pintura alheia-se aqui de todo o apuramento gráfico, do gesto disciplinado e mimético, para se assumir no domínio dos seus valores essenciais, para ser antes de tudo pintura. Mas sendo-o de uma forma sensual, explosiva e directa.

O PAPEL DO OBJECTO

Durante algum tempo, e em certos quadros, a fotografia-documento-da-actualidade entrou na pintura de Charrua com o peso e o impacto da sua condição de documento. O significado do documento era acentuado pela natureza da forma pictórica, pela presença torturada e caótica dessa forma. Mas a pintura, constituindo-se suporte do documento fotográfico, era também resinificada por este. De qualquer maneira, a pintura era posta em crise pela presença de um elemento estranho à sua vida e necessário à vontade de comunicação do pintor. A pintura era remetida para a contingência dos seus limites e a ela somavam, vindos do exterior, os elementos que expremiam directamente um mundo próximo, de trocas, consumos e desperdícios; um mundo que se impunha com violência ao artista e que se esquivava aos movimentos de apropriação (ilusórios) estabelecidos de forma sempre precária ao nível do acto pictórico. Impondo a presença do objecto à realidade do quadro tradicional, Charrua contrariava a pureza alienante da pintura, contestava-a na sua essência, e procurava dessa maneira controlar a mensagem a partir dos elementos recuperados que manipulava contra a superfície pintada.

Aproximando-se formalmente da experiência de um Rauschenberg, Charrua não só libertava o gesto e o seu resultado plástico, como assumia com feroz determinação esse acto brutal de colagem, de contradição, sobrepondo às manchas informais da tela objectos imprevistos, escultóricos, cujo recorte tridimensional não se ajustava à realidade do quadro e exprimia esse vasto repositório das coisas abandonadas e marginalizadas pelo consumo. Em Rauschenberg tal comportamento tem momentos decisivos (como em Monogram, 1959, Canyon, 1959 e First Landing Jump, 1961), sendo a pintura trespassada e interessada por objectos que reinventavam, de uma forma paradoxal e absurda, um mundo de presenças popularmente significantes. Charrua incorre num projecto semelhante, primeiro para atingir também as formas de um mundo reconhecível e excessivo, e depois para estabelecer com veemência e alguma ironia a ruptura entre o quadro e a realidade. O quadro parecia exprimir um trajecto possível entre a sua aparência e a percepção de uma realidade que lhe era exterior. Mas essa relação malograva-se ao cabo de um acto crítico posterior e inevitável: a pintura era apenas uma projecção metafórica e ilusória de um mundo opaco, tridimensional, que contra ela se constituía, que dela se destacava em perfeita independência e propondo sùbitamente um vasto conjunto de novas relações. Entre a representação dos objectos e a presença real desses mesmos objectos estabelecia-se uma ponte ambígua que a todo o momento se podia desfazer. Através dessa ponte, o espectador circulava em estado de insegurança e apercebia-se dos equívocos da representação, por um lado, e da aparência dos objectos, por outro. Só nessa medida, e muitas vezes contraditòriamente, didácticamente; a pintura de António Charrua aflorava uma proposição irónica: ao nível da superfície pintada, a representação de uma cadeira emergia em silhueta ou em «ausência», divorciando-se de um contexto plástico cheio de vibração, e fora do quadro, presa a ele por um cordão umbilical grosseiro, a cadeira real oferecia-se aparentemente ao seu funcionamento verdadeiro. No entanto, esse funcionamento, tanto no caso da cadeira como noutros casos paralelos, acabava por ser contrariado pela introdução de um elemento discordante: a cadeira aparecia inutilizada por um conjunto de dentes dispostos regularmente na superfície do assento. As relações entre o quadro e o objecto que dele se destacava estabeleciam simultâneamente a crise da pintura, relativamente à contingência da representação unilateral no plano, e a negação do modelo assumido no espaço real. A posição crítica do espectador era portanto dinamizada por este sistema de relações, de paralelismos, semelhanças e oposições.

FIDELIDADE A UM ITINERÁRIO

Mantendo a coerência do seu itinerário, por muito discutíveis que sejam os seus meios, Charrua volta na sua recente exposição a enfrentar aquela problemática. É evidente que não se propôs inovar os aspectos formais já apontados e apenas os conduz de acordo com uma linha pictória menos carregada de explicitações. Os objectos (reais ou representados) que de novo entram na construção do quadro permitem sobretudo uma meditação em torno do próprio comportamento da pintura, exprimindo mais uma vez a impossibilidade dessa pintura captar o real e mostrando, no entanto, que é nesse real que ela colhe o seu verdadeiro impulso e a sua razão de ser. Os sinais utilizados (e ao mesmo tempo os objectos sobrepostos à pintura) não estabelecem apenas uma relação significativa imediata com a realidade envolvente impõem a desmistificação do objecto pictórico, contribuindo para uma sucessiva construção de novos significados. A palavra BANDEIRA, assinalada emblemàticamente numa das pinturas, desmembra-se na superfície em valores gráficos de significação diferente, desde o embrião de uma outra palavra possível (BANDI...) até à sigla BB. As possíbilidades de manipulação dos elementos, nesse quadro, contrariam a noção de um ponto de partida fixo e passam sobretudo a depender da atitude imaginante do espectador. Noutro caso, perante três telas quase esvaziadas de acção pictórica, mas diferenciadas na sua sinalização elementar, a liberdade de fruição é ao mesmo tempo comprometida e dilatada por um elemento exterior que liga os quadros — um elemento físico, irónico e arbitrário, uma corda real. O aprisionamento das três telas numa única sequência permite ao espectador várias posições de análise: a) a individualidade aleatória dos quadros; b) a organização aleatória da sequência; c) a validação possível da sequência; d) a necessidade de romper a ordem da sequência; e) a noção de que a ordem imposta pelo artista é por excelência modificável.

Estas implicações da actual pintura de Charrua continuam, no entanto, a decorrer sobre um fundo pictórico demasiado activado. Esse fundo reporta-se a uma formulação plástica que se distancia dos problemas tratados, contrariando por vezes as linhas de leitura potencialmente estabelecidas.

S.N.B.A. 70 anos de actividade

A Sociedade Nacional de Belas-Artes atingiu em 1971 os setenta anos de existência. Para assinalar esse facto, a Direcção da Sociedade, em colaboração com o Conselho Técnico, decidiu abrir as actividades desta temporada com manifestações que de alguma forma contribuam para estabelecer o convívio da vida associativa, marcando ao mesmo tempo o campo das principais atribuições do Organismo. Nos últimos dias do mês de Novembro serão inauguradas simultâneamente duas exposições, uma constituída por obras de pintura e desenho pertencentes ao património artístico da Sociedade e outra com desenhos de artistas actuais, escolhidos entre a produção mais recuada dos respectivos autores. Esta última iniciativa, entre outras que serão praticadas, tem o interesse de reperspectivar o itinerário artístico dos autores participantes, estabelecendo uma ligação crítica entre a sua produção actual e as suas formas anteriores. A revelação de parte do património artístico da Sociedade, no qual se incluem obras de autores muito significativos, tem o mérito de focar toda uma acção já cumprida e de recuperar para uma visão actual o testemunho de outras gerações.

Entre outras manifestações para assinalar os setenta anos da Sociedade Nacional de Belas-Artes, destacam-se um espectáculo de teatro que será montado no Salão Principal e a audição de um coro, sob a responsabilidade de Lopes Graça. Essas manifestações verificar-se-ão no dia 30 de Novembro e no dia 15 de Dezembro, respectivamente.

Por outro lado, procurando responder estritamente às necessidade de ordem associativa, a Sociedade aceita inscrições de novos sócios sem pagamento de jóia durante todo o mês de Dezembro, favorecendo na mesma altura a exposição livre, sem selecção e sem qualquer condicionamento de ordem estética, de obras dos sócios. Essa faculdade será extensiva quer aos sócios que se encontram no exercício dos seus direitos, quer aos sócios antigos. Esta iniciativa, que não pretende de forma nenhuma equivocar uma orientação estética exigente e actual estabelecida para o programa de actividades culturais da Sociedade, procura sobretudo cobrir uma necessidade de convívio, facultar e fomentar o exercício da vida associativa, respeitar o apelo de muitos sócios que não têm habitualmente possibilidade de manifestar as suas experiências e de confrontar com os outros as suas ideias.